

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DAIANE SILVA SANTOS

**“NEM A DOR, NEM O SOFRIMENTO, ESCREVO PARA QUE EU CONTINUE
SENDO REFEITA”: ESCRIVIVÊNCIA, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA**

SÃO CARLOS - SP

2025

DAIANE SILVA SANTOS

**“NEM A DOR, NEM O SOFRIMENTO, ESCREVO PARA QUE EU CONTINUE
SENDO REFEITA”: ESCRIVIVÊNCIA, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação no Centro de Educação e Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de São Carlos, na linha de pesquisa: Educação, Cultura e Subjetividade, como requisito para a obtenção de título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis

SÃO CARLOS - SP
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Daiane Silva Santos, realizada em 18/08/2025.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis (UFSCar)

Profa. Dra. Poliana Rezende Soares Rodrigues (UFPI)

Profa. Dra. Edmacy Quirina de Souza (UESB)

Profa. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues (UFSCar)

Profa. Dra. Andreia Aparecida Marin (UFTM)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Uma mulher fala

*Marcada pela lua e tocada pelo sol
minha magia é inescrita
mas quando o mar der a volta
deixará meu contorno na areia.*

*Não busco favores
intocada pelo sangue
implacável como a maldição do amor
perene como meus erros
ou meu orgulho
eu não misturo
amor com piedade
nem ódio com desdém
e você me conheceria se
procurar nas entranhas de urano
onde oceanos inquietos se agitam.*

*Eu não habito
o meu nascimento nem as minhas divindades
quem sou atemporal e imatura
e ainda em busca
de minhas irmãs
bruxas no Daomé
que me usam dentro de seus panos de costas
como nossa mãe de luto.*

*Tenho sido mulher
há muito tempo
cuidado com meu sorriso
sou traiçoeira tenho magia antiga
e a nova fúria do meio-dia
com todos os seus futuros amplos
prometidos*

*Eu sou
mulher
e não branca.*

Audre Lorde

*Em memória do meu pai, Daniel Braz dos Santos, e
à minha mãe, Maria de Fátima da Silva Santos, por tudo e por tanto.*

Em memória do meu tio, José Adenildo da Silva.

Agradecimentos

Ao meu pai, meu ancestral Daniel Braz dos Santos, e à minha mãe, Maria de Fátima da Silva Santos, pela vida, pela fé na vida e por me brindarem a vida com esperança;

À minha irmã, Daisla Silva Santos, e ao meu sobrinho, Carlos Daniel, que me mobilizam a sonhar e a não temer o amanhã;

A Gersiney Santos, aquele que com seu olhar generoso, sempre me faz acreditar que sou melhor;

À Erika Oliveira, pela amizade bonita que temos construído ao longo dos últimos anos;

À Mila Rodrigues, por todo o apoio que recebi durante a minha trajetória até aqui;

À Jessica Cantão, que tantas vezes me recebeu em Cuiabá, pela escuta e pela companhia;

À Naiana Marinho Gonçalves, pelos cafés;

À Gabriela Santos, amiga com quem sigo compartilhando as angústias desta jornada acadêmica;

À Ayodele Floriano, por me acolher na cidade de São Carlos;

À Monique Rosa, por me abrir as portas da sua casa;

À Sarah Lis, pelos abraços e pela doçura nas palavras;

À Mayra Santos, Valdirene Ferreira e Ana Maria, pelas possibilidades de companhia e troca durante o período do doutorado;

À Débora Campos e à Erlinda Parris, minhas companheiras durante o tempo em que estive na Colômbia;

A todos os meus amores, que, mesmo não nominalmente mencionados, deixaram em mim marcas;

A Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade pela abertura de criação de trabalhos insurgentes;

Ao Grupo de Estudos Educação e Relações Raciais, pelas partilhas e leituras;

Ao Centro de Estudios Afrodiaspóricos (CEAF), por me receber com carinho e afeto na Colômbia;

Ao Nilson Fernandes Dinis, pelo apoio e orientação ao longo de todo esse percurso de doutoramento;

À Capes e ao CNPq, por tornarem possível a realização desta pesquisa.

Resumo

Nesta escrevivência, costuro estratégias de sobrevivência e resistência que elaborei como menina e mulher negra nos espaços educacionais que transitei. Fundamentada no conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2016; 2020) e no princípio da encruzilhada de Leda Maria Martins (2003), reúno fragmentos dos meus diários manuscritos (2012-2021), registros crus do ensino médio ao mestrado, e dos diários construídos durante o percurso do doutorado (2022-2025). A partir disso, narro como meu corpo experimentou trânsitos e deslocamentos no espaço formativo familiar, religioso e acadêmico. Em continuidade, apresento as contradições e potencialidades de cada um desses espaços, à medida que também denuncio as desigualdades étnico-raciais existentes frente às estruturas vigentes. Mostro como a escrita atuou como força de reinvenção e como as redes de cuidado sustentaram minha existência. Afirmo que esta escrevivência é em si uma tecnologia de resistência negra, uma vez que as vivências encarnadas revelam que o corpo dissidente, operando na encruzilhada de tempos e memórias, produz conhecimento-vida por meio da escrita.

Palavras-chave: Escrevivência; Escrita; Memória; Educação; Mulher Negra.

Abstract

In this *escrevivência* (life-writing), I stitch together strategies of survival and resistance that I developed as a Black girl and woman in the educational spaces I traversed. Grounded in the concept of *escrevivência* by Conceição Evaristo (2016; 2020) and the principle of *encruzilhada* (crossroads) by Leda Maria Martins (2003), I gather fragments from my handwritten diaries (2012-2021), raw records from high school to my master's degree, and from the diaries built during my doctoral journey (2022-2025). From this, I narrate how my body experienced transitions and displacements in the formative spaces of family, religion, and academia. Furthermore, I present the contradictions and potentialities of each of these spaces, while also denouncing the existing ethnic-racial inequalities in the face of the prevailing structures. I show how writing acted as a force of reinvention and how networks of care (affective, familial, and institutional) sustained my existence. I affirm that this *escrevivência* is in itself a technology of Black resistance, since embodied experiences reveal that the dissident body, operating at the crossroads of times and memories, produces life-knowledge through writing.

Keywords: *Escrevivência*; Writing; Memory; Education; Black Woman.

Resumen

En esta *escrevivência* (escribir-viviendo), tejí estrategias de supervivencia y resistencia que elaboré como niña y mujer negra en mi tránsito por los espacios educativos. Fundamentada en el concepto de *escrevivência* de Conceição Evaristo (2016; 2020) y el principio de *encruzilhada* (encrucijada) de Leda Maria Martins (2003), reúno fragmentos y registros crudos de los manuscritos de mis diarios desde la secundaria hasta la maestría (2012-2021), y del doctorado (2022-2025). Desde ahí, narro cómo mi cuerpo experimentó tránsitos y desplazamientos en espacios formativos familiares, religiosos y académicos. A continuación, expongo las contradicciones y potencialidades de cada espacio, denunciando las desigualdades étnico-raciales ante estructuras vigentes. Doy cuenta de cómo la escritura actuó como fuerza de reinención y cómo redes de cuidado (afectivas, familiares, institucionales) sustentaron mi existencia. Afirmo que esta *escrevivência* es en sí misma una tecnología de resistencia negra: las vivencias encarnadas revelan que mediante la escritura, el cuerpo disidente, operando en la *encruzilhada* de tiempos y memorias, produce conocimiento-vida .

Palabras clave: *Escrevivência*; Escritura; Memoria; Educación; Mujer Negra.

Sumário

Apresentação	8
1 Quantos afetos cabem numa tese?	11
1.1 <i>Caminho se conhece andando</i>	17
2 O começo, o meio e o começo	21
2.1 <i>Orfã de pai, órfã de país</i>	21
2.2 <i>Procuro as pontas que me atam, pontas que me tecem</i>	23
3 Na casa do Pai: O sagrado e o segredo	32
3.1 <i>Onde o divino mora</i>	35
3.2 <i>E qual é a parte de Deus?</i>	42
4 Afétos: Redimensionando a escola	47
4.1 <i>A queda do Paraíso: Universo em desencanto</i>	56
4.2 <i>Prelúdio do fim</i>	64
5 À sombra do profano	70
5.1 <i>Desencontros: O (não) lugar da universidade</i>	74
5.2 <i>(Re)encontros: Um lugar na universidade</i>	83
6 Cigarro aceso ilumina a solidão do centro	90
7 Não sei se escrevo bem, se escrevo mal, sei que agora escrevo	105
8 Você não está de férias na Colômbia?	112
9 y disfrutar todo en vida	133
Referências	140

Apresentação

Aprendi com Conceição Evaristo (2020) que, para corpos marginalizados, escrever está para além de uma simples percepção da vida; é um ato de insubordinação e autoinscrição no mundo. Com ela, compreendi que minha escrita talvez tenha sido meu maior gesto de insubordinação na existência, pois, através dela, pude encontrar a minha voz.

E, mesmo com o medo da censura e da punição, encontrei coragem para dizer que, em muitos momentos, eu não concordava com a vida. Eu discordo da vida. Discordo das condições que me foram impostas. Discordo da vida e é por isso que escrevo. Eu não aceito a resignação.

Muitas vezes, tenho a sensação de que escrevi este trabalho há muito tempo e que agora continuo algo que comecei lá atrás. Penso, assim como Leda Maria Martins (2003), que “nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta” (p. 75), espaço em que me vejo em um reencontro com as palavras que lancei no tempo. Assim, não me foi possível estar presa a uma ordem cronológica dos acontecimentos e para compor o escopo dessa pesquisa trago os distintos momentos de registro dos meus diários pessoais, misturei idiomas e linguagens, a fim de construir um texto, em que o tempo se dobra, onde o passado não está atrás e o futuro não está à frente, mas tudo coexiste.

Creio que a escrita dos diários surgiu por volta dos 15 anos de idade. Eu, que não tive baile de debutantes, sentia que precisava encontrar um lugar no mundo, ou quiçá um lugar para escapar dele, afinal, eu estava viva e tinha que fazer algo com isso. Escrever ocupava o lugar de uma existência sem autorização. Ali, eu contava segredos, dúvidas, inseguranças, medos e anseios. Os diários eram fuga e alívio, um território onde eu podia ser tão verdadeira que nenhum constrangimento moral era maior do que eu mesma. Eu era grande enquanto escrevia.

Rejeito a ideia de causalidade e linearidade das experiências que narrei, reconheço nelas a contradição e a multideterminação. Evoco a música¹ e a poesia para que possamos nos ater ao sensível, às zonas de silêncio, às lacunas e ambiguidades. São mais de uma década de escritos do cotidiano, espaço em que percebi que aprender tem corpo. E, como o corpo, essa escrita se curva, encolhe, expande e espalha.

Por isso, a estrutura desta tese é dobradiça, está apresentada em nove capítulos, organizados a partir dos temas encontrados nos diários, com o objetivo de compor uma escrevivência dos lugares que constituem a minha trajetória educacional. Busco, nas reminiscências da memória, encontrar as condições, os espaços e as estratégias de sobrevivência e resistência que desenvolvi para permanecer aprendendo e seguir me formando.

Em um primeiro momento, apresento os cenários de escrita da tese e a metodologia utilizada: a escrevivência, que nos autoriza a escrever em primeira pessoa, mas que não se limita a isso. Afinal, nem toda escrita em primeira pessoa é uma escrevivência, e nem toda escrevivência está em primeira pessoa.

No segundo capítulo, *O começo, o meio e o começo*, narro a experiência de ingresso no doutorado permeada por perdas e lutos em função da pandemia da Covid-19 e faço uma denúncia às desigualdades étnico-raciais em saúde. Ao contar meus mortos e ao rememorar essas ausências, afirmo que nossos lutos não nos permitirão esquecer a barbárie. Continuaremos a ressurgir.

No capítulo três, *Na casa do Pai: O sagrado e o segredo*, trago a dualidade dos espaços formadores em que vivia: a igreja e a família. Escrevo sobre o exercício do poder hegemônico em nome de Deus e do pai, bem como, o ocultamento da nossa condição social, racial e de gênero por meio dos dogmas e das doutrinas institucionais religiosas.

No capítulo quatro, *A(fé)tos: Redimensionando a escola*, trouxe minhas primeiras memórias escolares ao chegar ao estado de Mato Grosso. Falo sobre a literatura como espaço de fabulação e a escola como espaço de questionamentos sobre minha fé religiosa.

¹ *Com quantas paixões se faz uma tese?* Playlist com as músicas citadas ao longo deste trabalho. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/0RvibrKHJByYdBNfLdLXer?si=01398ed3b7464fe4>. Spotify. Acesso em: 11 jun. 2024.

Em *À sombra do profano*, falei sobre a universidade como local de produção de deslocamentos referentes à religiosidade e explorei a expansão dos valores individualistas como promessa de liberdade e salvação na vida acadêmica. Na universidade, trouxe o movimento de retorno a minha cidade de origem como momento simbólico de pertencimento e encontro, a partir de uma redescoberta sobre meu passado.

Cigarro aceso ilumina a escuridão do centro é o trecho de um poema recitado por um MC de Rondonópolis, trago para compor esse título, porque decidi escrever sobre os pontos de luz que se acendem quando não conseguimos enxergar. Desse modo, trago as imagens de uma cidade que eu lia através da escrita dos muros e os modos como me movi com outras pessoas para construção de um lugar no não lugar.

No capítulo, *Você não está de férias na Colômbia?*, eu apresento a minha experiência e pesquisa desenvolvida no doutorado sanduíche, os encontros e afetações com a escrita de mulheres negras na Colômbia.

Por último, *Y disfrutar todo en vida*, faço uma retomada das discussões apresentadas nos capítulos para refletir sobre as minhas condições de formação, onde a escrita aparece como força de reinvenção, enquanto as redes de cuidado, familiares, institucionais e afetivas, são reconhecidas como fundamentais para existência e resistência.

1 Quantos afetos cabem numa tese?

*É preciso ter sonho sempre,
quem traz na pele essa marca,
possui a estranha mania de ter fé na vida.*
Milton Nascimento

Eu tenho silêncios entalados na garganta, por vezes, eu gostaria mesmo era de gritar. Tenho sido consumida pelo desejo de dizer coisas feias ao mundo e sinto que - muitas vezes - é difícil escrever, a paralisia me consome. Há domingos, em que gostaria de rasgar o peito com as unhas. "Coloque suas tripas no papel", nos convoca Gloria Anzaldúa (2021); "Eu queria me matar no texto", nos conta bell hooks (2019); "Na escrita eu sangro", nos diz a personagem Bica por meio de Conceição Evaristo (2014).

O trabalho da escrita não me é fácil. bell hooks (2019) escreveu que, com o tempo, escrever se tornava mais fácil e prazeroso, enquanto escrever menos tornava a tarefa árdua. Me pergunto se escrevo pouco, se deveria insistir mais, se a dificuldade vem da falta de prática. Ao mesmo tempo, busco não fazer da escrita o meu martírio como a ordem do dia.

Confesso que mesmo quando sou arrebatada pela voluptuosidade da escrita, eu ainda preciso voltar e aparar arestas. Voltar também é difícil. Por muitas vezes, essa tese apresentou-se como um exercício quase intransponível. Eu tenho voltado. Voltado para não esquecer.

Não raramente, me detenho, mastigo, rumino o mesmo parágrafo por dias, às vezes semanas. Tomo inúmeros banhos durante o período de escrita, roo as unhas, busco algo para comer na geladeira, volto ao texto, preparo um café. Meu tempo é outro. Me distraio fácil, me custa focar. Durmo no meio da tarde, acordo no meio da manhã, vou ao supermercado no meio da noite. Essa tese é uma escrita em meios. Em meio ao doutoramento, mas também em meio à rua, à cozinha, ao quarto. Em meio ao Brasil, em meio a Colômbia. Em meio a mortes, a nascimentos. Em meio a mim, em meio à vida, em meio ao mundo. E, justamente por isso, começo o quanto antes para não perder os prazos e alimentar os amores.

Em uma pequena caixa de afetos na segunda gaveta do meu guarda-roupa, guardo o presente de minhas correspondências com cartões e fotos. Diante dessa caixa, eu sou capaz de lembrar de uma escrita que comunica meus afetos, de uma escrita comunal, como diz Gloria Anzaldúa (2021). Então, ainda que fisicamente sozinha, eu trago em mim uma comunidade, e junto à escrivaninha do meu quarto, tomo uma taça de vinho tinto enquanto escrevo e percebo que de modo semelhante à Bica, “Gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida” (Evaristo, 2014, p. 108).

E quando a embriaguez desvia meus pensamentos da escrita, posso ouvir Liniker, Luedji Luna, Rico Dalasam ou telefonar para uma pessoa querida e descansar, pois poderei acordar pela manhã, abrir as janelas, preparar meu café e silenciosamente retornar ao texto. Se me perguntarem: Quantas perdas cabem numa tese? Quantas faltas cabem numa tese? Quantas angústias cabem numa tese? Ou quantas saudades cabem numa tese? Irei responder: Incontáveis. Mas também posso afirmar que incontáveis são as alegrias, as paixões e os encontros que permearam o meu curso de doutorado.

Quero trilhar e (re)descobrir o caminho de fazer ciência vestindo a minha própria pele, pois comumente ao redigirmos um trabalho acadêmico, ocultamos e silenciamos as circunstâncias que o moldaram. Raramente ousamos revelar as condições em que nossas ideias ganham forma, mesmo quando nos valem de teorias que reivindicam um ponto de vista localizado.

Logo, sentimo-nos inibidas em relação à possibilidade confissão: Ao escrever o primeiro capítulo, eu estava dilacerada após o fim de um relacionamento. No segundo capítulo, adoeci e o barulho da rua abafava até mesmo os meus próprios pensamentos. Em todo o texto, as dores na lombar foram minhas constantes companheiras. Ou compartilhar: Jamais imaginei que esse texto terminaria dessa forma. Escrevi esse trabalho com minha filha no colo! Como Conceição Evaristo (2017), escrevo sobre as paixões que nos conectam à vida, sobre as coisas que nos fazem desejanter. Escrevo sobre o que capturei com minhas vivências: Escrevivências. E assim compartilho como fazer pesquisa sem me dissipar.

Creio que o meu encontro com a escrevivência deu-se antes de conhecê-la enquanto conceito, a partir do momento da minha inscrição no mundo por intermédio das palavras, ao marcar o desejo de fincar os pés na existência. Afinal, “o que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a buscarem o movimento da escrita”? (Evaristo, 2020, p. 35). Eu, assim como muitas outras mulheres, não cresci rodeada de livros ou de leitores, mas estive cercada de histórias, profecias, parábolas, palavras e imagens.

Vejo as folhas desse caderno irem embora e penso comigo, não consigo escrever quase nada sobre algum tema específico exigido após a leitura de um texto, mas fico feliz, porque tenho algo a dizer em relação a mim, tenho algo a falar de mim, posso me colocar no mundo por intermédio da minha escrita, posso ser EU, posso ao menos tentar... (Rondonópolis, 13 de agosto de 2014).²

Para Angela Dannemann (2020), a adoção da escrevivência desperta o desejo de expressar nossos sentimentos, documentar nosso cotidiano, memórias, interesses e lembranças, seguindo a tradição do diário ou das cartas familiares. A prática dessa escrita não necessariamente visa a publicação, mas o registro e o compartilhamento, a vontade de sermos lidas e compreendidas.

Dessa maneira, trago para a construção dessa pesquisa aquilo que meu corpo negro viveu e escreveu: os retalhos de diários de uma menina que escrevia para ter algo no mundo (Evaristo, 2016; 2020).

Eu escrevo por que ainda não encontrei outra maneira de me expressar... (Rondonópolis, junho de 2012).

O fragmento do diário apresentado acima mostra o modo como percebo a inevitabilidade da escrita: “não encontrei outra maneira”. É nessa pulsão vital, nessa urgência de dizer, de existir pela palavra, que sou movida até o cerne desta pesquisa. Neste trabalho, reivindico a escrita como local de possibilidade narrativa, mas não como linguagem única.

Nessa acepção, o presente texto é composto pelo elo entre os diários redigidos ao longo do percurso do doutorado (2022 a 2025) e os diários pessoais (2012 a 2021).

² Durante a transcrição dos diários, optei por manter a escrita de forma semelhante ao texto manuscrito de modo a manter o texto próximo ao original.

Os primeiros foram escritos a partir do exercício reflexivo propiciado pela experiência do doutoramento, com uma intenção direta de vinculação à pesquisa. Os últimos são registros que capturam a vida de forma crua e estão representados por cinco cadernos manuscritos que abrangem o decurso entre o ensino médio e o mestrado.

Após uma leitura completa de todos os diários, o conteúdo manuscrito foi transcrito e aparece nessa tese meticulosamente recortado, costurado e reescrito. Os diários, concebidos digitalmente durante o doutorado, dispensaram a etapa de transcrição e são aqui apresentados em fragmentos, selecionados para compor a tessitura desta escrevivência.

A organização do texto se deu, conforme Leda Maria Martins (2003) na encruzilhada, isso significa que o modo de operar e de fazer essa tese foi orientado pelas convergências, rupturas e multiplicidades. Nada foi definido previamente, tudo se construiu à medida que a escrita se consolidava, em um movimento que reflete o próprio gesto da escrevivência: não linear, mas guiado pela memória, pela experiência e pelas afetações.

Reúno meus fragmentos com a finalidade de costurar uma tessitura de conhecimento que emerge de uma experiência viva e encarnada. Narro os caminhos que trilhei com o objetivo de apresentar as estratégias de resistência e sobrevivência que elaborei. Nesta pesquisa, estive atenta aos pontos de interseção, nos quais nossas experiências se encontram e entrelaçam. Tal como bell hooks (2015) nos ensina, para nós, mulheres negras, e para outros grupos marginalizados, a consciência das estruturas de opressão – racismo, sexismo e patriarcado – muitas vezes se enraíza nas próprias experiências cotidianas de resistência e sobrevivência que buscamos aqui apresentar.

Compreendo que parte do meu trabalho enquanto pesquisadora possui por premissa salientar a perspectiva sobre os problemas que nos afetam, retomar nossa memória forjada na queima de documentos, e dessa maneira recompor e narrar nossas histórias socialmente esquecidas e marginalizadas. Todavia, compreendo, assim como Patricia Hill Collins (2019), que apesar de enfrentarmos desafios em comuns como mulheres negras, isso não significa que tenhamos passado pelas

mesmas experiências e tampouco concordamos quanto ao significado de nossas experiências.

Assim, quando Conceição Evaristo (2020) nos diz que “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (p. 54), destaca-se a necessidade de desafiar e confrontar as narrativas de conhecimento dominantes.

Em consonância com essa perspectiva, estabeleço diálogo com a filósofa Sueli Carneiro (2005), que denomina epistemicídio o movimento que fere e massacra politicamente e culturalmente todos os sistemas de conhecimento de um povo. Para além de uma ferramenta de dominação étnica/racial, o epistemicídio nos relega a uma condição de um Outro. Este cenário implica na supressão brutal de outros modos de conhecimento, anulando não apenas formas de pensamento, mas outras existências e outros modos de vida.

A escrevivência, por sua vez, incorpora uma cosmovisão afro-brasileira em sua gênese e recusa uma escrita fundamentada no reflexo de uma modernidade que contempla a si mesma, nas palavras de Conceição Evaristo:

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá (Evaristo, 2020, p. 38).

O espelho de Oxum nos convoca a olhar para dentro, para a nossa interioridade, mas também para a ancestralidade que habita em nós. Nesse sentido, Patrícia Hill Collins (2019, p. 423) nos convida a aparecer, ela nos diz que “toda ideia tem um dono e a identidade desse dono é importante”. E aqui estamos nós, assumindo ideias, tendo em vista uma escrita enraizada em nossos próprios corpos. Uma escrita que tem cor, pele, sangue e suor, uma escrita que emerge das entranhas de um povo que luta incansavelmente pela própria vida.

Diante disso, afirmo que essa pesquisa não assume os pressupostos de racionalidade, universalidade, neutralidade e objetividade científica, todavia comprometo-me com a criação de uma narrativa vivenciada por corpos semelhantes

ao meu. A vulnerabilidade nos autoriza a experienciar um espaço, em que não há uma separação entre a pesquisa que conduzo e a inscrição do meu corpo no mundo.

[...] insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimentaria (Evaristo, 2009, p. 18).

Na perspectiva de Conceição Evaristo (2009), a escrita está indissociada da nossa experiência enquanto sujeitos, mas ela não está configurada como uma reprodução literal da vida, trata-se de uma performance, um gesto, um modo de nos agarrar à vida e encontrar significados para a existência. Se entre o acontecimento e a narração, existe um espaço, uma brecha e uma fenda, as histórias assumem um caráter ficcional quando são contadas, mesmo aquelas que são reais. (Evaristo, 2017). Em síntese, não somos as palavras, não somos o texto, não somos a tese.

Certamente, o mais importante para todas nós, escreve Audre Lorde (2019), “é a necessidade de ensinarmos a partir da vivência, de falarmos as verdades nas quais acreditamos e as quais conhecemos, para além daquilo que compreendemos. Porque somente assim podemos sobreviver [...]” (p. 52).

Desse modo, a escrevivência permite-nos uma ruptura com as perspectivas tradicionais de construção de conhecimento e abre espaço para ouvir as vozes historicamente silenciadas, explorar nossa sensibilidade, nossas angústias e os nossos sonhos enquanto pesquisadoras.

Porém, como Audre Lorde (2019) nos lembra, nada disso ocorre sem medo, é um processo por vezes assustador por medo da visibilidade, do escrutínio e até mesmo do julgamento:

[...] já ia me esquecendo precisava falar dos meus medos, da minha insegurança, da minha ingratidão, e do tanto que tento me esconder, me escondo que me perco de mim mesma, já não consigo me encontrar pois não encontro o lugar de onde me escondi.

As vezes não quero ser achada, quero ficar ali... Camuflada entre as folhas verdes que mudam conforme as estações (Rondonópolis, 12 de janeiro de 2013).

No entanto, ao reconhecermos a inevitabilidade desses medos e nos recusarmos a permanecer em silêncio, encontramos força. Eu sabia que um mergulho na minha história não seria fácil, eu temia não estar fazendo a coisa certa:

Estou há algum tempo brigando com a minha escrita, adiando escrever o que desejo e me comprometendo com o que não desejo. Chorei na sessão de psicoterapia da semana passada, medo de errar, medo de falhar [...] Como não assumir nenhum compromisso com a própria coerência ou contradição, quando produzimos conhecimento, a partir da nossa própria experiência? (São Carlos, 27 de fevereiro de 2023).

Contudo, eu estava decidida a escrever e sentia que seria capaz de vencer o medo, a vergonha, a dor e a culpa que insistiam em me paralisar. Eu estava disposta a interromper o silêncio sobre as violências que ainda insistem em nos engolir vivas.

1.1 Caminho se conhece andando

*Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber³
Chico César*

Durante a transcrição dos meus diários, ao folhear cada página, encarei a resistência de revisitar partes feridas de mim e resgatar memórias que, por muito tempo, recalquei. Em muitos momentos, sou tomada pelo impulso de menosprezar essas palavras, rindo alto e desconcertada, como quem tenta dissipar a afetação e sussurra para si mesma: “Veja, isso não é tão importante”. E apesar da vergonha de parecer ser tão ingênua, tão honesta e me ver tão exposta, trago tudo à tona, porque, ainda reexistia e reexiste um desejo de transformar a vergonha em orgulho e descascar o medo para caber coragem, como naquela música da Liniker.⁴

³ Trecho da música *Deus me proteja* interpretada por Chico César.

⁴ Liniker. *Psíu*. Faixa 9. In: Índigo Borboleta Anil: Universal Music, 2021.

Ao reinscrever minhas histórias, recrio também a mim mesma, pois, como destacam Elizeu Clementino de Souza e Mariana Meireles (2018), os sentidos que os sujeitos atribuem a suas vivências revelam formas de interpretar o mundo e de construir compreensões de si, situadas em contextos sociais e marcadas por escolhas, valores e experiências.

Hoje já não tenho muito o que falar de mim... Às vezes sinto vergonha do que sou e até mesmo do que tenho... Descubro, então que eu ainda tenho que aceitar-me, amar-me e respeitar-me... Talvez isso demore ou exija um esforço que talvez eu não consiga... Mas eu preciso tentar, por que eu não quero me ver trancada, chorando pelos cantos (Rondonópolis, 20 de julho de 2012).

No trecho acima, observamos que a escrita não aparece em um lugar de plenitude, mas de alguém que está em processo, que admite o cansaço e a falta, reconhece as próprias limitações e anuncia que seguirá tentando. Eu estava determinada a tentar. Eu estou tentando. Eu estou fabulando. À medida que escrevo busco subverter a lógica do auto ódio, resisto à ordem dominante e reinscrevo novos sentidos para o viver. E isso é fabulação. Para Leda Maria Martins (2003), a fábula é um movimento de transformação, um rito de passagem que conduz da aflição, da fragmentação para uma nova configuração social, política, artística e filosófica.

Em 2020, quando eu escrevi o projeto de pesquisa para a seleção de doutorado, eu estava referenciada pelos trabalhos de dissertação das pesquisadoras Gabriella Santos da Silva⁵ e Graziely dos Reis Lemes⁶. A leitura do texto delas incomodava, ainda que eu não soubesse nomear, eu sentia uma convocação para a minha escrita.

Após a qualificação da minha dissertação em dezembro de 2020, a banca havia sido unânime na observação e no convite para que eu me incluísse no texto. E se agora eu iria dedicar mais quatro anos envolvida em um trabalho de pesquisa, eu não queria mais me afastar das questões suscitadas pelas perguntas que eu faria. bell

⁵ Silva, Gabriella Santos da. **A Colonialidade em meu corpo: As mulheres que vivem em mim falam por si**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2021.

⁶ Lemes, Graziely dos Reis. **Negra Lésbica: na ginga de uma identidade**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2019.

hooks (2019, p. 166), nos lembra que, “nas instituições educacionais onde aprendemos a desenvolver escrita e análise, também aprendemos a pensar, escrever e falar de uma maneira que tira a atenção da experiência pessoal”, todavia, segundo a autora, narrar nossas histórias pessoais é uma maneira de que as pessoas possam se conectar, especialmente se desejamos alcançar nossa comunidade.

E eu quero me comunicar e conectar com as pessoas, mas confesso que ao iniciar as primeiras leituras que orientaram o escopo metodológico da minha pesquisa, senti-me perdida. A única certeza que me acompanhava era a consciência dos desafios e o intuito de não promover ideias monolíticas sobre a comunidade negra ou falar sobre como conseguimos maravilhosamente superar as opressões (bell hooks, 2019).

Nesse sentido, a escrevivência nos ofereceu e viabilizou uma alternativa metodológica de caráter político e epistêmico. Como teci uma escrevivência? Ela me acompanha muito antes do doutorado, da tese ou de se tornar uma metodologia sistematizada. O embrião da escrevivência reside em meus primeiros registros, feitos para compreender o mundo ao redor. “Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas [...] uma pulsação antiga, que corre em mim por perceber um mundo esfacelado, desde antes, desde sempre” (Evaristo, 2020, p. 34-35). Assim, os diários aqui são mais do que materiais de análise, eles são o registro de uma escrevivência, de um profundo incômodo com o estado das coisas.

A leitura integral dos diários marcou o segundo momento do processo, realizada após anos sem que eu revisitasse esse material. Essa imersão em meu arquivo de memória revelou-se como um espelho que, constantemente, me convidava ao exercício de cuidado e coragem, mas também a questionar minha história por outros ângulos, a partir de um lugar diferente. Como coloca Conceição Evaristo (2020), escrevivência é, antes, interrogação.

Após a leitura, iniciei a transcrição e digitalização dos diários, que até então existiam apenas em versão manuscrita. Esse processo foi atravessado por escolhas: nem tudo foi transcrito. Partes consideradas menos relacionadas ao foco da investigação não foram trazidas, enquanto outras, mais conectadas com os temas aqui abordados, foram priorizadas.

A delimitação temática surge no quarto momento deste processo de composição metodológica, orientada pela força escrita com que se impõem a família, a igreja, a escola e a universidade, instituições que atravessaram minha trajetória e operaram como forças de opressão profundamente vinculadas às estruturas de gênero, sexualidade, raça e classe.

Por último, a escrita da tese é o exercício de criação que me leva a outros lugares e a outras saídas. É a própria escrita que conduz à emergência de novos temas e sentidos. Na escrita em que tudo coexiste, a memória não linear e não hegemônica é autorizada a aparecer para ir preenchendo os vazios.

Nesse motim de defesa da escrevivência como metodologia, Fernanda Felisberto (2020) nos diz que, o processo de construir novas latitudes teóricas representa não apenas uma reparação epistemológica, mas também uma revolução. Ela enfatiza que trazer as escrevivências para o mesmo patamar dos outros gêneros de textos acadêmicos implica convocar a autoria a se fazer presente em primeira pessoa, sem modalizadores.

A pesquisadora Rosane Borges (2020) também é enfática em sua defesa pelo método, afirma que a escrevivência é um princípio conceitual-metodológico capaz de dar suporte às narrativas dos excluídos, uma vez que leva em conta diversas fontes de linguagem para tecer memórias e construir histórias.

Marcadas por um passado de subjugação e subalternização, a escrevivência parte de uma experiência negra coletiva; a nossa condição enquanto brasileiros de ascendência africana (Evaristo, 2020). Originada a partir da experiência de mulheres africanas e das suas descendentes que foram escravizadas na Casa Grande, a escrevivência visa desfazer e borrar a imagem nociva da mãe preta (Evaristo, 2020). Concebida como um modelo de integração, assimilação e submissão do regime colonial, a imagem da mãe preta foi solidificada por uma ideologia dominante (ver Lélia Gonzalez, 1981; 1984).

Nesta pesquisa, almejo explorar as memórias por meio da escrita, de modo a abrir espaço para o cuidado e o diálogo. Sabendo que, memória é aquilo que também acontece no presente. Através desse processo, caminho em direção à autorrecuperação, espaço em que é crucial resgatar as vozes que foram silenciadas pelo colonialismo, permitindo-nos, assim, reconectar-nos com nossa história.

2 O começo, o meio e o começo

*Nós somos o começo, o meio e o começo
Existiremos sempre,
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.
Nossas trajetórias nos movem
Antônio Bispo dos Santos*

2.1 Orfã de pai, órfã de país⁷

Eu olhava fixamente para a cova e sentia o desespero inundar todo o meu corpo, eu estava presa ao abraço apertado da Sarah, isso me impedia de cair ou pular naquele buraco. Eu estava atônita e as mensagens e canções religiosas em volta daquela cova me pareciam uma blasfêmia. Como poderia ser o meu pai? Como a sua fé não o salvou da morte? A fé, que até então movia montanhas, só poderia ressuscitar a Lázaro?

Meu pai havia morrido e eu estava nascendo novamente, teria que aprender tudo de novo, aprender a me alimentar, a andar, a cair, a me levantar e a correr. Tudo de novo. E por isso eu tinha raiva. Eu estava sozinha. E pela primeira vez em toda a minha vida, eu soube o que é não ter chão, o que é não ter casa, o que é não ter lugar para retornar, o que é se ver só e aprender a lidar com fatalidade de saber-se só.

Mas éramos três, minha mãe e minha irmã olhavam com lágrimas para a sepultura, ao lado do meu pai éramos um unísono, vibrávamos na frequência das notas que ele tocava. A minha fé também não poderia salvá-lo da morte; pois há algum tempo, eu me indagava e indagava Deus:

Será que todas as ações humanas são guiadas pelos olhos de um deus que dará a vitória aos que vencerem? Engraçado que no antigo testamento o que eu vejo são nações contra nações guerreando por terras e escravos.

[...]

Será que é realmente Deus ou deus que rege e está em tudo o que fazemos e que no momento em que nos voltamos para ele em

⁷ Referência ao poema "Orfã" de Eliane Potiguara.

reverência e adoração somos abençoados? E quando não somos abençoados isso se dá, porque não é a vontade dele?

Alguns passam a vida toda em provação sem um pão para comer, um lugar para dormir e um agasalho para o frio, será que essa é a vontade de Deus para a vida daquele ser humano? Estou desconsiderando aqui todos os aspectos sociais, é claro.

Às vezes sinto-me humana demais para acreditar em deus e sinto-me menor ainda quando esses seus planos são explicados por um “entendedor” que fica atrás de um púlpito usando terno e gravata, enquanto os velhinhos solitários não recebem uma visita sequer dessas pessoas entendedoras, acho que - se é para entender como eles entendem eu prefiro ficar assim, me questionando, perguntando. Não entendendo. (Rondonópolis, 25 de abril de 2014).

Não sei se estou longe de Deus ou se ele está tão perto que eu não consigo percebê-lo? (Rondonópolis, 04 de junho de 2014).

Mas por que sua fé não o salvou? Em nossos últimos diálogos em vida, enquanto o vírus da Covid-19 arrancava sua possibilidade de respirar, ele disse que não queria partir. Diante daquele cenário, em que a morte era uma política do cotidiano e cercava a todos, confirmava-se “o ditado que diz que uma desgraça nunca vem só” (Saramago, 2005, p. 108), e nada podíamos fazer, e ao final me parece que “de Deus e da morte não têm contado senão histórias” (p. 146), porém diferente do romance de Saramago (2005), acredito que esta história não é apenas mais uma.

Não nos foi permitido abraçar o corpo do homem que amávamos. Era o protocolo. Testemunhar o caixão descer aquele buraco cavado na terra seria nosso único e último rito de despedida. Contudo, ao me deparar com o caixão, percebi que a funerária havia trocado aquele que eu havia cuidadosamente selecionado. Absolutamente nada no mundo nos prepara para escolhermos o caixão dos nossos pais. Ao deixar o cemitério, eu estava exausta e um único pensamento tomava meu corpo: Eu arrebento este dia ou esse dia me arrebenta (Jamila, 2022).

Eu arrebentei o dia e não retornei mais ao cemitério. Durante meu período de luto, muitas vezes sonhei com a presença do meu pai, como se sua partida nunca tivesse ocorrido. Confrontava-me, então, com a necessidade de reverter a incongruência da sua certidão de óbito.

Não tivemos a possibilidade de sequer reconhecer o corpo do meu pai no hospital. “Uma esposa, duas filhas maiores de idade e uma casa a inventariar”, eu olhava atônita a certidão de óbito e precisava acreditar na morte, a certidão de óbito

era tudo o que nós tínhamos. Em meu diário de luto, perguntei-me sobre o quanto de mim morreu junto com ele e como o futuro parecia ser esmagado sob o peso da iminência da morte (Jamila, 2022).

E nada desse tormento estava sequer prestes a acabar. Você se lembra de alguma campanha pública de saúde de ampla divulgação que focasse no uso de máscaras, no distanciamento/isolamento social ou na testagem da Covid-19 no Brasil? Quando foi iniciada a vacinação? O Relatório Final da CPI da Pandemia (2021) nos informa que:

A resposta do governo federal, no Programa Nacional de Imunizações, desconsiderou o efeito mais agudo da pandemia sobre a população negra. As prioridades foram definidas por critérios etários, pela presença de comorbidades e pelo exercício de determinadas profissões. Dessa forma, desconsiderando as disparidades demográficas entre negros e brancos, além dos riscos mais acentuados aos quais os primeiros estão expostos, os primeiros meses de vacinação atenderam a duas vezes mais pessoas brancas do que negras (Senado Federal, 2021, p. 657).

Como nomear ou conceituar o poder de controlar e definir a vida e a morte das pessoas? Afinal, quem pode nascer, viver, envelhecer e morrer com dignidade neste país? Achille Mbembe (2018) nos lembra que o racismo é, acima de tudo, uma tecnologia reguladora e distribuidora das mortes provocadas pelo Estado. Mulheres, negros, indígenas e quilombolas foram os grupos afetados de forma desproporcional pela pandemia no Brasil; o relatório traz os números, eu trago as perdas. Recalcamos o trauma, e enquanto escrevo o presente capítulo (março de 2024), o governo federal brasileiro sequer comprou as vacinas atualizadas para as novas cepas do vírus.

2.2 *Procurando as pontas que me atam, pontas que me tecem*⁸

Os primeiros anos da pandemia foram implacáveis, trouxe mortes, sequelas e um horizonte de incertezas. Em um momento de reflexão, compartilho minhas angústias:

⁸ Excerto da música *Desempenho* interpretada por François Muleka.

No decorrer deste ano, lidamos com muitas mortes, a iminência da morte assolou nossas vidas, incluindo meu coração ansioso. Não sei se são as notícias, mas sinto a morte por perto em minha vida. Estou com medo. Temos tão pouco tempo... Não sabemos quando vamos encontrar nossos ancestrais (Rondonópolis, 25 de dezembro de 2020).

No dia 8 de abril de 2021, recebi a devastadora notícia do falecimento de meu tio. Antes desse trágico desfecho, nossos parentes ocupavam os jornais locais em Sergipe, clamando desesperadamente por um leito de UTI. Minha prima de sete anos, em um apelo comovente suplicava: “Eu e o meu irmãozinho de cinco anos não queremos ficar sem o nosso pai. Meu pai está precisando muito de uma UTI. Quem puder, pode ajudar com uma UTI, por favor?”

Salve-se quem puder! Essa era a premissa dos dias daqueles que estavam cotidianamente expostos ao vírus. Um mês depois, recebemos a notícia do falecimento do meu pai. Éramos testemunhas das milhares de mortes; estávamos presas em nossa incapacidade de mudar aquele cenário. Paralelamente a isso, o Estado negligenciava nossas preocupações com a vida, mas ao mesmo tempo fazia o exercício de exterminar a tiros tudo o que era negro a sua frente.

Enquanto eu me preparava para dar a notícia do falecimento do meu tio para a minha mãe, minhas memórias trouxeram cada momento compartilhado ao lado do meu tio. Ele era aquela pessoa que me fazia sentir confortável em minha própria pele, aquele que me levou aos lugares fora do mapa no sertão sergipano, onde vivi meus primeiros dias de vida, aquele que vivia a vida com graça e ternura.

Eu sabia que o mundo da minha mãe iria ruir, afinal, ela amava profundamente o irmão. Quase todas as manhãs, ao despertar, eu a encontrava à mesa, compartilhando o café por meio de videoconferência com ele, discorrendo sobre os mais variados assuntos, com destaque para comida, e compartilhando risos. Eu ensaiei cada palavra, segurei firmemente nas mãos dela e compartilhei a dolorosa notícia, mas nada pode nos preparar para o impacto brutal da perda.

Já era noite, eu vomitava, eu chorava, meu maxilar e minha cabeça doíam. O dia seguinte seria a data da defesa da minha dissertação. Eu tinha certeza que conseguiria realizar a defesa, era isso ou enfrentar o desconforto de desmarcar com a

banca, mas eu não dei conta. E há algum tempo, eu tenho aceitado não dar conta, atrasar, faltar, falhar e me esquivar de qualquer busca ou performance de perfeição.

Enviei mensagem a minha orientadora e pedi para que a data da defesa fosse adiada. Em uma sexta-feira, dia 23 de abril, dia de Ogum – “um guerreiro valente que cuida da gente que sofre demais⁹ –, começo minha defesa com as seguintes palavras:

Antes de apresentar o percurso de construção da minha dissertação, creio que é importante marcar o momento histórico que estamos vivendo e denunciar o fato de que: a história colonial do nosso país, o advento do capitalismo, bem como o retrocesso dos direitos sociais e políticos têm culminado na criação de um contexto que tem favorecido a rápida disseminação da Covid-19 e acentuado a produção perversa de políticas de extermínio de corpos que já eram socialmente vulneráveis, ou seja, a barbárie tem se feito presente e nos lançado para fora da humanidade (Santos, 2021).

Naquele encontro, as pessoas sabiam da minha perda, mas eu era incapaz de nomeá-la, eu não conseguia pronunciar o nome do meu tio: José Adenildo da Silva. Tio Nildo. Enquanto escrevo a minha cabeça repete um verso “Era só mais um Silva, que a estrela não brilha”¹⁰. Não houve nenhuma homenagem aos pés do Cristo. A partir daquele dia, carregávamos sozinhas o peso das nossas perdas.

No dia seguinte, meu pai não foi ao trabalho. Eu não lembro do meu pai faltar ao trabalho, não havia febre ou dor que o fizesse permanecer em casa. Por isso, nós sabíamos que ausentar-se do trabalho era um dos gestos mais nobres de amor, afeição e cuidado advindos de meu pai. Naquela sexta-feira, meu pai ficou ao lado da dor de minha mãe.

Todas as manhãs, ele despertava às 6h e preparava-se para ir ao trabalho com seu uniforme na mochila. Com a chegada da pandemia, um novo elemento se somou a essa rotina: a máscara de pano no rosto. Assim, ele seguia seu trajeto até o ponto de ônibus, pronto para enfrentar mais um dia que se iniciava.

A morte estava à espreita e eu quase a esquecia enquanto tomava uma garrafa de vinho trancada no meu quarto, as sucessivas notícias de intubações e intubações

⁹ Bethânia, Maria; Pagodinho, Zeca. *Ogum/Oração de São Jorge*. De Santo Amaro a Xerém, Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2018.

¹⁰Rum, Bob. *Rap do Silva*. TNT Records, 1993.

me faziam estar em constante estado de tensão e relembrar questões que a morte sempre me traziam.

Será que a minha morte dorme ao meu lado, me vê nua no chuveiro enquanto visualizo o futuro com a mulher que eu desejo, será que ela me aguarda com calma ou com ânsia? Não quero morrer... (16 de agosto de 2018).

Após o falecimento do tio Nildo, meu pai seguia sua rotina habitual. Afinal, as pessoas precisavam ser alimentadas. Nós precisávamos ser alimentadas. Como cozinheiro, ele desconhecia o significado de *lockdown* ou *home office*, não tinha dia santo ou feriado. Naquele Brasil em que a morte pairava no ar, tínhamos a escolha do trabalho que poderia levar à morte ou simplesmente a morte. Era nossa responsabilidade responder bem aos índices da economia nacional, mesmo que isso custasse vidas. Estávamos imersos em um Estado de mal-estar social, em meio a política de extermínio.

Havia alguns dias que percebíamos que meu pai não estava bem. Recordo-me de um momento em que ele mencionou sentir dores pelo corpo. Era raro vê-lo se queixar de dores, pois sempre carregava consigo as marcas do trabalho no corpo. Seus braços frequentemente exibiam queimaduras, resultado das muitas vezes em que se queimava na cozinha ao manusear as grandes panelas quentes. As queimaduras se tornaram tão comuns que, quando lhe perguntava, ele mal conseguia recordar como o acidente acontecera; fazia parte da rotina na cozinha.

Em um desses dias de pandemia, após o trabalho, encontrava-me sentada na cama ao lado de meu pai e minha mãe. Era um hábito que eu amava, estar com meus pais antes de ir ao meu quarto dormir. Conversávamos sobre amenidades, ríamos, e às vezes assistíamos televisão juntos. Meu pai, frequentemente, pedia que eu fizesse uma massagem em suas costas para aliviar as constantes dores musculares que sentia. Para prolongar aqueles momentos de afeto, eu sempre oferecia massagens à minha mãe, mas ela, na maioria das vezes, gentilmente recusava.

A dor que meu pai sentia era um prenúncio do que estava por vir. Ao colocar o termômetro sob suas axilas, estava febril. Ao olhar o termômetro, eu sentia que em 2021 estávamos tão desgraçados quanto em março de 2020, exceto pela máscara

PF2, que eu tentava convencer todos a usar. Combinei com meu pai que no dia seguinte iríamos juntos até a unidade de saúde.

Quando acordamos o sol ainda não tinha nascido, ao chegar na unidade, nos deparamos com o cenário do caos: fila, espera, espera, espera e por fim uma consulta, ao final um encaminhamento para realizar um teste de Covid-19 no outro lado da cidade. Realizar o teste para detectar o vírus da Covid-19 era tão inacessível e distante quanto sonharmos com a vacina.

“Tudo agora mesmo pode estar por um segundo”¹¹, no dia 04 de maio de 2021 meu pai testou positivo para Covid-19. A lista padronizada de medicamentos, agora se transformava em uma sentença de morte, uma coleção de fármacos impotentes diante da fúria avassaladora do coronavírus. A Azitromicina, como uma farsa, se destacava entre os remédios inúteis, estávamos à mercê de um vírus inescrupuloso.

O atestado médico, mais do que uma simples declaração de derrota frente ao vírus, representava uma confissão silenciosa da vulnerabilidade e fragilidade de meu pai diante da doença. Naquela tarde, enquanto meu pai se preparava para levar o atestado ao trabalho, eu me vi perplexa diante da urgência aparente da situação. Por que era tão crucial entregá-lo pessoalmente? Não seria uma foto o suficiente para justificar sua ausência? Não seria possível explicar a situação posteriormente?

Algumas horas depois, eu li a mensagem de meu pai solicitando um empréstimo financeiro para adquirir os medicamentos prescritos. A confusão se instalou em minha mente enquanto eu tentava compreender como uma simples visita ao local de trabalho, mesmo que contraindicada pelo estado de saúde, não desencadeou nem ao menos um adiantamento salarial por parte da sua empregadora.

Os dias eram quentes, mas estávamos congelados na agonia, desesperados diante da letalidade do vírus. Minha mãe, que já enfrentava problemas respiratórios, e minha irmã grávida, decidiram ficar na casa do meu cunhado, enquanto eu e meu pai compartilhávamos o ar carregado de morte. Mantive distância como se fosse um leproso, comunicando-nos apenas via celular. O medo se infiltrava em cada conversa, evidenciado pela dificuldade que ele tinha para falar e pela tosse que eu escutava desde o meu quarto.

¹¹ Referência a música *Tempo Rei* interpretada por Gilberto Gil.

No dia 07 de maio de 2021, todos os sintomas estavam muito agravados: dificuldade para respirar, ofegante ao falar e muita tosse. Convenci meu pai a procurar ajuda médica. Ele estava ansioso, temendo a possibilidade de internação e intubação. Não queria morrer. Eu estava aflita, temia uma contaminação, mas também temia que meu pai não resistisse.

Naquele dia, meu pai me suplicou pela própria vida. Distanciei-me, buscando conforto em um lugar oculto para chorar. Eu chorei, um pranto de raiva, um pranto de ódio, um pranto de medo. Eu estava terrivelmente aterrorizada. Eu sabia que só estávamos passando por aquilo, porque haviam decidido que a vida de homens como meu pai não valiam a pena ser vivida (Jamila, 2021).

Meu pai foi internado e aquele foi o último dia em que estive com ele. Observava-o à distância, sem lhe dar o abraço que meu coração desejava. Naquela sexta-feira à noite, 07 de maio, recebi o resultado da segunda fase do processo seletivo para o Doutorado em Educação: eu estava classificada. Sentada na sala de espera da Unidade de Pronto Atendimento (UPA), olhando a nuca do meu pai, eu queria muito comemorar essa notícia com ele, mas não o fiz. Na madrugada de segunda-feira, dia 10 de maio de 2021, recebemos uma chamada do hospital: meu pai havia falecido (Jamila, 2021).

Hoje, após alguns anos do falecimento das pessoas importantes da minha família, relembro uma mensagem que recebi nos meus primeiros dias de luto: “Seu pai faleceu e as pessoas não irão perguntar o quanto você está sofrendo.”. Uma lágrima escorreu dos meus olhos após ler, então tomei o diário de doutoramento e escrevi:

As pessoas não se importam e se importam, estão preocupadas com suas próprias questões. Todos nós temos nossas próprias questões.
(27 de abril de 2022).

O meu desejo de falar trouxe-me até à escrita deste trabalho, mas foi o meu pai que criou muitas das possibilidades para que eu chegasse até aqui. Com meu sobrinho no colo, rememoro os interlúdios do álbum *Correnteza*, do Thiago Elnino (2021):

Pra que você chegasse até aqui
 Muita água já rolou
 Muita gente teve que ser corrente
 Pra que você chegasse até aqui
 O amor foi correnteza
 E muita correnteza foi amor (...)
 Pra que você chegasse até aqui
 Muita água já rolou
 Apesar das barreiras
 Muita gente teve que ser correnteza
 Pra que você chegasse até aqui
 Seus ancestrais foram correnteza
 E se em algum momento você não tiver forças
 Pra ser correnteza
 Lembre-se que um dia será um ancestral
 E que a água sempre encontra um caminho

Meu pai, "metade homem, metade deus"¹², desafiou o destino, registrou sua história nos afetos e nos laços que consolidou em sua família. E hoje, escrevo não apenas uma tese, mas também um memorial de um homem que permanecerá vivo entre nós enquanto tivermos memória. Esta é uma história que começa com a morte, mas a morte não é o fim, aqui, passado, presente e futuro se (con)fundem numa escrevivência, banhando-nos nas contradições da existência.¹³

Em Chimamanda Adichie (2021), descobri que o luto pode derrotar nossas palavras, mas também nos encoraja a encontrar novas formas de expressão. Este trabalho está em busca das palavras perdidas, daquelas que foram abafadas pelo luto, e também um desafio para a escuta das palavras ainda não pronunciadas, das quais ainda não tenho conhecimento.

Nesse encontro entre a vida e a morte, minha irmã estava grávida há cerca de 11 semanas quando meu pai faleceu. Era a sua primeira gestação. Eu pesquisava, buscava e assinava todos os papéis referentes ao sepultamento do meu pai na tentativa, talvez, de preservá-la da dor e de que não pudéssemos perder aquela criança. Aquela gravidez era nosso último vestígio de esperança em nosso mundo que havia desmoronado. Nossa família não suportaria outra perda. Talvez Deus tenha ouvido as orações de minha mãe, não saberemos ao certo, o vírus circulava, mas dessa vez, a gestação seguiu.

¹² Baco Exú do Blues. *Esú*. In.: Esú. 999: Salvador. 2017.

¹³ Referência ao verso "Que a contradição nos banhe com sua feitiçaria" da música *amor amor* de Linn da Quebrada.

No dia 13 de dezembro de 2021, nossos olhos foram inundados pela alegria; a vida nascia outra vez e nutria-nos de esperança. Acordei cedo, fui ao centro da cidade, comprei flores e um presente para minha irmã e aguardei ansiosamente a hora da visita ao hospital. O nascimento havia ocorrido pela manhã; recebi a foto do bebê e chorei. Como poderia ter um nariz tão bonito e tão idêntico ao da minha irmã?

À tarde, de forma remota, participei da reunião da Comissão de Pós-Graduação em Educação da UFSCar e esperava impacientemente o horário de ver meu sobrinho pela primeira vez. Quando cheguei ao hospital, vi minha irmã deitada; ao lado, sentada, estava minha mãe e o bebê. Minha mãe me auxiliou a segurá-lo no colo e eu me senti extasiada. Como era maravilhoso olhar para aquela criança! Como era maravilhoso contemplar a anunciação da vida!

Observava minha irmã amamentar o bebê e sentia que nossas vidas estavam mudando. Conscientes de que as dificuldades persistiriam, ainda assim, buscávamos formas de sobreviver. O nascimento de Carlos Daniel nos proporcionava uma razão para acreditar nos sonhos, mesmo quando o vazio, a dor, o medo, o silêncio e a tristeza habitavam nossa casa. Lembrávamos Conceição Evaristo (2016) “E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando uma solução” (p. 114).

Fotografia I: Gestação



Na foto, eu estou com cabelos cacheados e curtos, com a cabeça encostada na barriga da minha irmã que está grávida. Estou com os olhos fechados e um leve sorriso no rosto. A barriga grávida é segurada com carinho por minha mão. A mulher grávida está vestindo um short listrado e uma blusa preta. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Cada vez que presencio as risadas de Carlos Daniel pela casa, sou acolhida pela ternura. Acompanhar sua descoberta ao comer uma fruta pela primeira vez ou dar os primeiros passos me comunica a serenidade presente na canção “A vida e seus métodos dizem calma”¹⁴. Vê-lo brincar com a água da mangueira e sujar o rosto com terra me comunica que ainda não perdi a sensibilidade para me encantar com o efêmero do cotidiano.

Meu pai não teve a chance de segurar seu primeiro neto no colo, meu tio não viveu para ver seus filhos crescerem, mas ambos trilharam caminhos para que suas descendências pudessem superar a mera sobrevivência. Hoje sou parte dessa continuidade.

Ser filha das águas que correm é o que me faz balançar, me impulsiona e me movimenta, na certeza de que se o caminho ainda não existe, ele há de ser descoberto (27 de abril de 2022).

¹⁴ Melo, Di. *A Vida em Seus Métodos Diz Calma*. Som Livre, 1975.

3 Na casa do Pai: O sagrado e o segredo

Com um olhar contemplativo, eu costumava observar meu pai enquanto ele descansava na cadeira de fio da varanda. Em muitas dessas ocasiões, eu corria para me encaixar em seu colo e nos breves segundos em que eu cabia em seus braços, eu me sentia segura e sabia que, ele iria à guerra e morreria por mim.

Homem de fé e de batalhas, meu pai sobreviveu a muitos leões: a cama de papelão e a esteira jogada no chão. Sobreviveu ao trabalho árduo na roça e ao subemprego na cidade. Orgulhoso de si mesmo e de sua família: uma esposa, duas filhas e um lar para retornar.

Dos lábios de meu pai, ouvi muitos sermões, daqueles que nos deixam atônitos ou nos imobilizam. Entretanto, a distância entre sua fé fervorosa e o que recebíamos de Deus parecia escapar-me por entre as palavras. Deus nos dava muito pouco. Eu questionava Deus ao entrar em nossa casa e constatar o desconforto que sentia ao compará-la com a residência das pessoas que estavam no mesmo ciclo social que eu. Por que aquela era a minha casa?

Janela velha de madeira aberta, Reboco das paredes caindo. Mofo subindo. O telhado é dividido entre telhas de eternit e telhas de barro. A casa é feia, porque é de pobre (Rondonópolis, 21 de maio de 2017).

Olho ao redor e procuro encontrar algo que eu possa dizer, os meus pensamentos vão e volta em uma inconstância e persistência que me assusta. O sutiã pendurado por uma das alças na cama, assim como uma blusa vermelha pelo avesso. Um dos cubículos da estante de livros guarda um par de tênis brancos e um roteador. As paredes tomadas de mofo e a umidade deixa exposta parte do reboco. Uma das gavetas do guarda-roupa velho está aberta e aparece um pacote de absorventes e uma calcinha marrom. [...] É diante de um cenário que expressa desorganização e pobreza que eu vos escrevo (Rondonópolis, 03 de junho de 2017).

No trecho acima, eu subverto a vergonha e o pudor, quando decido descrever com detalhes o que eu deveria ocultar. Para além da materialidade do mofo nas paredes referentes ao lugar que morávamos, eu descrevi itens que faziam parte das nossas experiências como mulheres, mas que discursivamente eu aprendi que não deveria aparecer ou ser publicamente revelado: o sutiã, a calcinha marrom, o pacote

de absorventes. Eu narro sobre o que não deveria ser narrado e mesmo sem um remetente, afirmava a minha condição no mundo: daqui “eu vos escrevo”.

Na nossa casa, éramos orientadas a não revelar o salário do meu pai caso alguém de fora do convívio familiar perguntasse. Inicialmente, eu interpretei essa instrução como uma questão de etiqueta, compreendendo que era considerado inapropriado indagar sobre o salário de alguém. No entanto, à medida que crescia, percebia que o constrangimento associado a essa pergunta estava ligado ao fato de que meu pai era um profissional mal remunerado. Era evidente que o sigilo em torno do seu salário servia para mascarar as dificuldades financeiras que enfrentávamos, criando uma falsa impressão de que as coisas estavam bem.

“Pobre é o fim”, afirmava eu, porém, meu pai sempre tinha uma explicação teológica para nossa pobreza, e, nessa altura, eu já me permitia calar e escrevia:

[...] Meu pai repreendeu-me, dizendo que pobre era o cão, por um momento achei que ele havia nos chamado de cães. Quanta ingenuidade a minha! Na verdade, ele se referia ao diabo, capeta, demônio, satanás ou como quiser falar. Depois disso, um longo sermão a respeito da sua condição de pobreza, ele dizia que foi Deus que assim o permitiu e que Deus é o dono do ouro e da prata. É impressionante! (Rondonópolis, 03 de março de 2014).

Escrever foi o meu modo de escutar minha voz diante da missão de evangelização, a qual meu pai fora incumbido pelos céus. Eu escrevia para descobrir o que tinha a dizer, para dar respostas a perguntas que não me foram feitas e para expressar o que não poderia ser dito em voz alta. Escrever foi um dos meus primeiros passos em direção à minha própria voz, dentro de uma casa onde eu não me sentia em casa.

“Não vejo a hora de voltar para casa...”

E quando a gente sente que não tem casa? Que o lugar que te cabe não te cabe por inteiro? E de pensar que o mundo é grande e você não possui seu próprio lar? Descontentamento ainda é pouco, me sinto incompleta mesmo sendo um todo.

Semana passada foi meu aniversário, eu fiz 23 anos “e a cada 23 minutos morre um jovem negro e você que é negro que nem eu, pretin... não ficaria preocupado?”

Todo aniversário é a mesma saga, “olhar o rio por onde a vida passa” e observar qual galho jogaram e a água está passando por cima (Rondonópolis, 19 de novembro de 2018).

Na casa que eu aprendi a calar, eu aprendi a escrever. E os diários que compõem essa tese emergem, onde eu escrevia para expandir e calava para caber. Escrever foi uma maneira de capturar a fala e mantê-la por perto, expressando a intensidade da tristeza e angústia por sempre dizer ou perguntar a coisa errada (hooks, 2019).

O medo da exposição, o medo de que os sentimentos mais profundos e os pensamentos mais íntimos fossem desprezados como meros devaneios, sentido por tantas garotas jovens que guardam diários, que recebem e escondem a fala, parece-me agora uma das barreiras que as mulheres sempre precisaram e ainda precisam destruir para que não sejamos mais empurradas para o segredo e o silêncio (hooks, 2019, p. 34)

“Quero habitar o mundo em sua plenitude compreendendo que o que o tenho a dizer não pode ser calado pela forma, pela estrutura ou pelo formato” (São Carlos, 01 de dezembro de 2022). Após enfrentar o medo paralisante que outrora me silenciava e a dor da repressão, faço um exercício de escrita de afirmação da minha própria voz, e por extensão, das vozes subjugadas, onde a escrita se torna um ato de testemunho da luta e da resistência. Pois, como bell hooks (2019) nos lembra:

Escrevo estas palavras para serem testemunhas da primazia da luta e da resistência em qualquer situação de dominação (mesmo dentro da vida familiar; da força e do poder que emergem da resistência constante e profunda convicção de que essas forças podem ser curativas, podem nos proteger da desumanização e do desespero (hooks, 2019, p. 36).

Estas palavras também são uma celebração da força que emerge da vulnerabilidade. E assim, entre as linhas que escrevo e os rios em que passa a vida, encontro a força para reivindicar um lugar onde eu possa ser inteira.

3.1 Onde o divino mora

*Por que grita tanto?
Deus tá dormindo
Vai acabar acordando
Por que cê fala tanto de Deus?
É porque eu sou humano!
Baco Exu do Blues*

Em nossa congregação, partilhávamos a fé em Cristo, mas nossas experiências religiosas estavam divididas. Quem eram os pastores e quem eram as ovelhas? Quem assumia o púlpito e quem ouvia? Quem servia e quem era servido? Quem regia e quem era regido? Em nossa congregação, éramos convencidos de que as distinções e papéis sociais eram atribuições divinas, que refletiam o mérito dos indivíduos e o desejo de Deus. Se por um lado havia uma fala explícita sobre o dever e o papel das mulheres e a necessidade de ajudar aos pobres, por outro não havia sequer a menção sobre raça. Quando não falávamos sobre raça, não nomeávamos o racismo. Nesse vazio, a branquitude permanecia como norma.

Nos registros contidos em meus diários, identifiquei uma profusão de monólogos introspectivos. Nesses relatos, frequentemente rascunhava argumentos que me conduziam à elaboração de uma visão crítica e reflexiva sobre minha experiência de ruptura com o cristianismo e a fé religiosa.

Quem sou eu? Sim, quem sou eu? E de repente, não sei se tão de repente assim, mas você para de procurar monstros nas outras pessoas quando você se acha ou talvez quando a gente acha os nossos monstros. Parece delírio, mas estou quase me convencendo que eu posso encontrar respostas quando eu começar a entender o porquê dessas perguntas...

Não conheço o céu, não sei onde fica o inferno Ainda não conheci Deus ou Deuses e nem me encontrei com maligno (aquele ser monstruoso que as pessoas chamam de diabo). e as pessoas tendem a criar seres para justificar seus erros, suas faltas e as falhas alheias também, culpam uns demônios e buscam a perfeição em um dito Deus, o qual elas ouviram falar ou leram uma tal de Bíblia... e mais acreditam estar adorando a Deus ao se entregarem em rituais e cerimônias religiosas e enquanto escrevo me indago será a minha razão ou Deus ou o demônio me usando? (Risos).

É inacreditável como as pessoas conseguem, ou melhor, se submetem a uma doutrina pregada por determinado homem, sem ao menos questioná-la perguntar se: "Até onde isso está certo, será que isso é

verdade?", "O que há atrás disso?". Mas não! Sabe o que acontece? Reproduzem os fatos, os atos, a história...

Mas que sejamos críticos e fujamos dos padrões, dos moldes, daquilo que esperam o que sejamos...

E se hoje sofro, sofro porque meu sofrimento é fruto do que me ensinaram a ser, sendo obrigada a fazer tudo sem querer...

Duas horas e onze minutos, durmo e durmo em paz, sem Deus, sem Jesus, sem o diabo, capetas ou espíritos malignos, durmo comigo, com meu EU, meus erros, meus acertos e minha história e se hoje morresse morreria, mas fui feliz, pelo fato de ter sonhado, errado, acertado, tentado (04 de maio de 2012).

No excerto acima, a pergunta filosófica e existencial "Quem sou eu?" surge entrelaçada à angústia provocada pelos questionamentos à religiosidade cristã. A busca por mim mesma estava profundamente ligada a uma crítica contundente à submissão e à aceitação incondicional dos dogmas e doutrinas vivenciados na igreja. Se nos meus diários manifestei indignação diante da nossa condição material, também revelo uma rebeldia frente ao peso de uma fé marcada pela sujeição absoluta a paradigmas rígidos e intransponíveis dentro da espiritualidade cristã.

"Meu sofrimento é fruto do que me ensinaram a ser, sendo obrigada a fazer tudo mesmo sem querer", essa é uma citação direta a uma música *Aquela Coisa* do Raul Seixas. Aos 16 anos, o rock nacional era parte do meu repertório vivencial, a maneira como eu estava aprendendo a significar e nomear o que eu via e vivia. E para aquele momento, sofrer era intrínseco a estar imersa numa vida religiosa, a qual, eu não mais me reconhecia. Talvez, esse verso registre o esforço que estava fazendo para sair daquele espaço que trazia tanta dor.

Revisitando esse trecho do diário, o que me chama particularmente atenção é o fato de que a palavra "EU" está grafada em letras maiúsculas. Afinal, quanto esforço eu ainda preciso fazer, enquanto menina/mulher negra, para me inscrever, a partir do meu próprio eu? Para mim, essa escolha não é apenas um detalhe, sinto que simbolicamente carrega a marca da fuga da invisibilidade.

Crescer em um ambiente religioso institucionalizado significava que "nascer em um "lar evangélico" era motivo de orgulho, algo que nos diferenciava dos demais e nos fazia, a mim e à minha irmã, filhas especiais, escolhidas por Deus. Mas, ao mesmo tempo, essa eleição nos impunha moldes que nos sufocavam.

A igreja limitava nossa capacidade de experienciar quase tudo. Na dimensão da expressão do corpo: para nós mulheres, era expressamente proibido cortar o

cabelo, pintar as unhas, usar adereços, maquiagem, shorts/calças, decotes, tops, blusas sem manga ou de alcinha etc. A restrição das roupas implicava em consecutivas limitações sociais, como frequentar espaços de lazer e esportes (piscinas, rios, quadras). Ainda que esses lugares não fizessem parte dos espaços em que comumente iríamos em função da nossa condição socioeconômica, quando surgia qualquer possibilidade de acesso, eles nos exigiam demasiado esforço em pensar no que iríamos vestir. As limitações estavam em todas as esferas da vida cotidiana, éramos proibidas de escutar qualquer música que não fosse gospel, ter televisão em casa, ir ao cinema etc.

O fato de não ter referências midiáticas da televisão, do cinema e muito menos da internet, não significou que cresci afastada de histórias, muito pelo contrário. Recentemente, durante uma sessão com meu analista, compartilhei uma reflexão que me ocorreu: "Fui criada sob a influência de sermões; os sermões moldaram uma parte fundamental da minha identidade." Não me recordo de um momento em que faltaram histórias. E creio que é essa estrutura que aprendi a usar para escrever e narrar as minhas próprias histórias, o que naturalmente me leva a um exercício de reflexividade enquanto a narrativa se desenvolve.

Meu pai sempre tinha um sermão, destemido e irredutível, falava com eloquência sobre as suas convicções, não titubeava, não tinha medo ou dúvidas. Referenciado em sua fé religiosa e exercendo a sua autoridade de pai, os sermões nos ofereciam orientações e instruções sobre como deveríamos viver nossas vidas. Embora meu pai monopolizasse a fala, minha mãe sempre estava presente. E sua presença, para mim, significava que, às vezes, ela concordava ou, ao menos, não se colocava em oposição. Havia nela um silêncio que parecia cumplicidade. Eu nunca soube ao certo se ela compartilhava das ideias dele ou se apenas se calava por hábito ou medo.

Meus pais me disseram que eu estou precisando orar (Como se orar resolvesse alguma coisa), que tudo o que eu estava dizendo era conversinha furada, porque dei lugar ao inimigo e que isso era "seta" para entristecê-los. Disseram ainda que possuíam autoridade divina, que crente não é besta e eu estou querendo entrar pela "porta larga" e que o que eu quero é o mundo... (27 de junho de 2012).

Eles sabiam e estavam corretos: eu desejava o mundo. E para um cristão, nada mais profano do que desejar, nada mais profano do que desejar o mundo. Meu pai tinha sempre as palavras capazes de dissertar sobre a morte e a vida, o céu e o inferno, o bem e o mal, o mundano e o profano, a moral e a imoralidade, o certo e o errado, a política e a religião. E eu tinha sempre as palavras da irreverência em minha escrita, porque a estrutura do sermão não permite escuta e diálogo.

Meus pais não acreditam muito no poder do diálogo, palavras rústicas e aleatórias jogadas ao vento, para eles, um método eficiente de ensinar as pessoas (filhos)...

O aumento e a alteração constante da voz é perceptível mas os olhares não se cruzam. E de repente para a prática: a agressão física, um dos meios mais comuns e menos eficiente de se resolverem as coisas ou/e os problemas impostos pelas circunstâncias...

Eu vou crescer, e tudo quanto um dia eu esperei e sonhei vai ser concretizado, mesmo que me custe a vida. (Rondonópolis, 29 de janeiro de 2012).

22h27m: Nesse exato momento estou chorando e meus pais são meus eternos dilemas...

Hoje disse que não estava feliz com a igreja, com as doutrinas da igreja e que não estava afim de continuar ali... Maldita hora que fui abrir minha boca...

[Meus pais] Me proibiram de fazer qualquer coisa que estivesse fora da doutrina pregada pela igreja, enquanto eu estivesse morando debaixo do mesmo barraco que eles...

Não sei porque o meu coração ainda bate dilacerado ou porque os meus olhos vertem água... Eu sabia...

Eu sabia que iria ser assim...

Não quero que meus filhos passem pelo o que eu estou passando, não quero agir com imprudência ou ignorância, achar que tudo acontece por duas causas: Deus ou Diabo... Eh mais complexo, eu sei que é...

(Rondonópolis, 27 de junho de 2012).

Os princípios da religiosidade sempre estiveram integrados a minha educação. Antes mesmo da escola, a igreja já fazia parte do meu cotidiano. A frequência religiosa era uma obrigatoriedade, íamos à igreja ao menos duas vezes por semana. Depois de mais de uma década em que saí da igreja, eu ainda consigo recordar o calendário de atividades semanais: no último sábado de cada mês, nos reuníamos para a celebração da Santa Ceia, o momento de comer a carne e tomar o sangue de Jesus Cristo, representado pelo pão e vinho. Durante essa celebração, era realizada

uma coleta de oferta destinada à compra de cestas básicas para os mais pobres da congregação, geralmente mulheres negras.

No entanto, algo que me incomodava profundamente era a maneira como essa prática era conduzida. Em algumas ocasiões, os nomes das pessoas que precisavam de ajuda eram mencionados no microfone, o que causava constrangimento e evitava que muitas pessoas pedissem ajuda à igreja. Havia uma falta de prioridade na assistência às pessoas mais vulneráveis em relação a outras atividades financeiras da igreja. A ausência de sensibilidade em relação à privacidade dos fiéis em vulnerabilidade social era algo que me perturbava.

Ademais, o fato de que a coleta para os necessitados ocorria apenas uma vez ao mês, contrastando com a frequência de outros anúncios de arrecadação de fundos para as mais diversas finalidades, era um motivo de questionamento para mim. Por outro lado, houve momentos em que os nomes dos dizimistas que ocupavam cargos na igreja foram expostos na parede, uma forma velada de coagir e constranger aqueles que não contribuía com o dízimo.

Havia uma discrepância entre os sermões de amor e as práticas religiosas. Exigiam de mim absoluta retidão e coerência, mas vivíamos de hipocrisia. Eu estava presa e sufocada a um ambiente de julgamento e pressão moral, onde eu me sentia constantemente cobrada. E isso tornou-se intolerável.

Além disso, pude observar uma constante ênfase na centralidade e supremacia da instituição, especialmente direcionada àquela igreja em particular, como sendo a única detentora absoluta da verdade. Essa abordagem reforçava uma dinâmica onde a autoridade e as crenças da instituição eram colocadas acima de qualquer questionamento ou divergência.

Hoje fui ao ensaio no templo, e estou sentindo-me estranha em meio aquelas pessoas, o tal líder preocupa-se apenas com a instituição religiosa e não com o relacionamento pessoal com Deus das pessoas... (08 de março de 2014).

A minha infelicidade em relação à igreja apareceu nos diários ao longo daqueles dois anos entre 2012 e 2014, onde, eu comumente tentava negociar minha permanência com aquele lugar, uma vez que, meus pais tinham explicitamente proibido a possibilidade de não ir mais à igreja.

Os domingos representavam o ponto alto da semana religiosa, iniciando com a Escola Bíblica Dominical (EBD), onde aprofundávamos nosso conhecimento sobre a Bíblia. A EBD era organizada em diferentes classes: a das crianças, dos adolescentes, dos jovens e, por fim, uma classe de adultos casados, chamada de classe “dos irmãos e das irmãs”. Ao longo do tempo, passei por quase todas essas classes e, por um breve período, também fui professora dos adolescentes.

Nunca cheguei a frequentar a classe dos “irmãos e irmãs”, mas observava que, embora ela não fosse oficialmente destinada apenas aos casados, já que ali também havia divorciados e viúvos, o casamento funcionava como um marco simbólico de status. A vida conjugal conferisse uma espécie de legitimidade espiritual e social, algo que se refletia até mesmo na organização do espaço físico da igreja. Havia, nesse contexto, uma clara valorização da condição de casado como sinal de maturidade na comunidade.

A EBD era o meu momento favorito, pois eu tinha a chance não apenas de ouvir histórias, mas também de compartilhar minhas próprias perspectivas, experiências e entendimentos.

Confesso, estou bem, estou feliz...

Hoje fui a EBD, fui ao culto e estudei... (Rondonópolis, 15 de abril de 2012).

Eu ia à Escola Bíblica mesmo quando os meus pais não iam e até mesmo quando a minha fé titubeava. Participar ativamente das discussões, trazendo referências e demonstrando meu conhecimento sobre as lições estudadas, era o espaço que refletia o meu desejo de ser vista e ouvida como alguém cujas opiniões e contribuições poderiam ser valorizadas e respeitadas, em um espaço, no qual meninas como eu, tinha pouca ou nenhuma voz.

No domingo à noite, ocorria o culto de louvor e adoração. Nas segundas-feiras, havia o ensaio do conjunto de irmãs do “círculo de oração”, assim como dos conjuntos de crianças e adolescentes. Já nas terças e quintas-feiras, realizavam-se cultos de evangelismo ou ações de graças, na residência dos membros da congregação. “Ganhar almas para Jesus Cristo” era o desejo de todo cristão

assembleiano, pois acreditava-se que haveria um galardão e uma coroa no céu para aqueles que difundissem o evangelho das sagradas escrituras.

A agenda religiosa era exaustiva. A presença constante dos sermões do meu pai, somada a um ambiente marcado por privações e escassez, criava uma atmosfera densa de tensão e ansiedade. Eu me via frequentemente mergulhada em conflito, dividida entre a minha própria compreensão do divino e a realidade concreta que vivíamos.

Debruçada sobre a minha cama, cadernos e utensílios didáticos tomam minha visão. Amanhã tenho uma avaliação matemática, então preciso estudar...

Vinte duas horas e cinquenta minutos, a verdade é que estou confusa (o que não é nenhuma novidade)... Hoje a minha interrogação é partindo de um pressuposto que haja um Deus; bom, se existe um Deus, o que ele tem feito em relação a mim? Me submeter aos dogmas do cristianismo ou da religião em si, é o único meio de irmos ou chegarmos até esse Deus? [...]

Já ouvi inúmeras vezes pessoas falarem que devemos fazer nossa parte e Deus faz a dele, mas ao final de contas, qual é a parte de Deus? (Rondonópolis, 09 de abril de 2012).

Estudar para a prova de matemática e questionar o divino. Eu escrevia para dar conta do rompimento de um sistema de crenças que estavam sob tensão. Recordo-me quando meu pai foi separado ao cargo de cooperador em nossa igreja, ele foi chamado a frente do púlpito junto a outros homens e a partir desse momento vi meu pai começar a usar gravatas, sua presença tornou-se mais evidente, seu lugar havia mudado, não ocupava mais o assento destinado aos homens, assumia em pé uma das portas daquela igreja, ganhou mais responsabilidades como abrir e fechar janelas.

Nesse período, senti que agora seus olhos acompanhavam o meu olhar, minha distração e até mesmo os meus pensamentos. O meu assento no banco da igreja passou a ser vigiado, se ousasse conversar, se minha devoção parecesse vacilar ou se minha mente divagasse para longe, eu sabia que estava sob o olhar dele e após os cultos, em casa, ouviríamos exaustivamente a sua desaprovação.

A igreja, a família e a comunidade do bairro eram porta voz do controle do corpo: as saias que vestíamos deveriam manter-se abaixo dos joelhos e nossos cabelos longos. Minha mãe penteava meus cabelos e certificava-se que nenhum frizz ou fio

estivesse fora do lugar, enquanto minha irmã ganhava de presente o alisamento dos cabelos.

Por não me encaixar nos padrões tradicionais de feminilidade, eu era vista como alguém de sobriedade excessiva, chegando a me chamarem de "velha". Em contraste, minha irmã, com suas saias justas, era comparada a Jezabel, a rainha bíblica que matava profetas.

Deveríamos nos adequar a uma feminilidade moldada pelo desejo do outro, apresentar-nos de maneira jovial, bonita e desejável, mas não demais. Era necessário disfarçar e ocultar tudo que compunha esse corpo: seios, bundas e pernas não poderiam aparecer. E a vagina? Tinha os piores nomes e os piores cheiros, precisava ser constantemente lavada. Se nosso corpo era a morada do divino Espírito Santo devíamos estar sempre limpas e bem comportadas.

Éramos ensinadas a performar para o desejo alheio e externo a nós e, simultaneamente, anular qualquer relação de prazer com o próprio corpo, não podíamos olhá-lo ou tocá-lo. Então, sigo me perguntando, quais mulheridades são possíveis a partir desse contexto de cerceamento e controle?

3.2 *E qual é a parte de Deus?*

A família do pastor representava uma entidade central e referencial no contexto da minha própria família. Meu pai via o trabalho dos filhos do pastor como um meio de elevar o status socioeconômico daquela família. Por conseguinte, de maneira indireta, eu me via como responsável pela pobreza da nossa família:

Hoje meu pai insinuou que eu sou o problema, que sou a pedra no seu sapato, pois não trabalho, já que para o pastor as coisas são mais fáceis, uma vez que ambos os filhos trabalham, pode até não ter sido essa a intenção do meu pai, mas ele me magoou (Rondonópolis, 06 de abril de 2012).

Eu era uma adolescente no segundo ano do ensino médio, acordava às 5h da manhã, pegava ônibus às 6h para ir à escola, chegava em casa por volta das 14h e após a aula, alguns desses dias, eu ainda precisava ir à educação física ou passava a

maior parte do dia na escola para continuar estudando e usufruindo do espaço da biblioteca. Essa era a minha rotina e, na maior parte do tempo, eu gostava dela.

Meu pai era a única pessoa assalariada em nossa família, isso ressaltava a minha sensação de ser um peso. O fato de nenhuma de nós ter outra fonte de renda intensificava as dificuldades econômicas. Nossas fragilidades financeiras geravam ressentimentos, estávamos em uma linha tênue: de um lado, a figura do homem provedor que meu pai era forçado a representar; de outro, as nossas necessidades que insistiam em não ser atendidas. Nossa escassez de recursos adiava até mesmo as nossas urgências.

Eles possuem tudo e nós não temos quase nada, por que fazem isso com a gente? E por que com o quase nada que temos não conseguimos pensar naqueles que não possuem nada? (Rondonópolis, 27 de fevereiro de 2014).

Por mais que eu reconhecesse a complexidade das circunstâncias econômicas e as dificuldades que enfrentávamos, eu sabia que essa sensação de fardo era uma realidade que meu pai também conhecia, e sua rigidez poderia ser uma expressão distorcida de seu cuidado, mas ainda assim era difícil conter a frustração e a raiva.

Meu pai não percebe que a riqueza ou a pobreza não tem nada a ver com Deus, e sim no modo como a riqueza é distribuída no nosso atual sistema econômico, e a religião, é claro, cumpre o seu papel ideológico nesse contexto, as pessoas enganam ou estão sendo enganadas... (Rondonópolis, 03 de março de 2014).

Agora há pouco ouvi uma música que tem por título "Etiqueta de preço", as garotas falavam: dinheiro não traz felicidade, me dê uma garagem e um amplificador e compre todos os carros que você quiser. Não estou afim de fazer uma análise sistemática e profunda. Todavia é IMPOSSÍVEL ser feliz sem dinheiro no nosso atual modelo de sociedade, não dá. Até para ter uma garagem e um violão. Impossível ser feliz sem ter as mínimas condições de SOBREVIVÊNCIA (Rondonópolis, 19 de janeiro de 2015).

Durante muito tempo, na dinâmica da relação com o meu pai, eu insisti na ideia de que nossos problemas desapareceriam com uma planilha. Apostando em soluções medíocres, eu disputava o espaço da fala do domínio paterno exercido, com uma confiança ingênua, em um tempo em que eu ousava dizer o que pensava:

[...] a instabilidade financeira aqui em casa não é culpa de Deus (a quem ele tanto venera, mas não vejo fazendo nada por ele), no entanto, isso é consequência da falta de um orçamento e do não planejamento de consumo" (Rondonópolis, 06 de abril de 2012).

Frequentemente, eu responsabilizava meu pai pelas dívidas que tínhamos em casa, mas em contrapartida meus pensamentos estavam em um debate entre minhas próprias necessidades e as necessidades que compartilhávamos como família. A devoção inabalável do meu pai e a sua interpretação rigorosa das escrituras sagradas me levavam a questionar não apenas a nossa pobreza, mas o amor divino. Se Deus nos ama verdadeiramente e Ele é um Pai compassivo, por que meu próprio pai é tão rígido e severo?

Todas as vezes que eu penso sobre céu ou inferno uma angústia invade o meu coração. Fico confusa e tudo quanto que eu mais tenho vontade é sumir (quando na verdade, eu preciso ser compreendida e não SUMIR).

Estou tentando estudar para avaliação de matemática financeira E de matemática, mas ao ouvir um testemunho de um homem que diz que foi ao inferno eu fico atordoada.

Eu não creio que esse Deus justo me pode deixar confundida...

Não creio que um Deus de Amor tem um inferno para aqueles que o rejeitou, se assim é, eu não quero amá-lo...

Esse Deus nunca me foi bom o bastante, nunca me ouve e sempre pede a minha SUBMISSÃO.

Frente a este Deus não tenho vontade, não posso ser eu, preciso me abster dos "prazeres da vida", não entendo, já que foi ele que tudo criou!

Esse Deus bondoso não fala comigo, esse Deus de Amor não curte muito a ideia de me ver feliz ou de explicar os seus planos para minha vida. Deus, Deus! [...] Talvez ele não exista (Rondonópolis, 12 de maio de 2012).

Por outro lado, havia um "otimismo ingênuo" em minha escrita, eu percebo uma forte influência do livro *Enquanto o amor não vem*, da escritora Iyanla Vanzant, assim eu escrevo:

Enquanto sacudia o meu baú da memória encontrei alguns entulhos, o que me fez perceber que já está na hora de fazer uma faxina espiritual... Re(mover) os móveis, todas aquelas certezas e convicções pré estabelecidas... Retirar a poeira, todas aquelas mágoas e

ressentimentos e jogar pra fora toda tranqueira... Enfim, a casa, ou melhor, o meu coração precisa receber luz. Chega a hora de abrir as janelas para receber o sol...

Vejo agora o desejo de mudança de hábitos, de comportamentos, de vida. Aí você percebe que fez-se horas no qual você não conversou com determinadas pessoa, de repente aquela viagem que você planejou há algum tempo sai dos planos e finalmente se faz necessário a sua concretização... (31 de agosto de 2012).

Leio o trecho acima, percebo que, explico uma ideia e pontuo exemplos que fugiam da dimensão da minha realidade. Algumas de minhas referências pareciam não responder diretamente às experiências concretas que eu estava vivenciando naquele momento. No entanto, eram as referências que eu tinha. Afinal, quantas viagens eu planejava sendo uma adolescente negra de 16 anos moradora da periferia da cidade de Rondonópolis? E, como, de alguma maneira, viagens solucionariam as privações financeiras em que eu vivia?

O sucesso da família do pastor dependia do fracasso da nossa família, porque aquele era o modelo de família a ser alcançado. Eu me sentia em um ciclo de culpa e ressentimento, incapaz de encontrar uma solução ou uma maneira de aliviar a pressão que estava sobre nós. Era como se estivéssemos constantemente lutando uns contra os outros. Na casa de meu pai, residia o segredo velado de nossa pobreza, uma fragilidade que, paradoxalmente, ocultávamos sob a égide do divino e do sagrado. Nossa pobreza era vontade divina ou responsabilidade única e exclusiva da nossa família por não fazermos nada a respeito?

Ao longos dos anos, entre as rupturas e reconciliações que fiz com Deus, por fim, eu digo:

Não sou muito amiga de gente onipotente, até deus, eu sinto que já deixei. Sei lá... Acho que abandonei Deus (06 de abril de 2018).

A igreja foi a grande estrutura que moldou a minha subjetividade e a subjetividade familiar. Nossa família era organizada a partir da religião, os dias e as horas de ir ao culto, o dízimo, os diálogos e as discussões, as orações antes de ir dormir. A religião não era singelamente um ponto de busca de paz ou refúgio, ela desenhou o modo como nos comunicávamos em família, como nos relacionávamos com o dinheiro e como compreendíamos o significado das nossas vidas no mundo.

Arrisco afirmar que, em muitas famílias negras brasileiras, assim como a minha, a religiosidade não foi apenas um dos espaços educadores, mas a premissa e o pressuposto de toda nossa construção identitária. Por isso, eu confesso que não me libertei inteiramente da autoflagelação ao tentar expressar meus pensamentos mais íntimos. Falar, para mim, envolve o risco da punição implacável.

Como me libertar da culpa advinda da autoresponsabilização pela condição a qual vivíamos, e ao mesmo tempo superar a vontade soberana de Deus? Essa tese é o meu desafio, o desafio de descortinar os “segredos” que nos empurram para o silenciamento das condições que nos oprimem.

4 Afétos: Redimensionando a escola

*Me lanço feito kamikaze
Sou quase qualquer coisa
Consequinte
Sou dona de um peito persistente
Um coração pedinte
Luedji Luna*

Quando minha irmã e eu éramos crianças, meu pai trabalhava em outra cidade, o que significava que nos encontrávamos um final de semana por mês. Sentadas em uma poltrona velha de couro sintético marrom, minha irmã e eu, com água, creme e presilhas em mãos, competíamos para fazer penteados no cabelo do nosso pai. Brincávamos com ele como se fosse nossa grande boneca. No tempo que passávamos juntos, ele nos levava ao supermercado e permitia que escolhêssemos algumas pequenas guloseimas.

Meu pai estava longe para decidir qualquer coisa sobre nossa educação cotidiana, exceto os cadernos que compraríamos, ele nos levava às lojas de materiais escolares e então podíamos escolher nossas mochilas, cadernos, lápis e borracha. Eu me sentia no paraíso ao ter a possibilidade de escolher o que poderia usar na escola naquele ano. Meu pai me deu tudo o que tinha, mas sobretudo o que não tinha.

De tudo que vi meu pai bem-querer na vida, talvez fosse a escrita e a leitura dos filhos o que perseguiu com mais afinco. (...) Mas pessoas como nós, quando viam o orgulho que sentia dos filhos aprendendo a ler e do valor que davam ao ensino, saberiam que esse era o bem que mais queria poder legar (Vieira Junior, 2019, p. 66).

Enquanto lia o livro *Torto Arado*, do escritor Itamar Vieira Junior, onde duas filhas nos narram a história de Zeca Chapéu Grande, me emocionei ao ver escrito os meus desejos de continuidade e de alguma maneira também ver refletida a história do meu pai. Uma vida inteira de suor e fogo para ver a minha escolarização e a de minha irmã. Suor e fogo. A educação foi o presente mais caro que me deixou, a herança mais valiosa que eu ganhei. E, nos últimos tempos, tenho usado as palavras que aprendi para escrever com a mesma voracidade e teimosia que meu pai possuía com a vida.

Se por sua vez, meu pai se responsabilizava materialmente pela nossa formação escolar, era a minha mãe a principal responsável por viabilizá-la no cotidiano, nos levava à escola e participava das reuniões escolares, nos convencia a beber mastruz com leite em jejum, preparava nosso café da manhã, segurava nossas mãos. Eu me sentia cuidada e importante.

Antes da minha vida escolar começar na cidade de Rondonópolis, na virada do milênio, meu pai nos deixou no sertão sergipano e partiu sozinho para o estado de Mato Grosso, levando apenas o dinheiro da passagem e a sorte. Sem amigos, herança ou parentes de sobrenomes importantes, ele encontrou seu primeiro trabalho como auxiliar de cozinha na construção de uma usina hidrelétrica na cidade de Itiquira. Um ano depois, meu pai voltou e minha mãe decidiu que voltaríamos com ele.

Chegamos à cidade de Rondonópolis e dividimos a moradia com a família de um amigo que trabalhava com meu pai. Essa experiência de coabitação se tornou uma constante em nossas vidas. À medida que eu crescia, ficava cada vez mais intrigada sobre o motivo pelo qual não podíamos ter nosso próprio lar. Percebi que, parte disso, advinha da dificuldade do meu pai em dizer não às outras pessoas, bem como da submissão e tolerância da minha mãe em relação às escolhas e decisões do meu pai.

Cerca de um ano depois, mudamos de endereço e de escola, nos primeiros dias na escola nova uma professora gritou comigo na sala de aula, acusando-me de ter pego a carteira escolar de outro aluno, já que cheguei na escola em meados do bimestre letivo. Aparentemente, depois de cantarmos o hino nacional em filas e rezarmos o *Pai Nosso* e a *Ave Maria*, era usual gritar com crianças naquela escola.

Ela me chamou de "gorila". Fiquei o dia todo perturbada com aquelas palavras, eu não entendia por que naquele estado a professora me chamava assim, até descobrir posteriormente que ela havia me chamado de "guria". Guria não era uma palavra usual ou conhecida por mim. Aquele foi o impacto de chegar em um estado novo, que me dizia que eu estava em um lugar diferente, o qual havia coisas, as quais eu não sabia e teria que aprender sozinha. Naquela escola, os meninos passaram a me agredir verbalmente sem motivo aparente, independentemente de estar na fila da merenda, quieta ou sozinha.

Por que aqueles meninos pretos não gostavam de mim? Ao tentar chamar um adulto para intervir, nada era feito. Quando chegava em casa e contava o ocorrido à minha mãe, ela dizia que eu não deveria dar importância ao que estava acontecendo. Diariamente, ser insultada e encorajada ao silêncio era o meu martírio solitário e particular.

Fui para a escola usando uma blusa nova que meu pai havia me dado. Durante uma atividade com tinta, um dos alunos manchou minha blusa. Desesperada com a situação, acabei tirando a blusa para ver o estrago. Como resultado, fui repreendida pela professora em sala de aula, já que não era apropriado tirar a blusa na frente de todos. Ninguém quis me ouvir. E nada foi dito ao menino que, de propósito, sujou minha blusa nova. Eu engoli o choro. O mundo era mesmo muito injusto.

Nessa mesma escola, lembro-me de um episódio entre a segunda e terceira série, durante uma aula na qual aprendíamos operações básicas de matemática utilizando panfletos de supermercados. Enquanto calculávamos, a professora, alta, esbelta e com cabelos loiros, caminhava pela sala. O som de seus passos me deixava tensa a cada aproximação. Quando parou ao meu lado, a professora verificou meu caderno e apontou um erro, talvez uma simples vírgula fora do lugar, que fez minhas contas darem errado. Não me recordo exatamente do que se tratava, mas guardo a lembrança de como ela segurou meu braço firmemente e me sacudiu na cadeira enquanto repreendia algo que eu já deveria saber, eu fiquei atordoada e contive as lágrimas.

Pouco tempo depois, começou a alfabetização da minha irmã. Minha mãe a ensinava sob a ameaça de uma surra com um cinto longo e preto que tinha um apelido cruel: "maria preta". Eu não entendia por que minha irmã não conseguia assimilar o BA-BE-BI-BO-BU, mas aparentemente a ameaça de punição iria ensiná-la. Violência e punição logo se tornaram métodos de aprendizado, e se eu não aprendesse, algo certamente estava errado comigo. Constantemente, alguém estava apontando que havia algo errado comigo.

O que secretamente acabei aprendendo com tudo isso é que não podemos contar com os adultos quando somos vítimas de violência. Reprimir minhas emoções era algo que eu estava - silenciosamente - aprendendo. O choro não tinha espaço para

abraço ou acolhimento. Chorar era considerado feio, chorar era motivo de humilhação e constrangimento. Podem meninas negras chorarem?

Ao longo dos anos nessa escola, a cada riso sobre minha aparência e a cada punição por meus erros escolares reforçavam a ideia de que a minha existência era um equívoco. Paulatinamente, deixei a cadeira ao centro e a frente da sala, agora, junto à carteira ao lado da parede, eu preenchia o caderno do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd) enquanto um policial militar fardado nos furtava a sala de aula, nos apresentava todos os malefícios do uso de drogas e nos impulsionava a dizer não às drogas (**Documento I**). As drogas eram o meu inimigo invisível.

Documento I: Certificado de participação do Proerd



Fonte: Arquivo pessoal.

Após termos decorado a canção do programa e termos feito o juramento de resistir à pressão fantasiosa e inexistente do uso de drogas em uma cerimônia pública, tudo o que me recorde desse programa é que a camiseta se tornou um dos meus pijamas favoritos. Afinal, que pressão às drogas eu vivia, quando eu era uma criança nas fases iniciais do ensino fundamental imersa em um cotidiano religioso, e não tinha a mínima ideia do que se tratava aquelas drogas que eu deveria dizer não?

Na pequena biblioteca dessa escola, devorei todos os gibis da Turma da Mônica e adotei um pequeno caderno para copiar poemas populares como “O cravo brigou com a rosa” e “Batatinha quando nasce esparrama a rama pelo chão”. A sonoridade das rimas e a estrutura dos versos me deixaram absolutamente extasiada e encantada. Era divertido.

Esse era o mundo que criei para mim, enquanto tentava não incomodar os adultos e passar despercebida diante de todos à minha volta. Na verdade, nem mesmo tínhamos televisão para nos distrair, já que a doutrina de nossa igreja proibia que seus membros possuíssem o aparelho em casa.

Os usos e os costumes de nossa igreja em relação a roupas nos destacavam entre os demais. Em função disso, a disciplina de Educação Física sempre foi o meu terror. Afinal, como eu poderia praticar esportes se os esportes eram um jogo proibido? E como eu poderia praticar esportes usando saias? A verdade é que usar qualquer roupa adequada para a atividade física me fazia sentir como um peixe fora do aquário. Sentia-me vigiada, constrangida e embaraçada, saber que poderia encontrar outros membros da igreja e estar vestida daquela forma era terrivelmente assustador. Havia uma coerção no olhar dos membros da igreja.

Eu não tinha escolhas, estudar Educação Física significava ser boa em algum esporte. Eu tinha dificuldades em jogar vôlei e, mais tarde, também não me sairia bem no futsal. As meninas ao meu redor pareciam ter talento para o esporte e admiravam os músculos do professor. Eu fingia que admirava também, ser sempre a última escolha para formação de times já era desconforto suficiente.

Eu não gostava das aulas de Educação Física, me sentia no limite do meu próprio corpo mesmo quando eu não o movimentava. Tinha que dar conta de aprender esportes, sustentar os desconfortos de usar roupas, as quais eu não estava

acostumada e me esconder de ver outros membros da igreja que frequentavam a mesma escola que eu.

Para resistir às aulas de educação física, utilizei uma declaração religiosa assinada pelo pastor que solicitava a isenção das atividades físicas em função de nossos usos e costumes. Em uma das escolas, eu necessitava manter a presença nas aulas e entregar um trabalho escrito relacionado a regras de esportes, a qual eu não praticava. Na outra, isso não me livrou do suplício das aulas de Educação Física, assim me via lutando para acompanhar o ritmo dos demais. Diante dessa situação, eu simplesmente fazia o que precisava ser feito para não reprovar: manter os 75% de presença e fazer o mínimo possível. Afinal, quem reprovava em Educação Física?

A vida é descontínua, assim enquanto aceitava o destino do meu martírio nas aulas de Educação Física, muitas outras coisas aconteciam. Após ser demitido do trabalho ao término da construção de uma usina hidrelétrica na cidade de Sonora/MS, meu pai comprou uma casa. Então, ele que antes trabalhava em outra cidade e nos visitava apenas uma vez ao mês, agora estava presente todos os dias e experimentávamos uma nova dinâmica e configuração familiar.

À noite, antes de nos recolhermos, nosso pai se sentava ao lado de nossas camas e gentilmente beijava nossos rostos, tanto a mim quanto à minha irmã. Empenhávamo-nos em prolongar aquele momento, criando uma sequência de beijos: um para cada face do rosto e um carinhoso beijo na testa. Aproveitávamos também para fazer nossos pedidos, desejando coisas que nos eram importantes. Quando nosso pai não passava pelo nosso quarto, protestávamos: “E o nosso beijo da noite?” Com a luz do quarto apagada, nos aconchegávamos para dormir, aquecidas pelo toque, carinho e atenção que nos faziam sentir queridas e especiais.

No início da adolescência, eu já assimilava os princípios da fé cristã, então aos 14 anos, mergulhei nas águas por meio do batismo. Agora, eu era um membro da igreja, fazia parte de uma comunidade e estava absorta e envolvida em todos cronogramas da congregação, tinha amigos e recebia amigos em casa.

Paralelamente a minha busca espiritual, eu me envolvia ativamente nas atividades escolares. Participava dos eventos literários da escola, explorava a biblioteca e era encorajada a desenvolver minha habilidade de escrita durante as aulas de Língua Portuguesa. Obviamente, meus textos refletiam os valores e as

convicções da minha fé naquela época. Uma vez, uma professora teve a gentileza de publicar uma das minhas crônicas em seu blog. Foi um momento significativo para mim, pois senti que estava sendo reconhecida, que meus esforços estavam sendo valorizados.

À medida que revisito meu histórico escolar, observo como minha jornada educacional se desdobrava na área de Linguagens: "Compreende o mundo, onde a dimensão poética se faz presente como meio de transformação contínua da existência."

Essas palavras me tocaram de maneira particular e consigo lembrar da minha voz dar vida a uma personagem no projeto literário da escola, de ler livros deitada de ponta cabeça na cama e avalio que a poesia foi meu refúgio, um espaço onde me sentia verdadeiramente acolhida, como expresso em meu diário:

Eu sempre admirei os poetas, aquelas pessoas cultas que sabem como organizar as letras no papel... Sempre fui fissurada por coisas complexas, paradoxo do amor, da vida...
E algumas vezes tentei imitá-los, inutilmente, mas o singelo fato de "interpretá-los", me faz sentir mais humana, logo penso, alguém soube "Desenhar" aquilo que eu não soube dizer com palavras...
É magnífico a grandeza, a magia dos poetas brincar com as palavras...
E eu aqui uma vez e outra sempre os invejando, tentando de alguma maneira traduzir o meu eu (...) (Rondonópolis, 13 de maio de 2012).


Contudo, ao voltar e retornar a leitura do histórico escolar, algumas questões me despertaram particular inquietação, na mesma área de Linguagens aparecem conteúdos em inglês, os quais até hoje não me sinto totalmente habilitada. Afinal, "o que sei de inglês, aprendi cada vez que traduzi um post y não tinha a ver comigo"¹⁵, ou seja, o meu "mundo social escolar" foi construído a partir de referências que não se comunicavam comigo.

Em continuidade, na área de Ciências Naturais e Matemática, minha atitude de escutar e falar apenas no momento adequado é celebrada. Talvez, meu silêncio tenha a ver com a apresentação relativa do meu conhecimento na respectiva área, porque não me recorro de um momento em que essas disciplinas tenham me sido

¹⁵ Referência à música de *Espero Ainda*, de Rico Dalasam.

fáceis, todavia escutar, falar menos e compartilhar, me tornavam um problema a menos.

Documento II: Histórico escolar (2011)

 <p>Estado de Mato Grosso Secretaria de Estado de Educação</p>	<p>Relatório de Avaliação Descritiva do Aluno</p> <p>ES. EST. DE MATO GROSSO CRIAÇÃO Nº 12º GRAU MUNIC. RONDONÓPOLIS - MT DPEC CRIAÇÃO Nº 014 05/03/2009</p> <p>Página: 1</p>
<p>Série/Ano/Fase: ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR > 3º CICLO > 3ª FASE</p>	<p>Turma: D Turma: MATUTINO Período Letivo: 2010</p>
<p>Avaliação: CONCEITO FINAL</p>	
<p>Aluno(a): DAIANE SILVA SANTOS</p>	
<p>Área de Conhecimento: 362 - LINGUAGEM Conceito: PROGRESSÃO SIMPLES (PS)</p> <p>DEMONSTROU O DOMÍNIO ATIVO DO DISCURSO NAS DIVERSAS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS, PRODUZIU E UTILIZOU A LINGUAGEM VERBAL COM EFICÁCIA, TENDO EM VISTA DIFERENTES CONTEXTOS DO COTIDIANO DE MODO A POSSIBILITAR SUA INSERÇÃO EFETIVA NO MUNDO DA ESCRITA, AMPLIANDO SUAS POSSIBILIDADES DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO EXERCÍCIO DA CIDADANIA, ATRAVÉS DOS CONTEÚDOS ACENTUAÇÃO GRÁFICA, PONTUAÇÃO, GRÁFIA, LEITURA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS, CONCORDÂNCIA E REGÊNCIA, COESÃO E COERÊNCIA E ANÁLISE SINTÁTICA. INCORPOROU A QUESTÃO DE COMO AS PESSOAS AGEM NA SOCIEDADE POR MEIO DA PALAVRA E EXPRESSÕES DA LÍNGUA ESTRANGEIRA, CONSTRUINDO O MUNDO SOCIAL, A SI MESMO E OS OUTROS À SUA VOLTA, UTILIZANDO ALPHABET AND NUMBER CARDINAL AND ORDINAL, PERSONAL, POSSESSIVE AND DEMONSTRATIVE PRONOUNS, VEB TO BE AFFIRMATIVE, NEGATIVE AND INTERROGATIVE FORM, ARTICLES AND PLURAL OF NOUNS. FOI CAPAZ DE MONITORAR AS PRÓPRIAS ATIVIDADES, ESFORÇO CORPORAL, TRAÇANDO METAS, CONHECENDO AS POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES E SABENDO DISTINGUIR SITUAÇÕES DE TRABALHO CORPORAL QUE PODEM SER PREJUDICIAIS. COMPREENDE O MUNDO NA QUAL A DIMENSÃO POÉTICA ESTEJA PRESENTE, COMO FORMA DE TRANSFORMAÇÃO CONTINUA DA EXISTÊNCIA. OPERA NO SISTEMA LINGÜÍSTICO ATRAVÉS DO USO/ REFLEXÃO/ USO, DESENVOLVENDO A HABILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE SEU PRÓPRIO CONHECIMENTO ARTISTAS DO MATO GROSSO, TENDÊNCIAS ARTÍSTICAS, HISTÓRIA DA ARTE, GÊNERO CRÔNICA E PRODUÇÃO TEXTUAL.</p>	
<p>Área de Conhecimento: 363 - CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA Conceito: PROGRESSÃO SIMPLES (PS)</p> <p>APRESENTOU UMA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO RELATIVA, EM RELAÇÃO AOS CONTEÚDOS CONCEITUAIS COMO: NÚMEROS REAIS - POTÊNCIAS E RADICAIS, EQUAÇÕES DE 2º GRAU, FUNÇÕES DE 1º E 2º GRAU, SEMELHANÇA DE TRIÂNGULOS, TEOREMA DE TALES, RELAÇÕES MÉTRICAS NO TRIANGULO RETÂNGULO, PERÍMETRO E ÁREA, ESTUDO DA MATÉRIA, MUDANÇAS DE ESTADO DA MATÉRIA, PROPRIEDADES GERAIS E ESPECÍFICAS DA MATÉRIA, INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA QUÍMICA E DA FÍSICA, TRABALHADOS EM CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA, SE MOSTRANDO CAPAZ DE DEFINIR, RELACIONAR, CARACTERIZAR, DESCREVER, VERIFICAR, COMPARAR, REPRESENTAR, RESOLVER SITUAÇÕES PROBLEMAS, APROPRIANDO-SE DOS OBJETOS DE ENSINO. NO ASPECTO PROCEDIMENTAL DA APRENDIZAGEM DEMONSTROU SABERES PARA O DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO NA SOCIEDADE EM QUE ESTÁ INSERIDO, COMO: TRABALHO EM EQUIPE, PARTILHA, SE POSICIONAR E SE ORGANIZAR. NO ÂMBITO ATITUDINAL DESENVOLVEU HABILIDADES DE ESCUTAR, DE FALAR NO MOMENTO ADEQUADO, DE ALTRUÍSMO, DE SOLIDARIEDADE, NECESSÁRIAS PARA COMPREENDER E ATUAR COMO INDIVÍDUO E CIDADÃO, UTILIZANDO CONHECIMENTOS DE NATUREZA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, BEM COMO AS CONSEQUÊNCIAS NA RELAÇÃO HOMEM X NATUREZA. É CAPAZ DE COMPREENDER OS CONCEITOS MATEMÁTICOS COMO BENS ESSENCIAIS PARA O CIDADÃO AGIR COMO CONSUMIDOR PRUDENTE OU TOMAR DECISÕES EM SUA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL.</p>	
<p>Área de Conhecimento: 364 - CIÊNCIAS HUMANAS Conceito: PROGRESSÃO SIMPLES (PS)</p> <p>APRESENTOU UMA CONSTRUÇÃO SATISFATÓRIA DOS CONHECIMENTOS E COMPREENSÃO DE SUA REALIDADE, ESPECIALMENTE COMPARANDO-A E RELACIONANDO-A COM OUTRAS REALIDADES HISTÓRICAS, SITUANDO-AS NAS DIVERSAS TEMPORALIDADES, SERVINDO COMO ARCABOUÇO PARA REFLEXÃO SOBRE POSSIBILIDADES E/OU NECESSIDADES DE MUDANÇAS E/OU CONTINUIDADES, NOS ASPECTOS A ERA DO IMPERIALISMO, REPÚBLICA CHEGA NO BRASIL, A CRISE DO CAPITALISMO E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. COMPREENDEU A SUA POSIÇÃO NO CONJUNTO DAS RELAÇÕES DA SOCIEDADE COM A NATUREZA, COMO E PORQUE SUAS AÇÕES, INDIVIDUAIS OU COLETIVAS, EM RELAÇÃO AOS VALORES HUMANOS OU À NATUREZA, TEM CONSEQUÊNCIAS TANTO PARA SI COMO PARA A SOCIEDADE, ATRAVÉS DO DOMÍNIO DOS CONCEITOS DE PAÍSES E CONFLITOS ATUAIS, GLOBALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS CONTINENTES EUROPEU, ASIÁTICO, AFRICANO E OCEANIA. É CAPAZ DE ANALISAR E APLICAR NA VIDA COTIDIANA OS PRINCÍPIOS ÉTICOS CRISTÃOS DA LIBERDADE E DA RESPONSABILIDADE PARA UMA CIDADANIA RESPONSÁVEL, CONSCIENTE, PENSANTE E PARTICIPATIVA.</p>	

Fonte: Arquivo pessoal.

Na área de Ciências Humanas, fui avaliada como alguém capaz de aplicar na vida cotidiana os princípios éticos cristãos, eu não estava em uma escola religiosa, mas aparentemente essas eram as diretrizes que guiavam aquela escola. De certa forma, minha busca por aceitação estava funcionando. No entanto, era uma aceitação que exigia que eu ignorasse parte da hostilidade que aquele ambiente representava para mim.

Retomar esse documento foi significativo porque me levou de volta às perguntas de Lélia Gonzalez (1984): “Por que vivem dizendo prá gente se por no lugar da gente? Que lugar é esse?” (p. 208). A avaliação registrada no histórico expressa um currículo marcado pela hegemonia branca, que me empurrava à negação constante de mim mesma como condição para ser aceita. Como, então, construir uma relação de pertencimento não apenas com a minha negritude, mas com a minha existência no mundo, em um lugar onde nossas imagens raramente se refletiam de forma afirmativa?

Comumente, é frequente que o branqueamento seja considerado um problema para as pessoas negras, no sentido de que estas buscariam uma identificação com o branco, de forma a diluir suas características. Todavia, pouco questiona-se os projetos pedagógicos, os currículos e os planos de aula que definem parte significativa dos conteúdos a serem ensinados nas escolas, espaços em que muitas crianças passam a maior parte do seu dia. Com poucas exceções, esse silenciamento e ocultamento de nomeação da temática racial seguiu ausente na estrutura curricular em toda minha formação acadêmica/escolar.

Nos anos seguintes, meus diários passaram a refletir justamente esse contraste: o que eu de fato sentia em relação à escola e a imagem que se manteve ao longo de toda a minha trajetória escolar e acadêmica: a de que eu era uma “boa aluna”.

4.1 A queda do Paraíso: Universo em desencanto

*Que beleza é saber seu nome
Sua origem, seu passado
E seu futuro
Que beleza é conhecer
O desencanto
E ver tudo bem mais claro
No escuro
Tim Maia*

Influenciada pela mesma professora de português, mudei para uma escola técnica no ensino médio. Acredito que ela gostava de mim, afinal, havia publicado minha crônica em seu blog. De alguma forma, eu acreditava que ela poderia conhecer algo sobre mim que eu mesma desconhecia. Assim, dirigi-me à lan house, fiz a inscrição para o processo seletivo e imprimi o boleto para efetuar o pagamento.

O valor da inscrição era de 35 reais, se não me falha a memória. Ninguém tinha dinheiro. Então, quebrei meu porquinho de porcelana para pagar a taxa. Minha mãe lembra que foi à casa lotérica com a bolsa cheia de moedas. Essa história é especial para mim, pois marca um momento em que me senti profundamente implicada com a continuidade da educação e tive a oportunidade de realizar algo significativo com o apoio da minha família.

Após ser aprovada no processo seletivo, nos três anos seguintes, encarei diariamente a rotina de acordar às 5h da manhã e enfrentar uma jornada extenuante até chegar à escola. Quando não havia atividades extras, eu retornava para casa por volta das 14h. No entanto, na maior parte do tempo, eu permanecia na escola, participando de aulas de educação física, projetos de pesquisa e lidando com minhas próprias dificuldades de compreensão das disciplinas, o que me levava a continuar no contraturno das aulas.

Oh, aula chata... Puta que pariu! Tenho que permanecer na escola hoje, estou inquieta, não gosto disso, é cansativo. Física! (Rondonópolis, 24 de fevereiro de 2014).

A escola ainda não oferecia uma infraestrutura que se adequasse às nossas necessidades, não tinha cantina ou sequer restaurante por perto. Comumente, eu

levava uma marmita na mochila, almoço que minha mãe preparava na noite anterior. Na escola, havia uma sala que por algum tempo foi uma cozinha improvisada, na qual aquecíamos nossas refeições no microondas.

A parte as dificuldades relacionadas à escassez de recursos materiais, eu me permitia a possibilidade dos encontros com aquela experiência de deslocamento naquele espaço.

Bom dia! Estou na aula de língua portuguesa. Daqui há alguns instantes iremos ter uma palestra sobre o ECA e o aumento da maioria penal. O tema é polêmico e atrativo... (Rondonópolis, 17 de abril de 2012).

Os dias seguiram-se, eu estava sempre envolta de uma jaqueta ou um moletom preto, sentada junto à parede na sala de aula, sentia que aquela superfície branca e fria me protegia e me tornava invisível, ali, eu encontrava um tipo de conforto inesperado, mesmo quando meu desejo mais profundo era ser olhada, acolhida e abraçada.

Cansada em algum lugar do universo!

20:11, acabo de chegar da escola, o professor me deu uma carona, me deixou perto do ponto de ônibus.

Estou aflita, preocupada com a recuperação de matemática e matemática financeira... Estou em agonia ainda não decidi "o que vou ser quando crescer", me identifico com as áreas de humanas e gosto de entender as relações interpessoais e o Eu... Poxa, parece que psicologia é tudo a ver comigo.

(...)

Tou cansada, logo um banho e a leitura de um livro e quero cama... Quem sabe refletir mais sobre mim, sobre as minhas expectativas, sobre o que eu quero e a quem eu quero...

Sinto falta de um abraço, de mãos que ao segurar as minhas me façam mais confiante (...) (Rondonópolis, 12 de maio de 2012).

Frequentemente me encontrava cansada, angustiada e sufocada. Se estudar era a única coisa que eu fazia, por que diabos era tão difícil assimilar aquelas disciplinas? Por que parecia que todos os outros sabiam como lidar com isso, enquanto eu não? Por que aprender era uma tortura? Por que era sempre eu quem sofria? As preocupações com minha performance escolar definiam o que eu sentia na maior parte do tempo. E sim, tudo parecia amplificado, tudo era um extremo, todo

mundo, sempre ou nunca. Então, eu continuava a desabafar no diário que levava para a escola, eu dependia dele:

Ando em pânico quanto às provas de matemática... Já nem sei o que faço! Amanhã é a recuperação de matemática financeira... Refiz algumas questões e estou em falta, não consegui entender algumas... Sono, muito sono, sendo 20:58, Vou tomar um suco, escovar os dentes, trocar algumas mensagens e enfim dormir.
Passa aqui para registrar mais que meu dia, mas para me registrar, falar dessa ansiedade que me toma quando me preocupo (15 de maio de 2012).

Não sei o que está havendo comigo, fui a única pessoa a ficar de recuperação na prova de Física... Triste não, acho que frustrada mais uma vez...

Complicado... Dedicar meu tempo hoje para tal recuperação. Vamos lá, né?

Quem sabe um dia isso não se modifica.

E como se não fosse o suficiente, recebo a minha nota de recuperação de matemática... Eu já nem sei o que faço! Já chorei, estou desesperada, mas já nem sei o que fazer...

Isso me faz sentir um lixo, me faz sentir inútil... (Rondonópolis, 16 de maio de 2012)

Estou em aula, aula de Física e o professor veio me parabenizar por ter ficado de recuperação. Quase nem foi irônico (Rondonópolis, 17 de maio de 2012).

Eu estava no segundo ano do ensino médio e me sentia um lixo e inútil, mas temo que essa sensação não havia começado ali. Por muitas vezes, a sensação de fracasso frente ao meu desempenho escolar era avassaladora. Eu realizava listas e listas de exercícios com o peito emperrado, já estava convencida que eu não daria conta. A escola, assim como, a comunidade religiosa e o contexto familiar insistiam na culpabilização pelo erro, pelo pecado e conseqüentemente pelo não aprendido, não aprender comunicava que eu estava consistentemente errando em algo.

Nove horas e dez minutos, estou na aula de inglês, tenho a merda de um livro didático, do qual a professora me pede para que seja "resolvido"...

Logo após tenho duas aulas de química, e eu singelamente ODEIO química...¹⁶

Muito tédio... (Rondonópolis, 04 de abril de 2012).

¹⁶ Referência à música *Química* do Legião Urbana.

De modo paralelo ao meu fim do mundo na escola, eu tentava construir outras relações online. Apesar da precariedade ao acesso à internet, a qual eu acessava pelo computador da biblioteca da escola ou pela rede wifi da vizinhança do bairro, as redes sociais consolidaram-se como espaço contínuo de trocas:

Enfim, a última aula de hoje! Sexta-feira (Para nossa alegria)¹⁷, mas tenho aula amanhã, o que é chato!
O professor dedicou esse tempo para leitura silenciosa de uns textos (coisa xata, não que eu não goste de ler, mas os textos são longos e enfadonhos)...
Hoje vou permanecer na escola, bem como todas as sexta-feiras...
Ontem eu fui a educação física e falei com o professor sobre um difícil tema: Relacionamentos! Vou tentar colocar em prática algumas coisas que ele me falou... (Só para lembrar nos falamos pelo MSN)¹⁸.
Sinceramente, estou cansada... Essas aulas são enfadonhas, me dão sono, mas... Estudar, néh? (Rondonópolis, 18 de maio de 2012).

Aos 15 anos, meu pai me presenteou com um computador de mesa, mas meu primeiro contato com computadores foi com os filhos dos meus vizinhos ao lado da kitnet que meus pais alugavam. O filho mais novo dos meus vizinhos criou um e-mail para mim, e assim tive minha primeira conta no Orkut. Com ele, também me divertia jogando Counter Strike, Mortal Kombat e Need for Speed. Ocasionalmente, eu frequentava a lan house do meu bairro, principalmente quando se tratava de atividades que envolviam cópia ou impressão de trabalhos escolares e aproveitava o momento para descobrir e experimentar tudo o que se apresentava naquele universo.

Em 2006, naquela mesma escola onde policiais ocupavam o espaço das professoras, fui selecionada para fazer parte de um projeto de extensão de inclusão digital em uma universidade privada. Foi um momento importante para conhecer de maneira mais formal as ferramentas que compunham o uso do computador. O curso ocorria aos sábados; eu tomava café da manhã, levava o lanche que minha mãe preparava na mochila, pedalava até a escola e de lá uma van nos levava até a universidade. Pela primeira vez, eu entrava numa universidade e fiquei deslumbrada com o tamanho dos prédios; um mundo de possibilidades se abria. Eu sentia que não

¹⁷ Referência ao meme que se tornou viral na internet.

¹⁸ Aplicativo de mensagens instantâneas que permitia o envio de mensagens de texto e vídeo, no Windows.

se tratava apenas de aprender a armazenar arquivos em disquetes ou realizar pesquisas no Yahoo Respostas; era sobre a possibilidade de transitar em outros lugares e conhecer outras pessoas.

Eu tive uma amiga, talvez a minha primeira paixão ainda não nomeada. Nos conhecemos pela internet por intermédio de amigos em comum e fazíamos parte do mesmo núcleo religioso, embora de congregações diferentes. A partir desse momento, a internet torna-se um espaço de vinculação e afeto, uma vez que o meu ciclo social escolar nunca foi extenso. Em meus diários, há algumas menções ao seu nome; com ela, eu podia compartilhar as efemeridades e as complexidades do cotidiano.

Hoje fui a escola dominical [...] Ao voltar tomei café e ria comigo mesma ao lembrar do que me aconteceu ontem, ri das minhas conversas no chat do facebook com a Fayola e a Patrícia...
Agora, eu estou deitada de bruços na cama dos meus pais, com meu caderno de matemática... A ideia é estudar, mas "tá" difícil...
(Rondonópolis, 08 de abril de 2012).

Quando a minha fé religiosa começou a titubear, a vida familiar tornou-se um inferno. Em meio ao meu inferno particular, caminhando ao lado da apostasia, era com minha amiga que eu conversava:

Conversando com a Fay, ela me disse algo que achei extremamente fundamental, ela me disse que talvez o meu problema não seja Deus em si, mas a igreja, o como eu vejo as implicações da igreja no meio social...
E confesso que foi partindo dessa ideia que me propus mais uma vez a rever os meus conceitos sobre Deus e igreja (09 de abril de 2012).

Sou grata a Fayola que mesmo sem me conhecer às vezes pára para perguntar como foi meu dia... Fayola volta sua atenção para eu por torpedo SMS ou mesmo pelo chat do facebook... Não sei se a perturbo, não sei... Mas o fato dela me ouvir é o que me proporciona bem estar na alma.
Não sei o que vai acontecer comigo depois de hoje acredito ou quero acreditar que pior que tá não fica (Rondonópolis, 27 de junho de 2012).

Você anotou quando eu disse que fui uma pessoa criada por sermões? Nessa nova escola, a veracidade de alguns sermões foi colocada em cheque, a partir das

novas referências oferecidas em sala de aula. Neste lugar de construir meus próprios argumentos para as questões colocadas, eu vivia o conflito da fragmentação das minhas convicções previamente estabelecidas. Ninguém até então havia me contado sobre as bruxas na fogueira, sobre os séculos de compreensão e cumplicidade da Igreja com a escravidão ou me apresentado perspectivas diferentes para a apreensão da realidade, a qual eu estava inserida.

Embora eu tenha aprendido a me sentir responsável pela condição de privação, a qual vivíamos, eu não aceitava completamente a explicação divina, mas era a única que eu tinha.

Acho que não consigo amar a humanidade como gostaria de amar, aqueles que nos privam de saúde, educação, lazer, da paz e do amor? “Quem são eles? Quem eles pensam que são?” (Engenheiros do Hawaii) (27 de fevereiro de 2014).

O meu universo em desencanto trazia a beleza das dúvidas e isso era terrivelmente desesperador. Afinal, eu não tinha quase nada além da fé. Como dar conta de um mundo diante do vazio e no qual nada faz sentido? Eu sentia raiva, ódio e impotência frente a um mundo em que o que eu fazia teria pouca ou nenhuma diferença.

Odeio minha irmã, odeio meus pais! Odeio todos e acho que me odeio mais ainda, me odeio por existir, por ser quem não sou, por ser uma hipócrita, uma fingida, uma vazia...
Quero fugir, quero ir embora, digo, ir embora encontrar a paz e a calma que eu mereço ¹⁹(27 de fevereiro de 2014).

Será que acreditar em Deus ajuda em uma hora dessas? Fico tão desiludida, não alcanço a calma. Queria me sentir tranquila mesmo quando tudo desaba, porém antes de tudo desabar, eu desabo primeiro.
Não tenho mais fé em mim, não acredito em mim, sou tão desesperada, quero tudo ao meu tempo (Rondonópolis, 06 de março de 2014).

Eu estava quebrada. Afinal, “quantos cacos nossos servem pra se refazer?”²⁰
Em 2018, sou convidada para uma mesa de egressos nessa escola, o que não nos

¹⁹ Referência à música *Metade* de Oswaldo Montenegro.

²⁰ Referência à música *Quebrados* interpretada por Rico Dalasam e Liniker.

permite esquecer que o “o tempo é rei”²¹. Em minha fala, reflexiono de forma embrionária sobre o papel importante que a escola possuiu ao me alimentar com novas perspectivas sobre a realidade. Se por um lado, a minha relação com determinadas disciplinas fazia com que eu duvidasse da minha própria capacidade de aprender, por outra via, em meu texto, escrevo, como disciplinas de Sociologia, Filosofia e História me ofereceram uma outra cartografia de leitura do mundo:

Experenciar a sala de aula nessa escola me ofereceu referências que me possibilitaram discutir. E por sua vez, as discussões me ofereceram suporte para a problematização da vida e de todos os aspectos nela envolvidos.

Lendo sobre a luta de classes em Karl Marx, passando pela docilização dos corpos em Foucault, transitando pela volatilidade relativa, ouvindo exposições sobre reinos/filos, construindo maquetes, brincando com imãs, entendendo a desconstrução de estereótipos na arte, viajando e descobrindo as várias faces do cerrado: todos esses processos contribuíram para que eu pudesse fazer as reflexões sobre as circunstâncias as quais eu estava inserida, assim como, melhor compreender as dinâmicas relacionadas a segmentos complexos.

Nessa escola, com amigos e professores, eu construí relacionamentos sólidos baseados na cumplicidade, confiança e reciprocidade. Eu desejo frisar o desenvolvimento das relações, pois uma instituição é construída por pessoas, estas possuem um nome e uma história de vida singular. Nesse prédio, eu compartilhei as risadas mais gostosas com amigos e fiz planos para meu futuro enquanto esperava o transporte coletivo para ir embora para casa. E, diga-se de passagem, dava para fazer muitos planos, porque o ônibus nunca passava (risos).

Em 2012, com a participação no projeto de pesquisa que visava compreender elementos que contribuem para a dinâmica de ensino e aprendizagem na relação que se estabelece entre professores e alunos, eu tive a oportunidade de conhecer a possibilidades de métodos de ensino que poderiam se constituir a partir de uma perspectiva horizontal, mútua e contínua. Nos nossos encontros semanais discutíamos a aprendizagem de conteúdos a partir da realidade a qual nós estudantes experienciávamos nossos afetos, nossas angústias e frustrações cotidianas.

Nesse sentido, os aspectos que mais me marcaram foram as menções aos aspectos cognitivos determinantes no processo de aprendizagem. Eu percebo a começar desse momento o meu interesse pela Psicologia. O que mobiliza o ser humano? O amor, a sobrevivência? O que nos faz feliz? A literatura foi capaz de me despertar essas inquietações e a filosofia me apontou cenários prováveis.

Em 2014, eu inicio a minha graduação no curso de Psicologia e não encontro respostas [...] (setembro, 2018).

²¹ Referência à música *Tempo Rei* interpretada por Gilberto Gil.

bell hooks (1995) nos diz que os motivos pelos quais algumas pessoas negras escolheram tornar-se intelectuais são diversos, mas, na maioria dos casos, podem remontar a uma experiência semelhante a uma conversão religiosa com um professor ou colega muito influente. A verdade é que eu tive esse professor, a estrutura escolar nos moldes como a conhecemos, parece ser sempre trabalho de um. Nas trocas na sala de aula, na escola, e por mensagens, me acolhia, me aconselhava, me abraçava e me convencia do potencial da minha escrita:

Há dois dias meu professor me incumbiu uma crônica com um tema muito propício a realidade atual da sala de aula, porém ele também iria escrever a crônica dele, por que a minha seria transformada em artigo científico... Fiquei de certa forma surpresa quando li o parágrafo da sua crônica e ele disse-me que simplesmente não iria escrever... Havia encontrado a essência na minha... (Rondonópolis, 31 de agosto de 2012).

Certamente, a construção dessa relação que extrapolava os muros da escola fortalecia o meu convencimento de que talvez a minha escrita tivesse valor:

Dia 14/11/13 (quinta-feira) terá uma feijoada na casa do meu professor com alguns colegas de classe para comemorar meu aniversário, isso, claro, depois de ter sido adiado duas vezes... (Rondonópolis, 11 de novembro de 2013).

Agora, vamos à minha cerimônia de colação de grau do ensino médio como oradora da turma. Em função da greve dos professores, o calendário escolar tinha sofrido alterações e a colação de grau ocorreu dois meses após o meu ingresso na universidade.

Meu peito dói, estou angustiada, hoje serei oradora da minha turma na nossa colação de grau e mesmo assim não sinto alegria, não sinto alegria de ter conquistado um Ensino Médio, meu curso. Só me sinto ANGUSTIADA, ANGÚSTIA. (Rondonópolis, 14 de junho de 2014).

De todas as maneiras, entrei no auditório, onde iniciei o meu discurso com o poema de Carlos Drummond de Andrade (1991), poema do mesmo livro que ganhei de um dos professores que fizeram parte do corpo docente daquela escola.

O professor disserta sobre ponto difícil do programa.
 Um aluno dorme, cansado das canseiras desta vida.
 O professor vai sacudi-lo?
 Vai repreendê-lo?
 Não.
 O professor baixa a voz,
 Com medo de acordá-lo (Drummond, p. 31, 1991).

A escolha do poema refletiu a experiência que eu queria deixar pública sobre aquela escola: os afetos e os relacionamentos, estes que marcaram profundamente o meu modo de me relacionar com o conhecimento.

4.2 *Prelúdio do fim*

Às vésperas do meu ingresso na universidade, tudo era um caos, a tensão era uma constante. Em 2013, realizei pela segunda vez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM):

O Enem foi dia 26 e 27 de outubro e pelo o que corrigi conferindo o gabarito, eu não fui muito bem, mas continuo com expectativas, vou me inscrever no SISU e minha primeira opção de curso irá ser psicologia (11 de novembro de 2013).

Viajamos para Sergipe no final do ano de 2013, era a nossa primeira viagem desde que havíamos chegado em Mato Grosso. Foi a primeira vez que vi o mar e conhecemos o imenso Rio São Francisco. Eu e minha irmã acabamos tomando banho de areia, pois meu pai estava preocupado com a possibilidade de nos afogarmos, mas estávamos felizes. Passamos aquelas férias na casa dos meus avós, e durante o período de inscrição no Sistema de Seleção Unificada (SiSU), não tínhamos acesso à internet. Eu tentei acessar a internet pelo celular, porém o sinal era instável.

Pedi a uma amiga que fizesse a inscrição para mim. Em certo momento, optei pelo curso de Direito, porém desisti ao perceber que minha nota não alcançaria a nota de corte necessária. O curso de Direito era uma alternativa considerada, pois no ano anterior havia sido selecionada uma bolsa integral pelo ProUni para esse curso,

no entanto, eu estava no segundo ano do ensino médio. Minhas escolhas finais foram Psicologia como primeira opção e História como segunda.

Fotografia II: O rio



A imagem retrata uma vista cênica de um rio com uma margem arenosa em primeiro plano, cercada por vegetação exuberante. Um barco vermelho e branco está atracado na margem, e outro barco é visível à distância na água. O fundo apresenta colinas ou montanhas com vegetação esparsa sob um céu limpo. Rio São Francisco, Canindé de São Francisco, 2013. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Passei em primeiro lugar na primeira chamada do curso de História na UFMT, minha segunda opção de curso no SISU, estou muito contente e confusa, haja vista que a minha primeira opção de curso é psicologia e sendo psicologia um curso integral, tenho medo de fazê-lo mais tarde, isso por conta da minha idade.

Estou na lista de espera e se tudo der certo, estarei cursando psicologia ainda esse ano e as minhas expectativas quanto a um estágio ou um trabalho de meio período são esgotadas, expectativas que teria caso fizesse o curso de História no período matutino (Rondonópolis, 04 de fevereiro de 2014).

Embora tenha sido aprovada no curso de História, não era a licenciatura que eu almejava. Junto a isso, somava-se a minha preocupação constante com minha entrada no mercado de trabalho e a independência financeira.

Estou tão aflita... Desejo tanto ser chamada para o primeiro semestre de psicologia ou ao menos para me matricular com entrada no segundo semestre.

Não quero receber 1400 reais trabalhando 8h por dia numa escola que não oferece apoio, suporte ou estrutura. O curso de história é um ótimo curso, porém não quero ser uma profissional de história. Sinto-me triste, já tenho 18 anos, nunca tive um trabalho remunerado e não tirei nota suficiente para ingressar em um curso superior que almejo.

Quero ser psicóloga...

Não sei se conseguiria estudar em casa com a finalidade de ter uma nota alta no ENEM desse ano... (Rondonópolis, 09 de fevereiro de 2014).

Aquele início do ano de 2014 parecia uma eternidade, o calendário após a greve ainda não estava ajustado. Então, eu me dividia entre a finalização do semestre letivo e a preocupação com o ingresso na universidade.

Amanhã é dia 25 de fevereiro e irei na Ufimt manifestar interesse presencial para a vaga do curso de psicologia, dia 07/03 sairá o resultado oficial, saberei concretamente se irei matricular-me. Estou ansiosa, a Nanda me disse hoje, um dia de cada vez, Dai. De fato existe um excesso de futuro em mim e acabo sofrendo precipitadamente, mas creio em dias melhores, sou crente. (Rondonópolis, 24 de fevereiro de 2014).

Eu estou bem perto da neurose, isso se eu já não estiver lá... Estou ANSIOSA, agoniada, aflita e frustrada. Minha cabeça está igual a do Piu-piu, aquele desenho animado.

O dito cronograma exposto no portal Ingresso 2014 é uma falácia, está lá para enfeitar o site, adiado e retificado o cronograma, oficialmente dia 28 de fevereiro seria publicado a avaliação socioeconômica, ou melhor, o resultado desta e amanhã seria o dia da entrada com o pedido de recurso para aqueles que são, digo, que foram inelegidos. Esperarei até amanhã, caso nada seja postado no site, vou me dirigir a Ufimt segunda-feira, ainda não sei se vou no período matutino ou no vespertino, já que em ambos os horários eu tenho aula.

Amanhã terei apresentação de Química a ser feita e apresentação de Artes também.

E da universidade não obtenho respostas concretas. É na escola que as minhas aulas, o meu tormento e o meu tédio acontecem (Rondonópolis, 06 de março de 2014).

Entre a ansiedade sufocante, o tédio e o tormento que parecia incessante, eu buscava refúgio nos laços afetivos que construía ao longo do caminho. Em meio ao caos interno e às incertezas externas, encontrava conforto nas relações que cultivava,

nas conversas que me nutriam e nos momentos compartilhados que amenizavam o peso do desconhecido.

Há alguns dias poderia até dizer que não tinha amigos, porém hoje me sinto feliz, a Fernanda que estuda comigo é minha amiga, rimos muito sobre os problemas da escola, compartilhamos nossos problemas em relação aos nossos pais e expomos nossas falhas e dificuldades uma a outra.

Sábado fomos comer lanche e em seguida tomamos milk shake, a princípio havíamos marcado para irmos ao rodízio de pizza de uma cervejaria, porém quando nos encontramos, ela estava chorando, tinha problemas com a mãe e portanto teria que voltar cedo, assim resolvemos comer um lanche, conversamos e rimos.

Hoje na aula, ela propôs assistirmos a um filme no cinema e depois comer uma esfirra.

Soubemos também que na noite de sábado no local em que gostaríamos de ir houve tiroteio, desconheço se houve mortes ou feridos, de qualquer forma por um fio estávamos longe de um perigo. (04 de fevereiro de 2014).

Hoje fui à casa da Fernanda, quando desci do coletivo estava chovendo muito e liguei para ela dizendo que esperaria a chuva passar para então chegar a casa dela, ela me disse para esperá-la, estava trocando o sutiã e já iria buscar-me, daqui a pouco ela chega com dois guardas chuva, fiquei contente pelo fato dela importar-se comigo. A chuva estava muito forte, esperamos um pouco e resolvemos ir ao supermercado comprar algo para comer, já que havia acabado o gás na casa dela, emprestei 3 reais a ela para complementar e então compramos mortadela, pão e mussarela.

Assistimos ao filme "O nome da rosa", após comermos é claro (Risos) [...] (Rondonópolis, 01 de março de 2014).

No SiSU, me inscrevi no grupo de cotas dentro das políticas de ações afirmativas, autodeclarando-me como candidata negra, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a um salário-mínimo, e tendo concluído todo o ensino médio em escola pública. Essa opção acarretou na necessidade de reunir uma extensa documentação para efetivar minha matrícula. Nesse contexto, o processo de matrícula incluiu obrigatoriamente uma avaliação socioeconômica. Essa mesma dinâmica ocorreu tanto na matrícula do curso de História quanto posteriormente na matrícula do curso de Psicologia.

Saiu hoje, acredito que ontem, mas só vi hoje o resultado da lista de espera e então meu nome estava lá para a primeira chamada para a matrícula da lista de espera. Estou preocupada ainda, cancelamento

do curso de história e a reunião de todos aqueles documentos novamente.

Mas eu creio que a minha ansiedade haverá de passar e então tudo vai dá certo. (08 de março de 2014).

Amanhã vou matricular-me no curso de Psicologia, isso é uma conquista imensa para mim e me orgulho muito disso.

Hoje eu acordei mais cedo, meu celular estava uma hora adiantada e quando pensei que eram 6 horas, quando olhei no meu relógio de pulso eram 5 horas, então vamos tomar café, porque o dia é longo...

Hoje espero terminar o trabalho para apresentação de física e tirar xeróx de todos os documentos que preciso para matrícula. Ah, e avaliação socioeconômica [referente a matrícula do curso de História] já saiu e estou declarada oficialmente pobre (Rondonópolis, 13 de março de 2014).

Ontem fui fazer minha matrícula no curso de Psicologia na Ufmt, saí da escola e peguei o coletivo direto para lá, nem almocei, pois pensei que seria rápido como foi na minha matrícula da primeira chamada para o curso de história, cheguei às 13:40 e saí às 17:45. Foi um sufoco! Agora o que me incomoda é ter que esperar a avaliação socioeconômica novamente e esperar a convocatória de aula (Rondonópolis, 15 de março de 2014).

Eu havia realizado a matrícula no curso de Psicologia e esse era o prelúdio do fim do meu ensino médio. As aulas ainda não haviam terminado, mas agora eu tinha fôlego para chegar até o fim daquele bimestre.

[...] Estou empolgada com o projeto de pesquisa em que irei engajar amanhã será nosso primeiro encontro, li Freud e alguns outros autores para falar sobre o que é felicidade. Vou adorar apresentar esse artigo numa jornada que houver na Ufmt. =)

Tou muito feliz com a escolha do meu curso, em breve serei uma PSICÓLOGA e no decorrer desse caminho vou namorar muito e levar uma vida divertida, descontraída (20 de março de 2014).

Nessa mesma confluência de expressão de felicidade, encontro conforto ao me permitir mergulhar nos raros momentos de introspecção e silêncio que a minha casa proporcionava.

Hoje é sábado, estou prestes a ficar sozinha em casa, a minha irmã saiu com o namorado e meus pais vão à igreja, já que hoje é comemoração do aniversário do Pr. Presidente da igreja em Roo.

Não vou falar dos absurdos que fiquei sabendo a respeito da avareza do tal pastor. Embora sem internet em casa, estou aqui a ouvir “Como eu quero” interpretada por Chico César, linda música e também estou

a desenhar algumas coisas no Paint (Meu primeiro contato quando criança).

Em outras ocasiões estaria choramingando por não ter oportunidades, ou melhor, por não ter oportunidades de sair e encontrar demais pessoas.

Na verdade eu creio que precisamos conviver com nós mesmos, Oswaldo Montenegro em seu poema Metade diz: “(...) E que o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável.”

Hoje quero continuar a leitura do livro Decamerão e falando em livros, ganhei uma pérola da Fernanda, um livro do Vinicius de Moares, livro este que o professor de Física deu a ela no mesmo dia que deu o meu do Drummond [...] Estava aqui pensando o que seria de mim sem música, adoro música, adoro Rock, adoro Pop Rock, adoro barulho.

“Na moral, na moral, só na moral Vivendo de folia em caos, quebrando tudo “para variar...” (Rondonópolis, 26 de março de 2014).

À medida que me despedia dos últimos dias da rotina do ensino médio, a busca por conhecimento, mediada pela minha relação com a música e a literatura, me acalentava diante do desconhecido que se aproximava. Eu estava pronta.

5 À sombra do profano

*Eu não caí do céu
 eu
 nem baixei como uma praga de gafanhotos
 para beber as cores e as forças da terra
 e eu não cheguei como a chuva
 como uma oferenda ou um símbolo para o porvir da terra
 eu vim como uma mulher
 escura e aberta
 às vezes eu caio como a noite
 suave
 terrível
 só quando eu devo morrer
 para me levantar outra vez.
 [...]
 Eu venho como uma mulher
 que eu sou
 espalhando através das noites
 risadas e promessas e um calor escuro
 aquecendo qualquer coisa que eu toque
 que esteja viva
 consumindo
 apenas
 o que já está morto.
 Audre Lorde*

Fayola havia acabado de ingressar no curso de Psicologia, e eu estava passando quatro horas diárias no trânsito, dividida entre as leituras de Hermann Hesse e Aldous Huxley e o questionamento sobre a existência do divino. Através dela, conheci a clínica-escola, um espaço dedicado à formação de estudantes de Psicologia em uma universidade privada da minha cidade.

Comecei a fazer psicoterapia gratuitamente numa clínica escola por indicação da Fayola. Assim que tive oportunidade fui e passei pela primeira sessão. Espero melhoras... Quero livrar-me dos estereótipos e modelos de como se viver... Quero ser EU...
 Estou sem internet, meu celular está descarregado, quero continuar assim por algum tempo, tempo suficiente para desligar-me do mundo e ligar-me em mim... (Rondonópolis, 19 de agosto de 2012)

Eu precisava ser escutada. Porém, hoje eu reflito que o ambiente da psicoterapia me trazia contradições. Como espaço de cuidado e acolhimento, muitas

vezes, as violências sofridas, as quais eu narrava não eram reconhecidas e nomeadas como tal. De maneira similar, muitas das intervenções se reafirmavam de maneira normativa, ou seja, como eu poderia desenvolver ferramentas para estudar melhor, ser uma filha melhor, gestionar minhas emoções, comunicar-me assertivamente, praticar atividades físicas e ter uma boa autoestima. Nada era necessariamente explícito, mas de alguma forma, era eu mais uma vez que tinha que fazer algo com minha vida. Se por um lado, havia espaços em que eu não poderia falar, de outro lado, a psicoterapia, também me impunha um certo condicionamento sobre como falar.

“Ficaremos acordados esperando alguma solução para que esse nosso egoísmo, não destrua nosso coração”.

Não é nada normal nos sentirmos agoniados dia após dia, minuto após minutos, mesmo sabendo que há algo bom acontecendo com a gente, minha sorte é ser flexível o suficiente a ponto de aceitar a minha situação e procurar ajuda. (Rondonópolis, 13 de abril de 2014).

Apesar de sentir que precisava me expressar, muitas vezes me via incompreendida. Havia aspectos difíceis de compartilhar dentro do contexto religioso em que eu estava inserida. A blasfêmia era vista como um pecado imperdoável, e como não blasfemar quando somos tomadas pela irreverência ao sagrado?

Os domingos passaram a me despertar ansiedade pois, apesar de evitar os cultos durante a semana, era obrigada a ir aos domingos à noite. Meus pais não respeitavam minha vontade de não frequentar a igreja, e eu me via obrigada a ir por medo da punição. Há alguns anos, eu tinha testemunhado meu pai agredindo minha irmã e não estava disposta a correr esse risco.

[...] O meu pai nem sequer pronunciou nada. Sinto raiva dele e estou magoada pelo fato dele ter espancado a minha irmã. Tenho medo de ser espancada também... (Rondonópolis, 15 de junho de 2014).

Dois anos após a minha primeira visita a uma terapeuta, em uma ensolarada tarde de domingo, fui até a calçada da minha casa e chamei minha mãe, que estava do outro lado da rua. Eu estava tensa, sentindo o suor frio escorrer pelas minhas costas. Após um ano de noites em que deitava, pensava e chorava constantemente

sobre como poderia parar de frequentar a igreja, finalmente reuni coragem. Gritei por minha mãe, para que ela viesse até a mim, pois jamais teria coragem de ter essa conversa com meu pai. Então, disse: “Mãe, não vou mais à igreja, porque não estou mais feliz!” Minha mãe saiu do quarto onde conversávamos e respondeu: “Você pode fazer o que você quiser, mas saiba que eu não estou feliz!”

Apesar da intensa dor ao ouvir minha mãe, senti um alívio imenso. Sabia que não precisaria comparecer ao culto naquela noite. Eu estava no primeiro semestre da graduação em Psicologia, com o apoio da nova terapeuta humanista, reuni coragem mais uma vez, para expressar a minha família, o meu desejo de romper o meu vínculo religioso com a igreja. Não foi um debate sobre crenças ou dúvidas, apenas expus o que eu sentia. Talvez esse tenha sido o momento em que percebi o valor de dizer o que sinto. É aqui que a minha vida toma um caminho radicalmente novo e diferente.

Após um longo dia de aula, saio da universidade em direção ao bar, pego meu celular e ligo para o pastor da igreja. Era hora de entregar meu cargo como professora da escola bíblica dominical dos adolescentes e desfazer a minha conflitante contradição entre minha presença na igreja e minhas escolhas pessoais.

Eu estava em conflito com a minha própria fé, e ao mesmo tempo, com um papel de ensinar os dogmas religiosos para aquelas crianças de 11 a 13 anos. Lembro-me de uma ocasião em que me vi incapaz de conter minhas emoções e saí da sala para chorar nos corredores. O pastor veio me consolar, sugerindo que eu adotasse uma postura mais autoritária e centralizadora. Enquanto as lágrimas escorriam, eu refletia: "Isso aqui não é um exército".

De fato, éramos considerados soldados do exército de Jesus Cristo, e como em qualquer exército, éramos identificados pela vestimenta. Para mim, livrar-me daquelas malditas saias representava um longo caminho a percorrer. Elas me causavam constrangimento, pois destacavam meu pertencimento religioso em todos os lugares que eu ia.

Já havia experimentado usar algo que não fossem saias durante as aulas de educação física na escola, mas vestir uma roupa completamente nova era como estar nua. Eu tateava compreender minhas próprias preferências e gostos, mas ao mesmo

tempo, em casa, sentia a tensão do conflito ao usar roupas e acessórios que meus pais não permitiam que eu usasse.

Há dias e dias em nossa efêmera existência. Hoje comprei um colar com um símbolo do taoísmo, na praça Brasil, de um hippie. Mas estou com medo de usá-lo, estou com medo dos meus pais brigarem comigo. Eu ainda tenho muito medo dos meus pais. (Rondonópolis, 22 de janeiro de 2014).

Vamos aos fatos: meu pai acaba de falar alto comigo, implicar com uma tornozeleira que comprei. E o que eu fiz? Sim, exatamente, eu tirei. Eu estou com raiva. Muita raiva. Eu ainda tenho medo de ser agredida pelos meus pais. (Rondonópolis, 19 de janeiro de 2016).

Como já dito anteriormente, eu havia presenciado meu pai agredindo minha irmã. Ele havia chegado do trabalho com uma saia que comprara para ela, minha irmã a vestiu, mas insistiu na troca, pois desejava uma saia mais curta. Presenciar aquela cena de agressão foi terrivelmente desolador, eu me sentia impotente e sentia que poderia ser agredida a qualquer momento, tentei convencê-lo de que ele estava cansado e estressado em relação ao trabalho. Mas o que você faz quando um homem usa sua força? Embora os episódios de violência física tenham sido poucos, a atmosfera de violência alimenta uma ameaça constante de que a agressão física poderia voltar. E eu não estava disposta a desafiá-lo.

Diante desse cenário, aos poucos, eu expunha meus pais às minhas novas autodescobertas, algo que posteriormente aprendi a nomear como dessensibilização sistemática. Isso abrangia todos os aspectos relacionados ao meu corpo. Eu tentava nunca fazer mudanças ou rompimentos abruptos. Gradualmente, experimentava novas peças de roupa, sapatos e cortes no cabelo.

De maneira semelhante, eu costumava comunicar claramente minhas saídas, posteriormente comecei a informar minha intenção de voltar para casa mais tarde e conseqüentemente afirmar que não retornaria para casa no mesmo dia. Avalio que, agir dessa maneira foi o modo que me permitiu explorar minha individualidade, mas simultaneamente demonstrar alguma maturidade e responsabilidade aos olhos dos meus pais.

Hoje eu sou o corpo que forjei diante do medo, a partir das referências que eu inventei mesmo quando tudo conspirava contra. Parafraseando Gloria Anzaldúa

(2021), o racional, o patriarcal e o heterossexual mantiveram o domínio e controle do meu corpo por tempo demais. E ainda sigo aprendendo com Audre Lorde (2019) a resgatar esse poder: a minha capacidade de sentir prazer, as minhas mais profundas vontades e a não temer o sim dentro de mim.

Nesse sentido, transitar pelo espaço da universidade, inaugurou novas sensações. Eu vibrava pelas mudanças e descobertas, mas maiores e outros desafios ainda estavam por vir. E nesses lapsos de consciência do meu percurso, eu celebrava os pequenos passos:

[...] tenho que dizer que estou muito feliz, não digo feliz, mas contente ou talvez apenas com um ar de quem fez o que deveria ser feito.

Sou uma das raras pessoas em minha família que conseguiu concluir o ensino médio, tanto do lado materno quanto do paterno. Apenas a minha tia, irmã do meu pai conseguiu e agora está fazendo fisioterapia em uma universidade privada.

E para me acompanhar nessa jornada tenho minha irmã, minhas primas e o meu primo.

Não me orgulho disso, apenas sei que soube aproveitar as oportunidades que me foram dadas e ainda tenho muito a caminhar... Em breve estarei na universidade, ao lado de estudantes de psicologia, ao lado de mestres e doutores que são bons no que fazem e eu quero ser ótima no que irei fazer. Quero levar tudo no bom humor quando eu for uma professora.

Quero ser ótima e com o desejo de sempre aprender mais, não acreditando que já aprendi o suficiente e que é a vez de outros aprenderem, porque é sempre minha vez de aprender (Rondonópolis, 02 de abril de 2014).

5.1 *Desencontros: O (não) lugar da universidade*

Eu já havia lido *Totem e Tabu*, discutia epistemologia pluralizada e metapsicologia freudiana, frequentava bares, fumava no intervalo das aulas e à noite em casa, eu lia sobre o movimento neopentecostal e pentecostal no Brasil. Na universidade, eu fiz um grande amigo teólogo e pastor batista, em nossos almoços no restaurante universitário, fazíamos críticas à construção do cristianismo como instituição no decorrer dos séculos, a partir da leitura do livro *Cristianismo Pagão*, de Frank Viola. Estávamos cansados das liturgias, da estrutura das cerimônias dos cultos, dos púlpitos, do dízimo, do coral e das roupas de domingo à noite para ir à igreja.

Eu estava em busca de compreender e sistematizar intelectualmente minhas experiências passadas, enquanto tentava apreender o que estava vivenciando no momento, então, eu consumia todas as referências que eu encontrasse e que desse conta de responder as perguntas que eu tinha: “Faz falta a adolescência? Que eu perdi na igreja, que eu me puni tanto?”²²

Não achei meu outro caderno no qual estou escrevendo meus dias, mas precisava escrever, dizer. Ontem, eu li partes da Bíblia satânica de Lavey. Encontrei um estudo bíblico que dizia que Satanás não são anjos caídos criados por Deus. [...]
Agora, estou lendo um pequeno livreto “perdido” que possui o título *Perdendo a fé: aproximando do ceticismo*, até onde li é um livro lindo. (Rondonópolis, 14 de agosto de 2014).

No entanto, as referências disponíveis não forneciam respostas satisfatórias para todas as minhas questões. Piadas autodepreciativas e o desejo de desaparecer ou fugir tornaram-se o lema de um cotidiano exaustivo, marcado por privações econômicas, conflitos religiosos, sobrecarga de demandas acadêmicas e um consumo excessivo de álcool.

Estou a ler O duplo do cara chamado Dostoiévski e durante a leitura algumas AGONIAS perpassam-me dentre elas o modo mediocre que tenho conduzido a minha existência (...)
Tenho somente uma VIDA e faço dela algo tão horrível, jamais conseguiria VIVE-LA novamente, jamais queria VIVE-LA novamente. Fico me perguntando quando vou ter coragem para ser EU? Quando vou fazer o que eu quero? Fechar a porta do MEU quarto (Quarto não tenho, muito menos porta), acender um cigarro, ouvir uma música leve como “Vamos fazer um filme”, “Leila”, “Mais uma vez” ou a Suite m C menor de Bah.
Minha vida é uma merda e eu não tomo uma ATITUDE sequer para muda-la. Eu existo, existir é um problema e eu não sei existir, não sei resolver meu PROBLEMA. SOU MEDIOCRE, ESTUPIDA o resto deicho por conta de vocês... (Rondonópolis, 10 de junho de 2014).

De Dostoiévski a Nietzsche, tudo ali era o que eu não era, eram referências que intelectualmente me levavam a angústia, pois falavam, a partir de lugares e reflexões que não refletiam a realidade material da minha condição como mulher negra da periferia de Rondonópolis. Eu já não tinha mais Deus, e a universidade me

²² Referência à música *Ando me perguntando* de Rico Dalasam.

mostrava um mundo novo, um mundo no qual também não parecia haver lugar para mim. Durante a pandemia da Covid-19, enquanto escrevia minha dissertação, refletia com Gersiney Santos (2022, p. 01) sobre o tema:

Para quem a vive, a experiência acadêmica é uma dessas realidades que nos põem em situações complexas, e – diga-se de passagem, em boa parte do tempo – pouco confortáveis. Para alguns/mas pensadores/as do tema, trata-se de uma das características definidoras da universidade como ensino superior: causar desconforto [...] Tal desconforto assume contornos diferenciados quando se está falando de grupos sociais historicamente alijados do processo de educação – especialmente, no duplo ser/estar no ensino superior. (Santos; Santos, p. 1)

E, não era, porque não haviam outras referências no mundo ou na história, Gersiney Santos e Rosimeire Barboza da Silva (2022) nos lembram que, a intelectualidade negra sempre existiu e nos convida a pensar modos de gestar e cuidar desses conhecimento produzidos, a partir da experiência.

Retomar esses diários, me faz pensar em Isildinha Nogueira (2021), no modo como ela sistematiza o sofrimento psíquico do sujeito negro por meio da psicanálise. E então me faço, as perguntas, o que eu aprendi sobre o meu corpo na mediação com o outro que me faziam crer que eu era uma medíocre e estúpida? Quais eram as formas de denominação, as quais eu estive exposta? Que aspectos de despersonalização me levaram à incapacidade de reagir ao sofrimento?

Se por um lado, existia uma compreensão dos fatores sociais que atravessavam minha condição, os espaços em que transitava e as referências que eu estudava me colocavam na angústia e na dualidade entre o desejo de ser livre para viver de acordo com meus próprios desejos e a sensação de incapacidade de fazer escolhas que pudessem modificar minha vida e o modo como eu me sentia.

Neste momento de reflexão, confronto-me com a ideia de ser a única responsável por minha própria salvação, liberdade e felicidade. Tanto a fé cristã quanto o liberalismo do ambiente universitário convergiam nesse aspecto crucial: Eu era a única responsável pelas minhas próprias escolhas. E, obviamente, isso estava no centro da minha compreensão.

Quero ir embora, mas desejo que essa vontade se transforme na paz e na calma que eu mereço (parafrazeando Oswald Montenegro). Eu não quero ir embora (paradoxo?) [...] como diria Sartre, estou agindo de má fé ao não assumir a minha liberdade.

Na verdade, eu sou uma filha da puta. Eu não quero assumir as consequências da minha liberdade. (Rondonópolis, 19 de janeiro de 2016).

Frente ao excessivo controle dos meus pais em relação ao corpo, voltar para casa significava sentir-me cada vez mais aprisionada. Com isso, uma distância emocional se abria entre mim e meus pais e o colo de outrora parecia uma lembrança distante.

As músicas mencionadas em meus diários eram meus lugares de identificação e conforto. No entanto, devido à natureza religiosa de minha família, ouvi-las se transformava em motivo de conflito e discussão, essas circunstâncias comunicavam-me que o exercício da individuação era um luxo.

Consequentemente, encontrava-me em um estado constante de melancolia, onde adotei alguns comportamentos, por algumas vezes, autodestrutivos.

Foi nessa semana que inaugurei minha segunda carteira de cigarro. Há anos a frustração, o tédio e a angústia tem me matado, o cigarro? Uma forma de matar meu tédio, minha angústia etc. Uma forma de me matar.

Não quero cortar os pulsos, mas quero. Choro inconformada, porque ainda não consegui encontrar como mudar o meu comportamento diante das contingências, não conheço, não sei.

Não quero morrer, quero “matar” as circunstâncias, as quais me devoram.

É horrível a sensação que sinto por desejar, horrível ainda é a sensação que sinto em relação ao meu desejo (...) (Rondonópolis, 25 de dezembro de 2014).

De acordo com Isildinha Nogueira (2021), é comum que pessoas negras que rompem com os estereótipos sociais e ingressem em espaços historicamente brancos experimentem intensas contradições psíquicas, frequentemente marcadas por sentimentos de inadequação, culpa e angústia. Tais afetos, longe de serem falhas individuais, são efeitos de um processo estrutural: o racismo internalizado e a exclusão histórica que moldam o inconsciente negro.

Quando entrei na universidade, trilhando um caminho que ninguém ao meu redor havia percorrido, senti-me desorientada, sem modelos com os quais pudesse me identificar. Em meio a esse ambiente hegemonicamente branco, vivi momentos de profundo mal-estar. Não porque desejasse desaparecer de fato, mas porque, assim como muitas pessoas negras, fui atravessada por um sofrimento psíquico que torna difícil sustentar a própria presença em espaços onde nosso corpo é a exceção.

[...] a luta do negro será sempre a luta para ser incluído; mas essa é uma luta eterna, pois [...] o corpo negro sempre permanecerá como marca da exclusão [...] Somente os processos autodestrutivos podem significar, para ele, a eliminação daquilo que exclui seu próprio corpo, sua própria condição de sujeito (Nogueira, 2021, p. 113)

Daiane, Daiane! Não se mate, se ame! Lide com o mundo de forma mais amorosa, com mais amor, Um pouco mais de sinceridade com você, com aquilo que você é, faz, vive, com aquilo que você está. Super heróis... Acho que a síndrome do super heroísmo não cabe a você, permita-se ser humana, permita-se a existência, permita-se... Diga agora que tem medo de errar, de machucar-se, de amar, mas que sente falta de colo, que quer abrigo, Você não precisa proteger-se, andar de escudos. Assuma que deseja AMAR, ENTREGAR-SE. Entre em contato consigo, Daiane. Não fuja de você, sinto que é isso que tens feito e depois sente-se triste. Cuide-se minha amiga, não perca a alma em vida, não morra vivendo. Com carinho, uma outra
DAIANE. (Rondonópolis, 16 de outubro de 2014).

Os trechos dos diários refletiam a minha profunda autocrítica, autoresponsabilização e culpa. Todavia, segundo Gloria Anzaldúa (2021), a mulher do terceiro mundo se revolta. É nesse sentido que nos mobilizamos para anular e apagar as impressões do homem branco sobre nós, vomitando de volta a culpa, a auto recusa e o ódio racial que engolimos à força, pois já estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios.

Eu mantinha minha frequência semanal na psicoterapia, pois ainda era difícil compreender tudo o que estava vivenciando: a pressão e a ansiedade relacionadas às demandas da universidade, e meus esforços para lidar com as questões remanescentes da minha experiência na igreja.

Feliz ano novo, afinal. Tenho tanto a dizer que tenho deixado o silêncio falar por mim. A verdade é que não tenho respostas para meus zilhões de indagações que invadem o meu ser.

Ainda nesse recesso ao escurecer, ao colocar minha cabeça no travesseiro ficava a pensar na vida após a morte, no sofrimento eterno, indagava-me como um ritual, uma porrada de dogmas poderia livrar-me da condenação eterna, Refiro-me ao cristianismo, em especial as instituições evangélicas, lugar em que cresci, educaram-me... Abandonei o sistema religioso, mas é quase impossível livrar-se de uma lavagem cerebral, uma sequência de coisas sem nexos que são repetidas durante anos, acaba virando verdade.

Ainda que fazendo muitas leituras e buscando libertar-me disso, restam dúvidas. Como explicar os milagres e as coisas que não são explicadas?

O dilema acima é um dilema “cult”, dilema filosófico. Sempre belo apresentá-lo. Agora difícil lidar com meus relacionamentos, digo, difícil é construir relacionamentos.

2015 e continuo na terapia, esperando ANCIOSAMENTE o fim do recesso (...) (Rondonópolis, 13 de janeiro de 2015).

Sair da igreja trouxe desafios para manutenção dos meus relacionamentos, tentei manter contato com algumas pessoas, mas implicitamente percebia os julgamentos, por meio de perguntas como: “Você está frequentando outra igreja agora?” ou “Quando vai nos visitar?”.

Eu me sentia isolada, apesar de ter me aproximado de algumas pessoas na sala de aula; ainda assim, havia uma sensação de distância e incompreensão. Não compartilhávamos as mesmas referências culturais; eu desconhecia os sucessos da MTV, as divas pops que marcaram época, a discografia de Joy Division, Radiohead, The Velvet Underground, The Cure e The Smiths, os filmes de Pedro Almodóvar, Glauber Rocha, Lars von Trier e Wes Anderson.

Ao fim do dia, eu ainda tinha Drummond e Nelson Rodrigues, mas de qualquer maneira parecia que eu morava na falta. Não bastava o acúmulo infinito de leituras e referências de homens brancos europeus e norte-americanos, pois ser negra era ser constantemente confrontada com a falta da branquidão (Nogueira, 2021).

Como aos 16 anos nada difere. Muita ausência, muita distância. Meu compromisso com a pessoa que eu não fui, não sou não serei, mas deveria ser.

Quantas perturbações, quantos não, quantos... Gostaria de entender o que está acontecendo com a minha vida e o que eu posso fazer para modificá-la. Às vezes nem sei se quero que algo modifique. Até a

miséria da existência é um lugar confortável quando se é preciso lidar com aquilo que nos causa dor. É muito doloroso existir, mais ainda não existir de forma significativa na vida das pessoas que queremos ver tão bem, de preferência ao nosso lado.

Eu estou triste, muito triste. Eu sinto uma dor e uma sensação de que não posso fazer nada para modificar as coisas. Estou totalmente debilitada.

Alguém tá aí? Alguém poderia olhar e se compadecer de mim?

Caralho, se eu fosse uma outra pessoa talvez estaria fazendo rimas. Mas nem isso eu consigo. Estou triste, tão triste. O lugar mais frio é a minha existência²³, mas também o lugar mais quente. Onde pulsa os afetos, as paixões ardentes. (31 de outubro de 2015).

No trecho acima, podemos encontrar a observação de Isildinha Baptista Nogueira (2021) sobre uma subjetividade que sofre por não ser reconhecida, que se vê como fragmentada, não realizada, e que sente que sua existência não é significativa para o outro. Aparece também o desejo de dissolução “não sou, não serei”, mas também o impulso vital de resistência “o lugar mais frio é a minha existência, mas também o mais quente”, um corpo de contradições e de lutas pela legitimação da subjetividade.

Nesses longos anos de graduação, eu me vi desterritorializada, sentia-me como se estivesse perdida em um labirinto. Então, eu me alienava de mim, a partir das atividades em que eu me engajava e buscava manter sempre um alto coeficiente de rendimento em minhas avaliações, porém isso era uma verdade que secretamente eu me orgulhava.

E sendo areia que escapa entre os dedos e silenciosamente encontra as fendas, os vãos e as brechas, entrei em um projeto de extensão, cujo objetivo era compartilhar leituras literárias em instituições com pessoas em privação de liberdade, proporcionando escuta sensível, a partir dos textos lidos. Assim, eu seguia lendo e catando palavras no caminho. Oscilando entre a tristeza, a impotência, a busca por autorrealização e compreensão, o alívio das leituras e a vulnerabilidade da escrita.

Não por acaso, eu me encontrava constantemente exausta. Além das quatro horas diárias no ônibus, eu estava imersa em projetos de pesquisa, extensão e monitoria, ademais participava ativamente de grupos de estudos. Tentava, ainda, equilibrar tudo isso com uma vida social movimentada, como narrado a seguir:

²³ Referência à música *Estou Triste* de Caetano Veloso.

Sábado à noite, 20h, saí de casa para beber com uns amigos em um bar. Fizemos piadas ruins, conversamos sobre o passado. Alguém me perguntou em que trabalho e eu evitei falar sobre o assunto. Não sei se acredito no que estou fazendo, mas faço! Assim, eu bebo mais um copo. Não consigo compreender por que os dilemas humanos não são dissolvidos no álcool. Nada obstante, estou bem, sabe? Estou no bar com amigos, e em seguida outras mesas juntam-se à nossa e amigos juntam-se a nós. Todos são amigos no bar, isso me parece muito evidente. O copo está cheio, mas a garrafa de cerveja não! Pedimos outra garrafa, logo algumas confissões emergem. Alguém à mesa me ridiculariza, parece ser apenas uma brincadeira, pois olho para os lados e todos riem. Eu me pergunto: “Como uma pessoa até o momento desconhecida pode saber ~ exatamente ~ como me magoar?” Todos os dias acordo e lido com a minha existência ferida, lavo o meu rosto na torneira da pia do banheiro com sabonete líquido barato e, ao me olhar no espelho, me concentro em retirar a remela dos olhos. Encaro a minha imagem no espelho e procuro não enxergar mais nada do que faces negras, dentes amarelos e cabelo bagunçado. Me empenho em não pensar sobre o que disseram e/ou esperam do meu corpo pequeno e limitado. Me esforço para não admitir e relacionar meus sonhos à caricatura que vejo refletida no espelho. Enquanto escovo a língua, penso no café ruim da padaria ao lado, no coletivo lotado, nas expressões sonolentas das pessoas que vão sentadas, nas crianças conversando alto, nos jovens com uniformes de lojas de calçados e eletrodomésticos. Ligo o chuveiro e reflito: “Qual o sonho desses jovens? Será que quando estavam na escola e alguém perguntava o que seriam quando crescessem, eles imaginavam que aos vinte e poucos estariam aqui? Quem zelou pelos desejos dos jovens uniformizados quando pego o coletivo pela manhã?” Quem intercedeu pelos anseios da moça do bar que me ridicularizou? A noite é longa... Desçam mais uma cerveja! Vou encher meu copo. O papo tá bom, mas o bar tá fechando e ninguém quer ir embora. Por que a volta para casa parece ser sempre tão dolorosa após uma noitada com cervejas e amigos? Fomos para casa, a casa da moça que me ridicularizou! Amigos, essa não é uma história sobre a moça, sobre uma noite no bar, sobre meu olhar, sobre mim ou algo nesse aspecto. Essa é apenas uma história. Fumamos maconha na rua, enquanto um casal se devorava em beijos. Suponho que deva existir alguma relação entre a noite, os bêbados e fornicadores. Não minto, quis estar com o casal. Talvez eu tenha pedido em silêncio, mas acho que não me escutaram e se me escutaram mantiveram-se em silêncio. Dessa forma, reclinei a minha cabeça e procurei em volta uma pedra para que eu pudesse chutar, não encontrei, então corri. Tentei correr até chegar a algum lugar onde não sentisse a necessidade de esconder a minha vergonha. Alcancei outras pessoas e tentei me inteirar sobre o que diziam, vi outros corpos se encontrarem e os lábios se tocarem. Eu vejo e eu desejo! Não entendo como quem eu queria e há um minuto estava ao meu lado descobriu de maneira tão vertiginosa outro abraço. É tarde, quero dizer, é manhã. Durmo na cadeira fio e escuto quando transam no banheiro e quando vou até a cozinha, vejo duas figuras fodendo no tapete da sala. Tomo água, sinto um enorme desconforto, noite mal dormida, ressaca, angústias

não elaboradas. Eles fodem! Respiro, passo por eles novamente, digo que estou saindo, alguém pergunta se está tudo bem, saio, não sei onde estou, fiquei perdida. “A vida te fode, sua mulher te fode e você não.” (Rondonópolis, 24 de dezembro de 2017).

No excerto acima, falo sobre solidão, angústia, vergonha e desespero, afetos que não diziam respeito apenas àquela noite, mas a uma experiência subjetiva mais profunda e persistente. Foi a partir das leituras de Neusa Santos Souza (2021) que compreendi que uma das instâncias estruturantes do sujeito, se constitui a partir de modelos internalizados de perfeição, muitas vezes baseados na imagem idealizada dos pais ou em ideais coletivos historicamente produzidos. O problema, no entanto, é que esse ideal, no contexto de uma sociedade racista, é estruturado sobre aquilo que é hegemônico, ou seja, branco.

A “mancha negra” não podia ser expurgada; ela era o signo do não pertencimento. Assim, o desejo de ser parte do desejo do Outro, precisava ser reprimido, pois confrontava diretamente os códigos sociais que definem quem pode, ou não, ocupar o lugar do desejável. Ali residia o sofrimento, no abismo entre o que eu desejava ser e o que era permitido que eu fosse.

Acredito que, a crônica escrita no diário reflete as dores compartilhadas por uma diáspora na busca por conexão e pertencimento, para além das fronteiras do tempo e do espaço. Hoje, ao ler esse texto, sou abraçada pelos versos do poema *Banzo*, de Cristiane Sobral:

Ainda aquela solidão.

O aperto gigante interminável acelera o coração.
Uma lágrima negra fugitiva embaça os contornos da realidade.

Ainda a mesma sensação de asfixia

A mesma ansiedade
Os mesmos impulsos destrutivos incontroláveis.

Quem enxergará meu sofrimento escuro?
Onde estão meus irmãos?
Onde tu, mãe companheira?

Ainda permaneço aqui enquanto tudo o que mais amo
Tudo o que mais prezo, continua distante

Inconquistável, inacessível.
Até mesmo invisível consigo ser
Neste país que eu julgava tão negro quanto eu.

Tragam por favor
Os meus tambores
Meu acarajé.
Deixem-me aqui na minha cubata escura
Sentindo esse cheiro de azeite de dendê
Deixem-me sentindo esse cheiro de morte
Esse cheiro de sorte
Na noite em que me encontrarei com os meus ancestrais.

Ainda o mesmo banzo
Ainda o mesmo sangue coagulado.
Ainda o mesmo navio negreiro.

Chegar e partir.
Duas faces da mesma máscara negra.

Banzo.
Ainda o mesmo instante dolorido
Em qualquer parte do mundo (Sobral, 2011).

Eu havia chegado ao penúltimo ano do curso de Psicologia, tinha deixado a minha última terapeuta, pois ela me fazia sentir persecutória, naquela sala fria com flores de plástico e quadros apáticos, não era permitido nomear o racismo. Se todo sujeito constrói explicações para os eventos e experiências que vivenciam, minhas explicações não foram consideradas legítimas, pois estavam fora do alcance da compreensão da terapeuta.

Decidi que eu precisava de um reencontro comigo mesma, a partir de uma maior compreensão da minha própria história. Assim, ao final do ano de 2017, me candidatei ao Programa de Mobilidade Nacional Acadêmica e o destino era a minha cidade natal, Aracaju/SE. O meu plano de trabalho foi aprovado, começava em 2018 o meu movimento de retomada.

5.2 (Re)encontros: Um lugar na universidade

Iniciei o ano de 2018 com a participação no XXX Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia (ENEP), realizado em Feira de Santana/BA. Dentre os diversos eventos acadêmicos que participei ao longo dos anos de graduação, talvez

tenha sido a primeira vez que genuinamente senti que havia encontrado um lugar na universidade. Desde então, me questionava frequentemente: "Por que não participei desse evento antes?" A resposta reside no capítulo anterior: sempre priorizei a entrega dos meus trabalhos acadêmicos, afinal, eu não tinha tempo a perder. Porém, para minha felicidade, naquele ano, o ENEP coincidiu com o período de férias.

O evento permitiu que eu pudesse criar laços com pessoas e referências que me aproximaram e conectaram com os afetos que convocam à vida e a existência. Naquelas rodas de conversa sobre Sobonfu Somé, nas oficinas de fotografias, nas mesas redondas e nas atrações culturais, eu estava cercada de pessoas parecidas comigo, eu me via aberta para um novo horizonte de possibilidades de produção de vida e por consequência de um novo fazer psicológico.

Nomear o racismo como violência e ater-se a sua denúncia era adoecedor. Mas eu estava começando a olhar para mim e me perceber como parte de um todo, não mais como sujeito faltante. Como consequência desse encontro, trouxe comigo amigos com quem partilho a vida e referências que me mobilizam.

Alguns meses mais tarde, uma amiga me leva até o aeroporto, onde abraço e me despeço de minha mãe. Na mochila, o livro *Olhos D'água* de Conceição Evaristo. Entre uma conexão e outra, após a leitura do primeiro conto, sentia que algo estava mudando em mim. Assim como a protagonista do conto voltava para lembrar qual a cor dos olhos de sua mãe, eu estava retornando para conhecer algo sobre mim que ainda não conhecia.

Aquele era o meu último ano no curso de Psicologia, em meu plano de trabalho escolhi cuidadosamente as disciplinas que mais me interessavam, incluindo o estágio. No entanto, essas disciplinas estavam distribuídas entre diferentes semestres do curso, o que dificultou a interação e o desenvolvimento de relações com meus colegas na Universidade Federal de Sergipe.

O estágio, realizado duas vezes por semana em bairros periféricos da cidade de Aracaju, fez com que eu me deslocasse mais pela região. Essa experiência me proporcionou uma nova perspectiva da cidade, mas também me expôs práticas psicológicas que promoviam o sofrimento psíquico. Espaços em que, muitas das vezes, os sujeitos eram questionados em suas vulnerabilidades e culpabilizados por suas próprias condições de sofrimento.

Em meu relatório diagnóstico baseado na análise institucional escrito para a avaliação final da disciplina de estágio supervisionado, cito um diálogo presenciado durante o estágio, onde demonstro como tais atitudes perpetuam estigmas ao invés de cuidado.

[...] Em relação ao segundo caso narrado, em dados momentos ouvi: “É uma questão social.” E alguém da equipe replicou: “Ela (ao se referir a companheira do paciente) quer que o Estado arrume a casa dela. O Estado não vai fazer isso!” Outras nuances colocadas era o porquê a cuidadora não abandonava os cuidados do usuário, assim inferiam que ela possuía interesse na casa e no dinheiro dele. (Santos, 2018)²⁴.

Com frequência, o estágio despertava em mim sentimentos de raiva, levando-me a refletir criticamente sobre a profissão que em breve seria a minha, me levava também a escrever sobre o desconforto que eu sentia sobre o modo como a raça era omitida nas discussões que envolviam vulnerabilidade social em saúde. Revisitando uma conta de e-mail antiga, encontro um arquivo nomeado como síntese reflexiva, de 18 de agosto de 2018, um texto intitulado “Algumas reflexões sobre a história da saúde pública brasileira”:

Becker (2010) afirma que o negro escravizado era visto como um sujeito transmissor de doenças, como a causa de males, de modo que a sua presença nos ambientes brancos familiares representava perigo. Nisso consolida-se um projeto político que passa pela necessidade da criação de dados estatísticos que evidenciem as diferenças entre brancos e negros na área da saúde pública.

Evidentemente, todo esse processo de opressão do racismo não passa de maneira menos dolorosa para toda a população negra, que hoje faz uso do direito a saúde pública, no Brasil. Somente, em 2006, depois de pressões do movimento negro, o Ministério da Saúde reconheceu a existência da desigualdade étnico-racial na rede pública, ponto de partida para a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN).

Aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde foi convertida em lei pelo Estatuto da Igualdade Racial em 2010, esta lei – teoricamente visa a ampliar o acesso dessa população aos serviços de saúde e incluir o tema na formação e educação permanente dos profissionais da área, de forma a refletir sobre racismo institucional na saúde, compreender a importância das políticas públicas de saúde para população negra e o fortalecimento da política municipal de saúde da população negra.

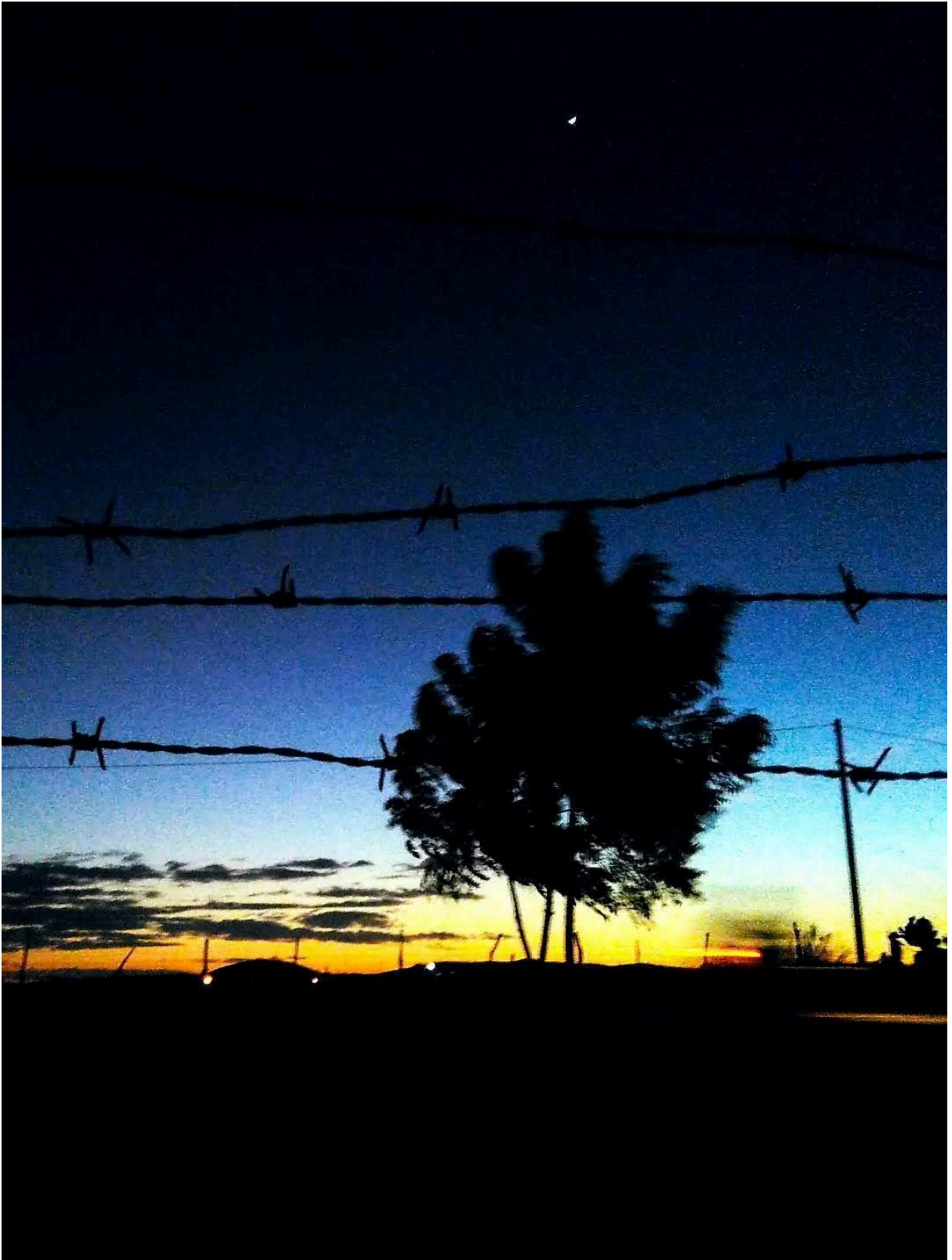
²⁴ Trecho retirado do meu Relatório de Estágio Supervisionado em Psicologia Institucional.

Veja bem, há menos de dez anos temos uma lei que é voltada para a população negra, isso é muito recente e incide no fato de que a população negra é ainda a que mais adoecer e mais morre, todavia em salas de aula do curso de Psicologia, toda a história da saúde pública é contada, tendo em vista um viés branco (Santos, 2018).

Paralelamente, às responsabilidades entre as aulas e o estágio, eu aproveitava para conhecer a cidade. Nesse sentido, explorava os eventos divulgados no Facebook e escolhia aqueles que despertavam meu interesse e nos quais desejava participar. Essas experiências não apenas ampliaram meu círculo social, mas também me permitiram estabelecer conexões profundas e significativas com outras pessoas.

Durante alguns finais de semana e feriados, eu viajava para visitar minha família materna no sertão ou visitar minha família paterna que residia em outra cidade no centro-oeste do estado. Especialmente ao lado da minha avó materna, vivi momentos de muito afeto, principalmente, quando embaixo do pé de umbu, ela compartilhava histórias sobre um passado não tão distante, quando trabalhava em fazendas de senhores donos da terra em Lagoa do Ouro/PE.

Fotografia III: O horizonte



Fotografia tirada em frente a casa da minha avó em Sergipe/2018. A foto mostra um céu ao entardecer com tonalidades de azul escuro e laranja próximo ao horizonte. Na parte superior da imagem, há uma linha de arame farpado que atravessa a foto horizontalmente. No centro, é possível ver a silhueta de uma árvore e alguns postes ao fundo, também em silhueta, devido à iluminação do pôr do sol. No céu escuro, uma pequena lua crescente aparece no canto superior direito. Ao fundo, no horizonte, luzes de veículos. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Durante uma dessas viagens, meu tio me conduziu até a primeira casa onde meus pais moraram após o casamento, o primeiro lar que conheci na vida. Contemplar aquele cenário trouxe à tona muitas reflexões. Fui tomada pela alegria da compreensão da minha história familiar, que também era a minha história. Era evidente o longo caminho que havíamos percorrido.

Fotografia IV: O sertão



Fotografia retirada em Sergipe/2018, durante a viagem realizada ao interior do sertão sergipano com meu tio. A foto mostra uma paisagem do sertão durante o dia, com céu azul e nuvens brancas esparsas. No lado esquerdo da imagem, há uma pequena casa simples, de cor branca e telhado de cerâmica, cercada por uma cerca de madeira rústica. Próxima à casa, há uma grande árvore típica do sertão, com folhagem verde. O terreno em volta da casa é árido, com solo marrom avermelhado. No fundo, à direita, há mais árvores e vegetação esparsa. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Os momentos em que retornei aos diários durante esse período foram pontuais; em vez disso, comecei a escrever poemas e cartas de amor, espaço em que celebrava a vida inspirada pelas obras de Larissa Vieira e Nivaldo Oliveira, embalada pela escuta de Lari Lima, pelos cordéis de Daiane Sacramento, pelos poemas de Stella

Carvalho e pelos encontros com Margot Oliveira, Michelle Souza e Abibiman Kandace.

Naqueles dias, talvez eu tenha descoberto meu lugar na universidade, um lugar que estava fora dos muros da universidade, mas que se construía a partir das relações, que ganham vida, a partir do ambiente acadêmico. Um espaço que se consolidava no afeto, nas partilhas de conhecimento, histórias, desejos e sonhos. Nesse sentido, instaurou-se o meu desejo de permanecer, a partir das referências que lembravam quem eu sou na potência dos encontros e das relações.

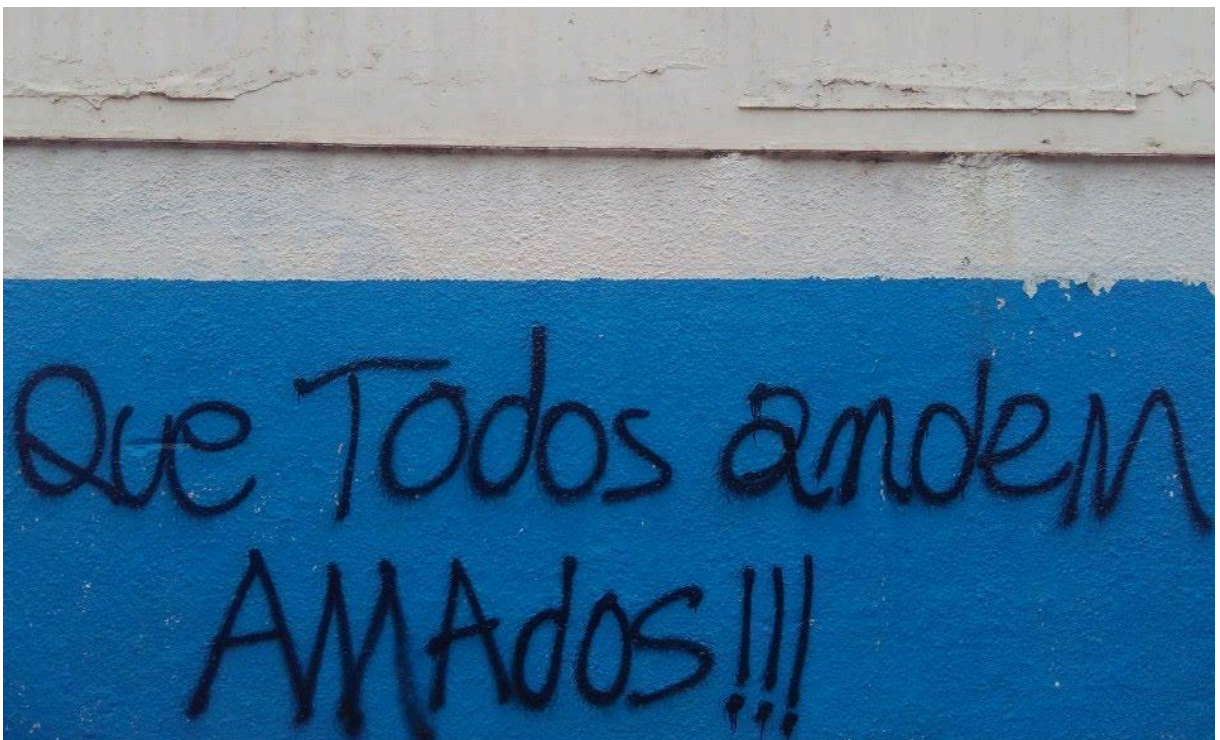
6 Cigarro aceso ilumina a solidão do centro²⁵

[...] essa é uma cidade que me dói também, mesmo deslumbre
tatiana nascimento

*Centro-Oeste, universo paralelo, rosa dos ventos
onde a incerteza do amanhã é colecionar momentos.*
MC Itachi

Retornei a Rondonópolis ainda naquele ano, aquela cidade podre, como denunciava o pixo do centro. De Rondonópolis trago as memórias, os afetos que construí e os silêncios coloniais indigestos. Nossas ruas ainda estampam nomes de ditadores e em nosso cotidiano relegam aos povos indígenas a culpa pelas queimadas e pelas fumaças.

Fotografia V: Amados



Pixação encontrada na Rua João Pessoa, no muro da Escola Estadual Major Otávio Pitaluga, Rondonópolis, 2018. A parede possui uma seção pintada de azul e a parte superior em branco, sob um telhado de metal corrugado vermelho. Na seção azul da parede, há um texto escrito em preto: "QUE TODOS ANDEM AMADOS!!!" **Fonte:** Arquivo pessoal.

²⁵ MC Itachi no segundo encontro do SLAM Circuito Marginal, em abril de 2020, no Cais, em Rondonópolis. Disponível em: <<https://cutt.ly/skET067>> Acessado em fevereiro de 2021.

Fotografia VI: A cidade



Pixação encontrada próximo à Praça da Saudade na cidade de Rondonópolis/MT. A imagem mostra uma seção de um ambiente urbano com foco em uma parede e na calçada. A parede possui textura que aparenta envelhecimento ou desgaste, exibindo manchas de descoloração. Nela, há uma pichação escrita com tinta escura que diz “CIDADE PODRE”. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Apesar do meu plano de trabalho ter sido renovado por mais um semestre na Universidade Federal de Sergipe, voltei por um misto de culpa e medo. Minha mãe estava enfrentando uma depressão e por outro lado, eu estava prestes a concluir o último semestre da graduação e, diante dessas circunstâncias, era desesperador estar longe de casa.

Ao retornar, fiquei completamente atônita. Aquela já não era mais a minha casa. No instante em que pisei em casa, entendi o porquê minha mãe estava deprimida: tudo estava destruído. Ela estava medicalizada, era a primeira vez que a via tão vulnerável e fragilizada.

Agora, morávamos em apenas dois cômodos, pois a casa estava em reforma. Há anos reclamávamos das gotas no telhado, agora meu pai estava se dedicando a isso. Antecipar nossas preocupações e desejos, sacrificando e negligenciando suas próprias necessidades em função das nossas ansiedades era o modo como ele demonstrava seu amor, carinho e cuidado por nossa família.

Todavia meu pai frequentemente tomava decisões importantes, sem nos comunicar. Diante disso, minha mãe era especialmente impactada pelas mudanças e pelo caos que se instaurava ao seu redor. Nesse período, sentada no sofá de nossa casa, tive inúmeras conversas com meu pai. Tentava explicar meu ponto de vista e dizia enfaticamente que ele não poderia tomar decisões por todas nós, uma vez que isso afetava diretamente o modo como nos sentíamos e vivíamos.

[...] minha mãe tá com depressão, meu pai continua num subemprego, minha irmã sai pela noite e volta pela manhã. Meu pai fica preocupado e faz sermão.

[...] a embriaguez tem sido uma grande amiga, tenho feito dela um retorno recorrente. Todavia, sempre penso, poderia tá gastando essa grana com pão para o café da manhã enquanto engulo mais outro gole.

Há mais de três meses durmo no chão do quarto com todos nós... Não tem sido fácil, não tenho dormido direito, dores de cabeça... (Rondonópolis, 01 de dezembro de 2018).

Contudo, ele estava fazendo o melhor por nós, e nós reconhecíamos e valorizávamos isso. Portanto, restava-nos suportar o processo com coragem e força. Nossos desconfortos eram transitórios, logo não poderiam ser tão maiores quanto os benefícios advindos das decisões e escolhas, das quais não fazíamos parte.

A reforma parecia interminável e frequentemente parava devido à falta de materiais de construção, cada dia que passava, era mais desolador estar em um lugar onde tudo estava fora do lugar.

Quando não falta pedreiro, falta cimento, falta areia, falta pedra... Falta. Queria viver sem olhar para o tanto que falta. (Rondonópolis, 20 de dezembro de 2018).

Era constante o sentimento de me ver diante de um corpo pequeno e limitado, a universidade também me havia adoecido, por vezes, eu me sentia impotente.

Há três dias acordo com dor de ouvido, isso me lembra um conto da Conceição Evaristo, em que uma criança morre com dor de dente após cuspir sangue.

É verdade que a Constituição de 88 institui o SUS, porém este funciona com muita dificuldade. Hoje é feriado, então como ir ao pronto atendimento, que é longe, se não temos carro e nem dinheiro sobrando para transporte?

Aparentemente é só uma dor de ouvido, é só uma dor de dente... E quando menos nos damos conta, olhamos para uma vida em que suportamos a dor na carne.

Hoje tomou posse um presidente que revela tudo sobre as concepções de humanidade definidas por filósofos racistas brancos.

Definitivamente, nós, negros, continuaremos aqui: sobrevivendo. (Rondonópolis, 01 de janeiro de 2019).

De alguma forma, mesmo em meio à bagunça em que eu estava imersa, consegui escrever um projeto e fui aprovada na seleção do mestrado.

Hoje também foi minha arguição no mestrado e sinto que falhei, acabei não sabendo responder uma das perguntas de forma adequada e ainda não estou dando conta da vergonha dentro de mim. Como se eu não pudesse falhar, faltar, gaguejar, enfim... (Rondonópolis, 21 de novembro de 2018).

A vergonha que aparece nesse trecho do diário, mas que também está presente em diversos outros momentos, em minha percepção, pode ser compreendida a partir da noção de “vergonha de si”, elaborada por Isildinha Nogueira (2021), que descreve esse sentimento como uma experiência psíquica central na vivência de pessoas negras, uma “espécie de marca por excelência na qual se manifestam os processos de racismo e exclusão” (p. 111). Essa vergonha se manifesta como um afeto profundo justamente quando eu estava sob o olhar avaliativo do outro, buscando aprovação no mestrado, um momento em que, mais do que demonstrar conhecimento, eu desejava ser reconhecida e validada como pessoa. No entanto, eu estava tomada pela sensação da vergonha pela pergunta, a qual eu não tinha resposta.

De modo simultâneo, eu estudava para ingressar no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde. No contexto em que eu me encontrava, a residência ainda era mais interessante do ponto de vista financeiro. Nossa pobreza limitava desejos e sonhos, éramos interditados pelas necessidades impostas pela sobrevivência.

Não ganhei na mega-sena, então me resta tentar estudar. Estou pensando em começar meu relatório de estágio. Hoje, estou de volta, revendo conteúdo da residência. Enfim... Se eu passar, ao menos tenho alguma opção.

Meu ouvido esquerdo ainda dói. Ontem eu chamei meu pai e minha mãe para ir ao hospital, ambos se recusaram a ir, previam a fila e nenhuma resolubilidade. Esse é o nosso SUS, ninguém acredita nele. Nisso tudo, meu pai esquentou um alho, colocou no algodão e pediu para que eu colocasse no ouvido. Durante à noite até que a dor mostrou-se mais leve (Rondonópolis, 02 de janeiro de 2019).

Eu estava equilibrando as demandas finais da graduação enquanto ponderava sobre os próximos passos. Meu pai odiava o emprego, queria um dia ter seu próprio restaurante. Diante da exploração do trabalho do meu pai e das questões financeiras que afetavam minha família, em meus textos, frequentemente eu interrogava e discordava da vida.

Não quero ter esperança, almejo contar somente com aquilo que eu tenho. A esperança nos permite viver uma existência baseada numa mentira, a mentira de que algum dia a vida será melhor, dentro desse sistema vigente, em que pretos trabalham e estão sempre fodidos. Vejo meu pai sendo arrombado por anos em um subemprego de merda, ele sempre conta a mentira de que a vida será melhor. Metade de uma vida ou até mesmo metade de uma vida já se foi e o homem continua sendo estuprado e rasgado por esse lugar de merda que é a vida depois que o homem branco decidiu colonizar a porra toda. Mais de cinquenta anos no próximo ano, mais da metade de uma vida sendo violentado [...]
E o homem vive... E o seu orgulho é a sua família, suporta tudo para que permaneçamos vivas.
A perversão do branco e a nossa desumanização. (Rondonópolis, 22 de dezembro de 2018).

A consciência e a crítica em relação às estruturas de poder que permeavam minha vida e a de minha família me convocavam a confrontar e desafiar a realidade do meu cotidiano, e ao mesmo tempo, reconhecer a importância de manter uma abordagem funcional e pragmática diante dessas questões.

Realizei poucos atendimentos na clínica no ano passado, não sei ao certo o que vou colocar no relatório de estágio, estou ansiosa, porque eu sei que irei formar no próximo mês.
Acho que vou mandar mensagem para uma veterana.
Como vocês sabem, ando insegura em relação a minha vida financeira, porém seguindo...
Para além dos pesares, estou confiante de que este será um bom ano, pelo fato de se caracterizar como o fim de um longo período na graduação, em que muitas transformações aconteceram e eu sou feliz por isso.

Fui convidada para participar da segunda edição do Jornal Vozes Diaspóricas²⁶, estou contente, espero que possamos publicar em breve e que eu possa contribuir significativamente, nosso maior problema ainda se refere ao alto custo das impressões. (Rondonópolis, 04 de janeiro de 2019).

Era importante fazer o que precisava ser feito, mas também refletir e contemplar as minhas próprias emoções e o ambiente ao redor.

Hoje acordei mais cedo, talvez porque sinto que carrego o peso do meu próprio corpo e as dores e o desconforto da cirurgia [de vesícula].

Abri a porta dos fundos e, como num ritual ou cerimônia, contemplei a chuva. Tentei sentir o cheiro da muda de alecrim que comprei no centro, mas apenas senti o cheiro do lodo e da lama suja, algo muito característico dessa época do ano no lugar em que vivo. Embora ouça o barulho dos pássaros e alguns deles até pousarem perto, a paisagem ainda é devastadora: um quintal que parece uma lagoa de água vermelha, um cenário em que, apesar das tentativas de reforma, a água entra mais dentro de casa do que fora.

Para além de tudo isso, canto uma canção de Belchior: “E a solidão das pessoas nessas capitais.” E me vejo pensando sobre a solidão de um povo que atravessa o cerrado, o sertão e os pampas. Do morro ao asfalto, nas casas de concreto ou de barro, concreta é a solidão do povo preto.

O cheiro de café se espalhando pela casa anuncia mais um dia, as tentativas de elaboração de um relacionamento que se passou também anunciam mais um dia, um dia novo, porém com velhas inquietações.

O pão seco do dia anterior no café da manhã. Esta é a manhã do amanhã, ou melhor, a real manhã do amanhã que tanto sonhamos.

O ouvido ainda dói... (Rondonópolis, 05 de janeiro de 2019).

Na janela do ônibus, eu observava as pessoas atravessando a catraca e lia a cidade por meio das pichações nos muros. O sol se punha no horizonte, o cerrado, o monumento bíblico na Avenida Presidente Kennedy, o monumento do gaúcho na Avenida Governador Júlio José de Campos e o monumento do Marechal Rondon nas margens do Rio Vermelho, foram muitos anos passando pelas mesmas ruas, era quase impossível não absorver os detalhes daquela cidade.

²⁶ O Jornal Vozes Diaspóricas foi um jornal independente de pequena circulação criado e idealizado por integrantes do movimento negro em Sergipe.

Fotografia VII: Da janela



Vista do pôr do sol da janela do ônibus na Avenida dos Estudantes, em Rondonópolis. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Fotografia VIII: Vandalismo?



A imagem mostra um muro com grafite escrito: “Vandalismo é o caralho, eu tenho sangue revolucionário!”. Praça dos Carreiros, Rondonópolis, 2015. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Fotografia IX: CEU



Pixo encontrado ao lado da Casa do Estudante Universitário (CEU), da Universidade Federal de Mato Grosso, 2015. A imagem mostra uma parede branca desgastada escrito em tinta spray preta: POBRE ROUBANDO POBRE? **Fonte:** Arquivo pessoal.

Se há faltas, se eu falto ou não me encontro, sinto e percebo o modo como o céu e o solo do cerrado me comunicam e me acolhem.

Nem a arquitetura hostil, nem a fumaça, o asfalto ou qualquer restrição de mobilidade urbana são capazes de impossibilitar o modo como a natureza insurge por aqui, como eu apareço por aqui.

Aprendi a fazer registro do trânsito e dos meus trânsitos.
Crio memória dos meus movimentos... pra lembrar que a violência ~ um dia não me paralisou, sigo em transição. Como diria Preto Téo: "Sinto falta da rua, mas a encruza sou eu." (Rondonópolis, 2021).

Fotografia X: Luta



Pixo encontrado na Avenida Amazonas, Rondonópolis, 2018. A imagem mostra um muro com texto em grafite vermelho. O texto diz "FAZ DA TUA DOR TUA LUTA" **Fonte:** Arquivo pessoal.

Eu buscava me encontrar na cidade de Rondonópolis com a mesma ânsia com que eu buscava a compreensão da existência. Aquela não era a minha casa, mas nem toda primavera poderia ter se tornado cimento e concreto. No ponto de ônibus, onde eu passava algumas horas dos meus dias, eu não estava disposta a deixar escapar os desconfortos que me consumiam.

Fotografia XI: Sombras



A imagem retrata um pôr do sol, com um gradiente de cores no céu que transita do azul profundo na parte superior para tons mais claros de azul e, em seguida, para tons de laranja e amarelo próximo ao horizonte. Há uma silhueta de folhagem e árvores visíveis contra o céu. Rondonópolis, 2017. **Fonte:** Arquivo pessoal.

a agonia da espera
o desejo que reverbera
o calor
o suor
o mormaço
a fumaça
o ódio contido
uma sombra escondida
os prédios de concreto
um poema de protesto
de volta pra casa²⁷

Eu precisava protestar contra o lugar em que eu estava, convidei a Eloize da Silva e a Sara Thimoteo para construirmos juntas um Slam de poesias. O Slam se configura como um campeonato de poesia falada, um movimento artístico, político e cultural, espaço aberto e democrático, em que a comunidade possui participação

²⁷ Excerto retirado de uma agenda de anotações.

ativa durante o processo. O fenômeno possui sua origem na década de oitenta, ao lado do crescimento do movimento hip-hop, chega ao Brasil em 2008 e tem Roberta Estrela D'Alva como precursora, ela que é a criadora do SLAM ZAP! (Zona Autônoma da Palavra).

Eu havia entrado em contato com o Slam, quando estava em Sergipe. Ao retornar para Rondonópolis, eu sentia que precisava me movimentar no sentido de criar espaços de diálogos com as conexões que eu acreditava. Corpo e voz, eram aspectos importantes da linguagem para falar e compartilhar da realidade em que estávamos inseridas.

Realizado mensalmente ao longo de 2019, o Slam Circuito Marginal²⁸ aconteceu em alguns lugares da cidade (Jardim Atlântico, Praça Brasil, Praça do Pindorama, Praça da Saudade, Praça da Lions, Praça da Vila Operária, Vila Mamed e Cais). Encontrávamo-nos para compartilhar ideias através da poesia marginal. Afinal, em Rondonópolis, onde estariam os espaços para jovens negros se expressarem, afirmarem sua identidade, fazerem reivindicações e denúncias, e compartilharem sua própria percepção do mundo em que vivem?

Minha presença na cidade era marcada pela ausência de participação em espaços de lazer, principalmente, por consequência das restrições de transporte e mobilidade. Na maioria das vezes, minha vivência em Rondonópolis foi restringida ao perímetro do meu bairro, o trajeto obrigatório para a escola, a igreja e a universidade.

A cidade como um todo, permanecia inacessível. O transporte público não me levava por ela. Aos finais de semana, as linhas e os horários de ônibus eram reduzidos e só diminuíram ao longo dos anos. Havia bairros em que a última linha passava às 17h. Para chegar ao slam, por exemplo, muitas vezes, eu recorri à bicicleta. O deslocamento era uma barreira, e sem ele, o diálogo com a cidade se tornava inviável.

E em todos os aspectos possíveis, não era possível fazer Slam sozinha, a própria organização e produção pressupunha a existência de pessoas. Outro ponto é o fato de que o Slam não possuía o objetivo de ser um exercício de contemplação

²⁸ Para conhecer as memórias do projeto, acesse: <https://www.instagram.com/circuitomarginal/> e <https://www.facebook.com/watch/circuitomarginal/>.

individual. Tratava-se, antes, de uma fala que, ao apresentar uma experiência singular, pudesse ressoar em toda uma coletividade.

O projeto me ensinou, de forma singular, a convidar, reunir e, sobretudo, a escutar pessoas. Nosso último encontro ocorreu na Praça Brasil, em fevereiro de 2020, no exato momento em que a pandemia de Covid-19 forçou a suspensão das atividades. Naquele mês, completava-se um ano de minha colação de grau e também um ano de mestrado. Era um período em que me debruçava sobre as disciplinas com a crescente sensação de ter tomado a pior decisão de minha vida.

Como tudo poderia ser tão ruim? Por que nada fazia sentido para mim? Por que eram sempre as mesmas discussões? Sentia-me sem ar, correndo em círculos no mesmo lugar, eu apenas rabiscava e rabiscava a agenda:

uma conversa com meus pais sobre um emprego legal
 uma ideia praquele tweet genial
 imersos na monotonia dos dias
 meu espelho revela tudo tão igual
 nem parece que decretaram um *lockdown* (Rondonópolis, 2020)

tereré para refrescar a cuca
 alongamento no youtube para relaxar a nuca
 calor do caralho
 nenhuma carta no baralho (Rondonópolis, 2020)

a água da chuva escorre pela calha
 o tempo escorrega entre as mãos
 a goteira pinga no meio da sala
 a memória atravessa vãos (Rondonópolis, 2020)

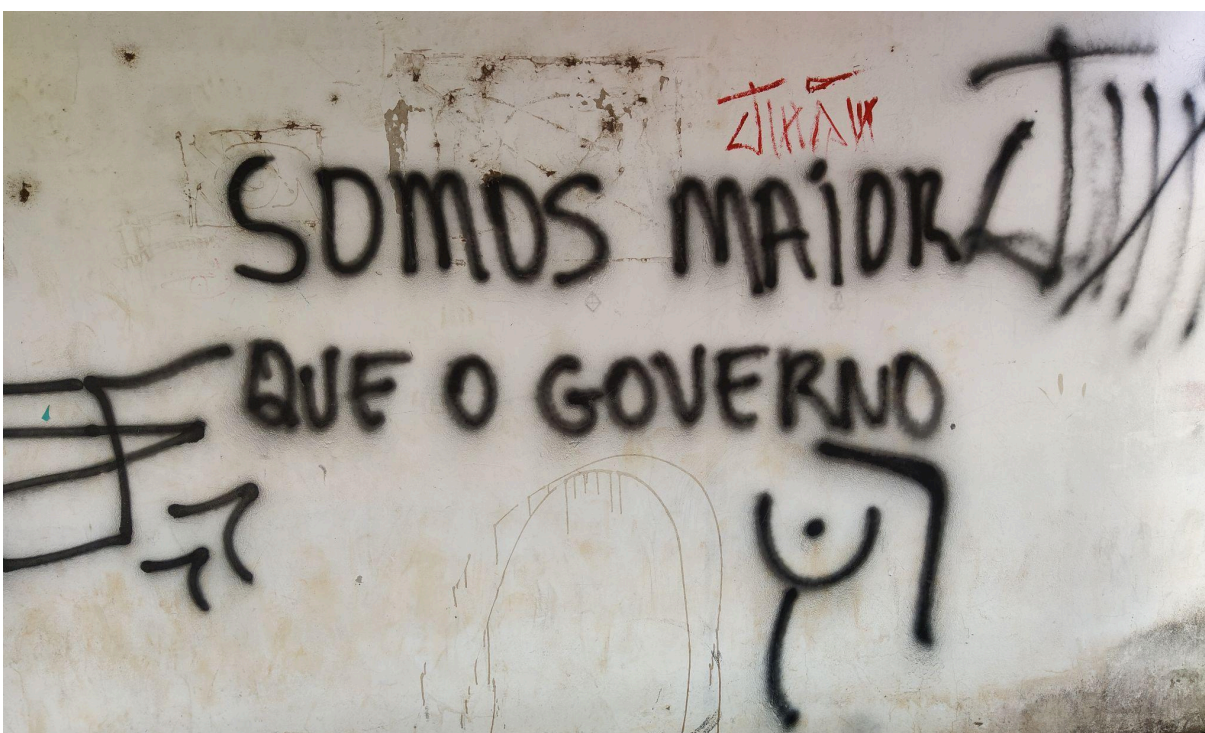
Havia tempos que eu perseguia a literatura e naquele momento não teria sido diferente. Nas inúmeras conversas com a minha amiga Mila Rodrigues, enquanto falava sobre as angústias da minha dissertação, mencionava o meu desejo de me encontrar com as narrativas de trânsito e deslocamento. Como viver em Mato Grosso sem estar conectada com a cultura massiva do agronegócio e do sertanejo? De que modo a gente resistia naquele solo? Por que a gente fica? Por que a gente vai embora? O que a gente denuncia? Quando a gente chora? Quando a gente ri?²⁹

²⁹ Entrevista concedida à jornalista Beatriz Passos. **Selo Itan: a margem como centralidade da escrita.** Disponível em: https://issuu.com/fuzue.ufmt/docs/revistafuzu_1_/s/15658272?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAA R2mJtM8viF8Zb3f5N2szGrdKV7F0Y7FBTmR_opurr3QWRP_CgJXrAO6oPs_aem_AQDLMuATqZPD6

Essa também eram as terras de Quariterê e Tereza de Benguela, então juntamente com Mila Rodrigues e em parceria com o Coletivo de Jornalismo Com Texto, criamos o Selo de literatura Itan³⁰, que visava fomentar a produção literária de escritores negros em Mato Grosso.

Assim, em meio à pandemia de Covid-19, encontramos uma forma de reunir pessoas através de suas histórias. Era esse o aprendizado que eu silenciosamente incorporava enquanto, em Mato Grosso, buscava também um lugar para mim.

Fotografia XII: Governo



Pixo encontrado na Avenida Barão do Rio Branco, Rondonópolis, dezembro de 2020. A imagem mostra um muro branco escrito em letras pretas grandes “SOMOS MAIOR QUE O GOVERNO”.

Fonte: Arquivo pessoal.

Como fruto do selo de literatura, foram publicadas duas revistas digitais com a colaboração de escritoras e escritores de diversos municípios do estado. Além disso, realizamos o I Sarau Vozes Insurgentes, cuja abertura foi marcada pela leitura do seguinte texto:

Boa tarde! Agradeço a presença de todas as pessoas aqui presentes. Sejam bem vindes ao primeiro Sarau Vozes Insurgentes promovido e realizado pelo Itan Selo Literário Independente. É com muita alegria

[P933udYbo53235fSNT2UEvs5TZGSv9VI40HNMj9zY3YuzmySK0jECWt15OKu1fwv1MkYurXGcWp](https://medium.com/seloitan/P933udYbo53235fSNT2UEvs5TZGSv9VI40HNMj9zY3YuzmySK0jECWt15OKu1fwv1MkYurXGcWp)

Acesso em 16 de maio de 2024.

³⁰ Para conhecer as memórias do projeto, acesse: <https://medium.com/seloitan>.

que reunimos hoje escritoras e escritores, que compõem a primeira e a segunda edição da revista digital produzida pelo Selo Itan.

O Itan Selo Literário configura-se como um espaço autoreferenciado que visa estimular a produção da literatura e promover um espaço de publicação para escritoras (es) negras (os) do estado de Mato Grosso. Hoje temos a proposição de um sarau para a celebração de nossas histórias e afirmação de quem somos. Estamos no segundo ano consecutivo de pandemia da Covid-19 no Brasil, o vírus do genocídio negro segue em curso, idealizado em 2020, o Selo Itan é concebido como estratégia de sobrevivência e reexistência ~ registro aqui a memória do meu ancestral, meu pai, Daniel Braz dos Santos, assassinado pela política de extermínio do Estado brasileiro, em que mais de meio milhão de mortes é apenas estatística ~.

Hoje, o Sarau Vozes Insurgentes é proposição de um espaço para que venhamos falar por e sobre nós mesmos e reivindicar o nosso lugar no mundo, a partir da narrativa escrita por cada uma de nós. O que nos traz até aqui é a possibilidade de realização, que foi conquistada pelos ancestrais que pisaram nesse solo. Obrigada, pai! Pois sabemos que em terras Tereza de Benguela, não chegaríamos ou estaríamos aqui sozinhos. Nada disso seria possível se não estivéssemos coletivamente organizados diante de um propósito que conta algo sobre nós. É por isso que sou grata.

Agradeço a Mila Rodrigues, que também sonhou esse projeto, nascido na angústia do não lugar e realizado nas possibilidades e potencialidades dos encontros. Sou grata também a parceria do Coletivo de Jornalismo Com_text, ao Marcos Salesse e a Beatriz Passos, que foram pessoas fundamentais para consolidação da existência do Selo.

Agradeço a toda nossa equipe e colaboradores que fazem a história do Selo Itan: Andressa Portella, Cristina Soares, Francine Oliveira, Hernane Beltrão, Luana de Paula, Maria Clara Bertúlio, Sophia Cardoso, Wando Santos e Wesley Rocha, que apostaram e somaram com a ideia de que contar histórias é também criar novos mundos.

Às escritoras e escritores publicados pelo Itan, eu sou grata a cada uma de vocês que acreditaram no Selo como espaço confiável e seguro para entregar às leitoras e leitores o que escreveram com afeto. Agradeço também a todas as pessoas que de perto ou de longe apoiaram, acompanharam, vibraram e espalharam a nossa mensagem. Sem mais, eu desejo a todas pessoas presentes um sarau caloroso, inundado de afeto e poesia (Rondonópolis, 2021).

Mudei-me para São Carlos em fevereiro de 2022, após concluir o primeiro semestre do curso de doutorado de forma remota. Agora, eu atravessava e seria atravessada por outra cidade, onde me redescubro e recrio em outros encontros.

O que a gente faz enquanto espera? O mundo já acabou? Agora me vem a imagem do Charles Bradley cantando com suor na testa “Por que é tão difícil vencer na América?” Eu olho para aquele homem negro no palco cantando de olhos fechados, contando uma história

que se parece tanto com a minha, com a do meu pai... Quantas vezes. a gente muda nossa vida de lugar, muda de país, estado e cidade e a sensação de que temos é a mesma, a sensação de que não importa o quão longe a gente caminhe, nada vai mudar (São Carlos, 21 de novembro de 2022).

Ontem, a minha namorada passou o domingo com a família e eu pensei no quanto que eu sinto falta de casa, pensei no quanto é difícil estar sozinha longe de casa. E por mais que eu repita que o mundo inteiro também é a minha casa, por muitas vezes é difícil estar longe do lugar que foi nossa referência de cuidado e segurança. Todavia, estamos no processo ambivalente de reconstruímos nossos lugares, nossas concepções de cuidado e segurança. (São Carlos, 21 de novembro de 2022).

7 Não sei se escrevo bem, se escrevo mal, sei que agora escrevo

A vida toda alguma coisa tentou me matar e eu me refiz
Ellen Oléria

*Escrevendo para abafar meu grito
E o meu grito é um pedido de socorro
Eu tô lutando pela vida... ³¹*

Escrevo para que eu continue sendo refeita. Escrevo para não esquecer de que não é a dor ou o sofrimento que legitima a minha existência (São Carlos, 17 de abril de 2023).

Escrevo esse texto na tentativa de lembrar que eu vivi e que ainda estou viva (São Carlos, 19 de agosto de 2023).

Escrevo porque preciso, escrevo porque tenho medo, escrevo para observar meus medos, escrevo para aplacar a dor e o medo, escrevo para registrar o efêmero do cotidiano, para me olhar no espelho e acompanhar o movimento da própria escrita no decorrer dos anos.

Hoje domingo, 18:06, chuva lá fora e eu aqui preciso passar minha roupa para então ir ao culto.
Mas me bateu uma vontade de escrever, enquanto eu rasurava alguma coisa para avaliação de Física amanhã... (Rondonópolis, 13 de maio de 2012).

Estava relendo algumas coisas que escrevi, folhear as páginas deste diário me faz encontrar com várias minhas várias faces.
Essa sensação gostosa de me "rever nas fotos", não tem preço... Vejo que consigo me superar dos abalos emocionais...
Agora são precisamente 18 horas e 14 minutos, pretendo estudar para avaliação de matemática (progressão aritmética e geométrica), logo ler alguma coisa, se eu conseguir, é claro.
Não tenho muito a dizer, sem mais no momento volta outra hora. (Rondonópolis 14 de maio de 2012).

Outubro parece que nunca acaba. Viajei para Mato Grosso, estive na casa da minha mãe em Rondonópolis, fiz minha consulta com o oftalmologista em Cuiabá e retornei para São Carlos. Passei o feriado do dia 12 em São Paulo, visitei o Museu Afro Brasil e fiquei extasiada

³¹ Rondonópolis, 11 de dezembro de 2018.

com o vasto acervo das exposições, fiquei refletindo sobre a grandiosidade da contribuição negra no Brasil para a cultura, a ciência, a literatura, a arte e a religiosidade, retomei Lélia Gonzalez (2018) na afirmação do modo como o racismo é um mecanismo para anular o fato de que a cultura brasileira é negra. “Quilombos, favelas, do futuro seremos reis (...)”³².

Ontem, eu terminei o livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira, eu chorei em cada página do livro, em que vi a história do meu pai em *Zeca Chapéu Grande*, em que vi a história de minha vó em *Donana*, chorei com o afeto das narrações de Bibiana e Belonisia e vi ali registrado o meu desejo de que a memória do meu pai não morra comigo.

Hoje é sexta-feira, coloquei as roupas para bater na máquina e estendi no varal de chão. Espero conseguir esboçar algum rascunho sobre *Escrevivência* após o curso *Escrevivência e Educação Literária* ministrado por Conceição Evaristo. (São Carlos, 28 de outubro de 2022).

Hoje, pela primeira vez, eu fui ao açougue do bairro, onde eu moro. Antes disso, eu liguei para minha mãe e perguntei qual a melhor carne para fazer bife e carne de panela. Eu sempre pergunto para minha mãe sobre coisas que eu quero fazer na cozinha, é gostoso a possibilidade de compartilhar o processo... (17 de novembro de 2022)

Há algum tempo venho me perguntando: como escrevem escritores negros? Como escrevem acadêmicos negros? Iniciei este trabalho tentando apontar algumas das condições de escrita deste trabalho. Afinal, que corpo é esse que escreve? Se afirmamos que nossos corpos estão vulneráveis, de que forma isso atravessa a escrita? E quando nos faltam recursos, tempo, suporte, como tudo isso se reflete no texto que produzimos?

Hoje li uma entrevista com a Tatiana Nascimento, em que ela dizia que buscava escrever todos os dias e que não tinha travas na escrita. Será que trava na escrita é tipo coração emperrado? (Rondonópolis, 21 de novembro de 2018).

Hoje, eu escrevo da escrivantina branca do meu quarto, que fica frente a uma janela, cuja incidência de luz doía meus olhos, todavia, quando fechava a janela, a escuridão se instalava por completo. Entre a dor de cabeça e a escuridão total, eu resolvi comprar uma cortina com ventosas, estas ficam presas na janela de vidro, enquanto a persiana permanece aberta. (São Carlos, 29 de novembro de 2022).

³² Referência à música *O mundo é nosso*, de Djonga.

Confesso que, assim como Gloria Anzaldúa (2021), ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita.

Eu sei (posso até apontar) que esse texto está cheio de erros gramaticais, mas eu não tô nem aí, porque eu já não me importo mais com isso... (Rondonópolis, 19 de junho de 2012).

Final de domingo, anoto os compromissos fixos da semana no planner enquanto tomo uma caipirinha de limão. Há algumas semanas, eu estou me esquivando da construção do texto que planejei escrever com meu amigo, irei escrever sobre memória, consciência e escrevivência. Estou fugindo desse texto, mas decidi escrever sobre minhas fugas textuais também, quem sabe dessa maneira, algum texto me encontra.

Há algum tempo, a forma tem sido uma questão, quando penso na forma e na estrutura do texto, eu me sinto paralisada. E há dias, eu tenho pensando na forma e na estrutura de apresentação do meu trabalho de tese e me sinto mais uma vez paralisada. Ao mesmo tempo que sinto que tenho várias coisas a dizer, a impressão que sinto é que estou num ponto limitado de possibilidade de expressão. (São Carlos, 19 de novembro de 2023).

Enquanto, eu escrevia esse texto, eu me recordava da biografia da escritora Monique Rosa Brasil postada em seu perfil do Medium³³: “Eu não quero saber da pontuação certa. Sou superior a gramática.” E penso em todas as vezes em que ouvi críticas à gramática, às normas, à metodologia e à escrita como uma forma de desqualificar e deslegitimar a nossa voz e presença, assim, antes de sequer iniciarmos a fala, somos silenciadas.

Não nos esquecemos que a língua é também uma imposição colonial. Fomos desapropriadas, e quando resistimos, quando escrevemos e nos comunicamos segundo a pretensa, suspeita e suposta "norma padrão" da língua, compreendemos que esta é a língua do opressor, mas precisamos dela para falar com você.³⁴ E aqui estou, escrevendo para registrar e não silenciar meus lutos:

Hoje, eu estou aqui sentada na sala do meu apartamento roendo as unhas pensando em como registro de alguma maneira a história do meu pai e de quem sou, a partir daquilo que ele me oportunizou, a partir de uma leitura que eu faço sobre o que eu experienciei.

³³ Disponível em: <<https://medium.com/@moniquerosabril>> Acesso em 01 de dezembro de 2021.

³⁴ Adrienne Rich no poema “Queimar papéis em vez de crianças”.

Choro a ausência do meu pai, sinto saudades da minha mãe e espero que de alguma forma, possamos encontrar o alívio necessário para lidarmos com os dias hostis, como a chuva no sertão.

No dia 10 de março, a minha mãe faz 49 anos de idade, será o primeiro ano da minha mãe sem meu pai. No último aniversário comprou bolo, salgadinhos e refrigerante. Ninguém imaginava que seria a última celebração de aniversário da minha mãe sem meu pai. Meu pai amava a minha mãe. (São Carlos, 03 de março de 2022).

eu ganhei um relógio do meu pai aos dezoito anos. meu pai que conhecia o tempo pelo olhar, meu pai que nunca precisou de despertadores para acordar, meu pai que nunca se atrasou na volta pra casa...

por vezes, trago o mesmo relógio no pulso, porque ao contrário do meu pai, eu ~ ainda não consegui ler o tempo. foge da minha compreensão o modo como toda a possibilidade de construção de ser, estar y existir se desata no ar, no tempo...

hj eu acordei cedo, coloquei a água de café no fogo, pinguei colírios no olho y tentei seguir com o mesmo ritual dos dias, sem deixar tempo pro tempo que eu não posso mais ter ao lado de quem foi meu colo.

"não se iludam, não me iludo" canta gilberto gil, o tempo é rei y nunca dá tempo. absolutamente tudo pode estar por um instante. (10 de maio de 2022).

Escrevo perdas, escrevo o tempo, escrevo o passado, escrevo afetos, escrevo sobre dores para alcançar a cura.

Hoje é sábado, estou na área da casa da minha mãe tomando um suco verde. No dia 22 de março, eu fiz uma cirurgia de transplante de córnea em Cuiabá, fiz o retorno médico no dia 06 de abril e retornarei no dia 04 de maio.

Às vezes, eu percebo o quanto é difícil nos posicionarmos no nosso cotidiano e somos lesadas, quando consumimos algo ou negligenciadas quando estamos nos estabelecimentos de saúde. Eu experienciei tudo isso nos últimos 18 dias.

Com auxílio de uma amiga, eu fiz uma reclamação na Ouvidoria do SUS. Demora um tempo até nos livrarmos da sensação de que estamos sendo inapropriadas, quando nosso corpo é violado. Demora um tempo até que venhamos nos movimentar no sentido de transformar nossa raiva em denúncia. Isso é uma aprendizagem que somente a sobrevivência nos ensina. (Rondonópolis, 09 de abril de 2022).

Por muito tempo, fomos convencidas de que nosso maior valor estava na quantidade de dor que conseguíamos suportar. Estudar surgiu para mim como a saída da condição de precariedade da existência, um caminho para escapar da subjugação do patriarcado e da heterossexualidade compulsória. No entanto, a universidade é frequentemente um lugar onde nos dizem que não pertencemos. Recentemente, ouvi de um pós-graduando: “Todos nós tivemos que fazer alguma abstenção para estar aqui.” Por que sempre precisamos nos abster e ainda nos orgulhamos disso?

Em um mundo que nos ensina a valorizar e celebrar o sofrimento como um indicador de mérito, força e aprendizagem, compreendo que nosso valor não reside na dor que suportamos e nem no sacrifício que fazemos. Reivindico um espaço em que seja possível celebrar as relações, o amor, o erótico, o prazer, a alegria, a paixão e a ternura.

Ontem, enquanto limpava meu apartamento, me perguntei: “Quantas paixões cabem numa tese?” Estou apaixonada. Lembrei-me de Audre Lorde: “E não existe, para mim, nenhuma diferença entre escrever um bom poema e caminhar sob o sol junto ao corpo de uma mulher que amo.” Nos últimos dias, tenho sentido uma vontade intensa de escrever e de me sentir viva através do meu texto. O afeto me humaniza. Na semana passada, enquanto era abraçada, pensei naquela música do Djonga: “Aquele dia eu te ensinei coisas sobre o amor, durante o dia eu só tinha vivido o ódio.” O toque e o carinho me fazem lembrar que meu corpo vai além da dor e que posso encontrar num abraço a acolhida de que necessito. São esses momentos que tento capturar na existência (São Carlos, 27 de junho de 2022).

Queen: Só quero alguém que sempre vai me amar, não importa o que aconteça. Alguém que vai segurar minha mão e nunca soltar. Mas ela tem que ser especial. Porque ela será o meu legado.

Slim: Como assim?

Queen: Eu não vou mudar o mundo. Contanto que minha garota se lembre de mim com carinho, é tudo o que preciso (Queen Slim, 2019).³⁵

Hoje é o dia da colação de grau da minha irmã. Em nossa família, minha irmã será a segunda pessoa graduada em universidade pública. Só nós sabemos o quanto nos orgulhamos dessa trajetória. Eu tenho certeza que meu pai estaria muito feliz em celebrar esse dia

³⁵ Referência ao diálogo presente no filme Queen Slim.

conosco. Em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Daisla contou sobre o surgimento do bairro em que moramos. Hoje escrevemos história e nada disso seria possível sem o apoio incondicional do meu pai aos nossos estudos. Minha mãe hoje pode dizer: “Minha filha é professora.”

Ontem, eu mandei uma mensagem no instagram para a escritora Clarice Fortunato. Da vida nas ruas ao teto dos livros foi um livro indicado pela Conceição Evaristo no curso Escrivência e Educação Literária. Estou muito feliz em encontrar referências que estão indo ao encontro das minhas ideias para esse curso de doutorado. O modo como Clarice Fortunato conta a sua história me faz desejar escrever a minha história. E cá estou eu, escrevendo e escrevendo.

No decorrer da leitura do livro, eu fiquei muito ansiosa me perguntando sobre as implicações de contar histórias de pessoas tão próximas, das relações que nos cercam... Eu ainda não sei como vou responder tais questões, mas toda história exige um risco. (São Carlos, 22 de dezembro de 2022)

Para mim, café da manhã é a refeição do dia mais imprescindível e gosto de comer de forma lenta, de preferência com o sol da manhã tocando meu corpo. Inclusive, essa é uma saudade que sinto da casa da minha mãe. Estamos em meados de abril e já sinto a brisa fria que inunda e toma esse apartamento de piso frio. (São Carlos, 17 de abril de 2023).

Escrevo também para questionar quem eu sou, relembrar quem eu fui, tensionar minha própria história e aprender a contar minha história de jeitos diferentes.

São 15h22m e estou lendo a carta de Grada Kilomba (2019) à edição brasileira do livro Memórias da Plantação. Em um determinado momento, ela diz: “Este livro é muito pessoal; escrevi-o para entender quem eu sou”. Ontem, enquanto eu folheava o meu diário e me deparava com partes de mim e da pessoa que eu fui (e que ainda me doem), eu pensava no quanto é difícil conhecer e olhar para um eu ferido, machucado, ingênuo e vulnerável. (06 de fevereiro de 2023).

Há alguns dias, eu tenho pensado sobre o lugar dos livros em minha casa e em minha vida. Na minha casa não havia espaço para livros, lembro de colecionar livros didáticos em uma caixa de papelão, esta ficava no quarto, em que dormia com minha irmã, eu guardava cadernos usados, atividades realizadas, textos etc, ou seja, todo material produzido no contexto da escola, estes eram os meus itens preciosos, de tempos em tempos eu re-visitava a caixa de papelão e decidia qual item permanecia mais um pouco comigo e qual item seria descartado. A umidade das chuvas molhavam/mofavam as caixas e muitos desses itens precisavam ser jogados fora.

Essa semana, eu revi uma fotografia do meu quarto na casa da minha mãe, uma taça de vinho tinto em um primeiro plano e ao fundo a minha escrivaninha com o notebook, bem como um livreiro com livros encostado na parede. Essa foto me encheu de alegria, só eu sei o quanto foi difícil e quanto tempo foi preciso esperar para que um dia eu tivesse um quarto, em que houvesse um lugar destinado aos estudos. E tudo isso foi possível graças ao exaustivo trabalho do meu pai para nos dar uma casa em que pudéssemos morar. (São Carlos, 13 de fevereiro de 2023).

Encerro este capítulo, em que afirmo: escrever é, acima de tudo, um ato de reivindicação da existência, dos lutos, das memórias, das amenidades e das paixões.

8 Você não está de férias na Colômbia?

A fé tá na manhã, a fé tá no anoitecer, no calor do verão, a fé tá viva e sã
Gilberto Gil

*Y, aunque en la vida todo pasa
Y siempre todo cambiará
Aquí yo guardo una esperanza
Para volver a comenzar*
Grupo Bahia

Pousei em Cali no dia 30 de setembro de 2024. Fiz parecer banal e disfarcei a grandiosidade que eu senti em relação aquele momento. Naquele mesmo dia, ao sair do hostel acompanhada pelo funcionário que administrava o espaço, ele me apresentou os restaurantes mais próximos. E, naquela breve caminhada pela Comuna 22, fui tomada pelo encantamento em relação à cidade. Eu estava deslumbrada com as ruas cheias de gente negra, atordoada com a enorme quantidade de veículos cruzando em todos os sentidos. Vi pessoas negras por toda parte: atravessando as ruas, aguardando em filas, vendendo produtos nas esquinas e transportando umas às outras.

No dia seguinte, ao sair novamente para almoçar, uma senhora negra me parou na rua, elogiou meu corte de cabelo e me perguntou aonde eu o tinha cortado. Nesse instante, eu soube que eu estava sendo abraçada pelo calor e pela vida em Cali. Eu ainda não sabia, mas, uma semana depois, ao apresentar minha pesquisa no Centro de Estudios Afrodiaspóricos (CEAF) e ao ouvir Macu (Juan David Macuacé Torres), assistente de investigação, contar a história da cidade, eu descobri que eu havia desembarcado na segunda cidade mais negra da América Latina.³⁶

Mas, antes de chegar aqui, Colômbia já existia para mim muito antes do desembarque. Ela estava na infinita burocracia, que continuou a me acompanhar por longos meses. Cumpri cada etapa dos processos sem devaneios, pois eu sentia que não havia espaço para erros, qualquer deslize poderia terminar em um ônus

³⁶

Disponível em: https://www.cali.gov.co/bienestar/publicaciones/51642/cali_segunda_ciudad_con_mayor_poblacion_afrodescendiente_en_el_pas/ Acesso em março de 2025.

financeiro, eu não tinha o que perder, então, eu segui realizando os trâmites com a rigidez e a inflexibilidade dos compromissos colocados na agenda.

Senti que minha chegada se aproximava, em uma sexta-feira, quando estava no hospital oftalmológico e aguardava a minha primeira consulta no ambulatório de refração. Na ansiedade da espera, com o celular na mão, entre uma rede social e outra, descobri que o meu projeto de pesquisa havia sido aprovado na Chamada Pública Atlânticas para bolsas de Doutorado Sanduíche no exterior, uma parceria do Ministério da Igualdade Racial, Ministérios dos Povos Indígenas, Ministério das Mulheres e o Conselho Nacional de Desenvolvimento de Pesquisa, Ciência e Tecnologia (CNPq).

O edital pioneiro e exclusivo para mulheres negras, indígenas, ciganas e quilombolas na história do CNPq, paradoxalmente, excluiu o apoio financeiro para mães. Embora essa omissão não me afete diretamente, revela como as políticas de fomento à pesquisa persistem em ignorar as realidades que moldam nossas trajetórias. Assim, a internacionalização da pesquisa, o acesso e a permanência na academia seguem como desafios desiguais. Lembro-me do ensaio *La Prieta* de Gloria Anzaldúa (2021), em que ela escreve:

[...] bolsas governamentais, programas de equidade de direitos e oportunidades, política de bem-estar social e vale-alimentação falham em extirpar o racismo, o sexismo e a homofobia. E o tokenismo não é a resposta. Compartilhar as fatias do bolo não vai adiantar (p. 84).

Gloria Anzaldúa (2021) nos mostra que as desigualdades não são apenas déficits pontuais que podem ser equilibrados com políticas afirmativas, pois resultam de uma violência histórica e estrutural tão profunda que sua reparação total escapa às lógicas da justiça tradicional, as quais estamos submetidas. É uma dívida impagável, como diria Denise Ferreira da Silva (2019).

No entanto, não posso perder de vista o fato de que programas sociais e políticas de ações afirmativas abriram brechas para que pudéssemos ter acesso às brancas universidades brasileiras. Eu sou fruto de programas sociais e políticas de ações afirmativas. Nesse sentido, afirmo que tais políticas ainda são necessárias, porque mitigam desigualdades históricas e atuam de maneira a viabilizar o acesso a

espaços de poder e representação, abrindo fissuras para possibilitar uma reconfiguração ontológica.

Para alguns corpos atravessar fronteiras acadêmicas é apenas um procedimento institucional, para outras significa se chocar contra os muros que insistem em tornar nossos corpos estrangeiros antes mesmo da partida, afinal, nem todos atravessam o mundo da mesma forma.

Dessa maneira, ainda que estivéssemos respondendo a uma convocatória afirmativa, havia dúvidas, havia questões e elas se refletiam em todas nós. Por inúmeras vezes, eu me senti sozinha. Mas, eu tinha fé, não raramente, eu carrego a crença de que um legado de exclusão exige fé, porque a fé, nesse contexto, não me parece apenas como um elemento espiritual, mas uma força para a imaginação radical, uma aposta no desconhecido, uma abertura para o impossível.

Com essa fé que move, expande e conecta com tudo que é vivo, diferente daquela fé religiosa que um dia me enrijeceu e separou, nós buscamos e encontramos umas às outras pelos nomes divulgados em uma das etapas de seleção do edital. Assim, formamos um grupo de apoio coletivo, onde pudemos compartilhar nossas ansiedades.

Percebi que essas sensações, embora pudessem soar como a "antecipação de uma ameaça", mesmo diante de oportunidades que, em tese, não representavam um risco de vida, como um intercâmbio, eram mais complexas. É nesse ponto que Jota Mombaça (2021) nos oferece outra chave de leitura: para além da patologia individual, essas ansiedades emergem da realidade de "existir em um mundo que existe contra a nossa existência" (p.48), funcionam como intuição, como uma resposta frente à economia da ameaça que nos cerca. Assim, talvez, podemos compreender essa ansiedade como uma leitura aguçada dos desafios inerentes às condições em que vivemos.

Ademais, o 1º Encontro Atlânticas realizado pelo Ministério da Igualdade Racial³⁷ entre as selecionadas no edital representou um momento crucial para solidificar os laços que começamos a construir virtualmente. A oportunidade de nos conhecermos pessoalmente, de compartilharmos nossas trajetórias e expectativas.

³⁷

Disponível em: https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/copy2_of_noticias/1o-encontro-atlanticas-fortalece-rede-de-pesquisadoras-negras-quilombolas-indigenas-e-ciganas Acesso em abril de 2025.

Esse encontro foi importante para que pudéssemos nos enxergar como parte de uma rede maior. Essa iniciativa demonstrou a importância de espaços de encontro e articulação para o fortalecimento de grupos historicamente marginalizados no campo da pesquisa.

Passada a intensidade inicial dos primeiros meses da minha chegada a Cali, e que, de certa forma, espelhavam as antecipações das ameaças que eu havia previsto, comecei a respirar em um outro ritmo. Essa imersão no presente, essa abertura a estar genuinamente aqui, neste novo território, pareceu sintonizar-me a uma disponibilidade para o inesperado, para os encontros que não estavam na agenda.

Lembro-me de um dos encontros do Seminarios Avanzados de Investigación, um espaço voltado a aprofundar as discussões teóricas e metodológicas das pesquisas em desenvolvimento pelos pesquisadores visitantes no CEAF. Foi ali que Débora Campos, pela primeira vez, disse que nosso encontro não era sorte, era pedido... Nesse instante, senti que havia algo na força da nossa fé que nos conectava. Sorri, pois me senti acolhida. Confesso que nunca consegui expressar em palavras o que senti. Mas eu, que sempre tentei dar conta do mundo por intermédio das palavras, senti que estava bem com isso, Débora me convocava a expressão por intermédio de outras linguagens e foi com ela que descobri que sabia dançar.

Éramos duas brasileiras realizando nossas respectivas investigações no CEAF. Quando cheguei, nos encontramos pela primeira vez no terminal de ônibus Universidades: cabelo solto, sorriso largo, ela estava iluminada. Eu mal sabia que os meses seguintes nos reservariam uma amizade tecida com cuidado, afeto, comida, vinho, cerveja, viche, viagens, cafés e risos. Com ela, pude dividir as perguntas e as alegrias da tese, das finanças, da família e dos amores.

Com Débora, minha fé tomou novos contornos. Aprendi a ter flores colorindo a casa, a queimar alecrim como incenso, a contemplar, a ter companhia nas esperas e nos silêncios e a atentar-me às minhas sensações. Essas coisas simples me abriram para encontrar não apenas outras pessoas, mas também a vida que pulsa ao meu redor: as cidades, as águas, a música, a terra e as histórias.

É precisamente essa sensação de ser parte pulsante do mundo, que me permitiu dançar na cozinha, ler poesias na cama, escrever no bloco de notas do celular, cantar na rua, sorrir apaixonada, chorar de saudade, abraçar amigos, apreciar

a vista da janela do meu apartaestudio no El Caney, falar o que eu sinto e escutar quem eu amo.

Abri o presente capítulo com a epígrafe de uma das músicas do Grupo Bahia, performance, a qual assisti no primeiro mês em que cheguei a Colômbia, desde então, escutar os sons que ressoam da marimba me levam a sensação de estar numa canoa no Pacífico colombiano.

E, como imersão em meu processo de compreender a Colômbia pelos olhos de quem vive aqui, decidi encontrar as escritoras que fazem parte do livro *Voces de la Equidad*, que trago para o escopo do meu trabalho de doutorado-sanduíche, a coletânea sobre a qual me debrucei e apresentarei mais adiante. Encontrá-las não era parte do cronograma do meu projeto de pesquisa, mas eu queria ouvir o que as movia em relação à escrita, o que as impulsionava a escrever seus textos, o que as atravessava.

Em um café com a poeta Flor Bárcenas, busquei recordar a alegria que às vezes parece nos escapar e desvanecer. Flor Bárcenas em seu poema *Después del incendio* nos confronta com imagens de dor e fogo, mas também com a persistência de uma flor que "relumbra", um símbolo da memória que se recusa a ser consumida. Nesse café, eu também buscava criar memória do momento compartilhado e, de alguma maneira, a poesia de Flor estabelecia uma ponte entre nós.

Después del incendio

Una flor relumbra
después del incendio
yo misma entregué mis carnes al fuego:
al ardor en mi sexo
el desprecio de mis muslos.

Era una niña
jugando a inventar el amor:
que mis carnes circularan en señal de goce
que a mi cuerpo lo desearan
monstruoso
en secreto
mientras me devolvía
lloviendo
a ningún regazo maternal.

Una flor relumbra
y en ella yo salpicada de miedo.

Me arranqué el rostro para crear uno nuevo
lo dibujé
como haciendo una tarea enfrente a mi madre.
borré mi corazón
y también salí a la calle:

mis pasos fueron la guerra
un extraño hueco donde depositar miserias
y erigir tragedias con palabras incendiadas,
pesadillas del Bosco,
enfermedades de Dios,
y mentiras floridas.

Cedí al fuego
le entregué mis carnes.
Una baba amarga emanó de mi pecho
y ningún Dios me escuchó.

Una flor relumbra después del incendio

A flor que resiste ao fogo ecoa nossa tentativa, naquele café, de preservar e construir na escrita uma ponte que recusa o esquecimento do nosso prazer e das nossas alegrias.

Quando reflexiono sobre o meu movimento de escrita, tenho me indagado sobre o porquê as dores parecem me mobilizar muito mais do que o banal, o efêmero e o trivial? Por que me é tão caro escrever sobre amenidades? Pergunto-me também se escreveria sobre aquela tarde com Flor, sobre a viagem a Buenaventura com Fallola Ibarгүйen e o modo cuidadoso como ela me apresentou sua comunidade, o Distrito de Agua Blanca.

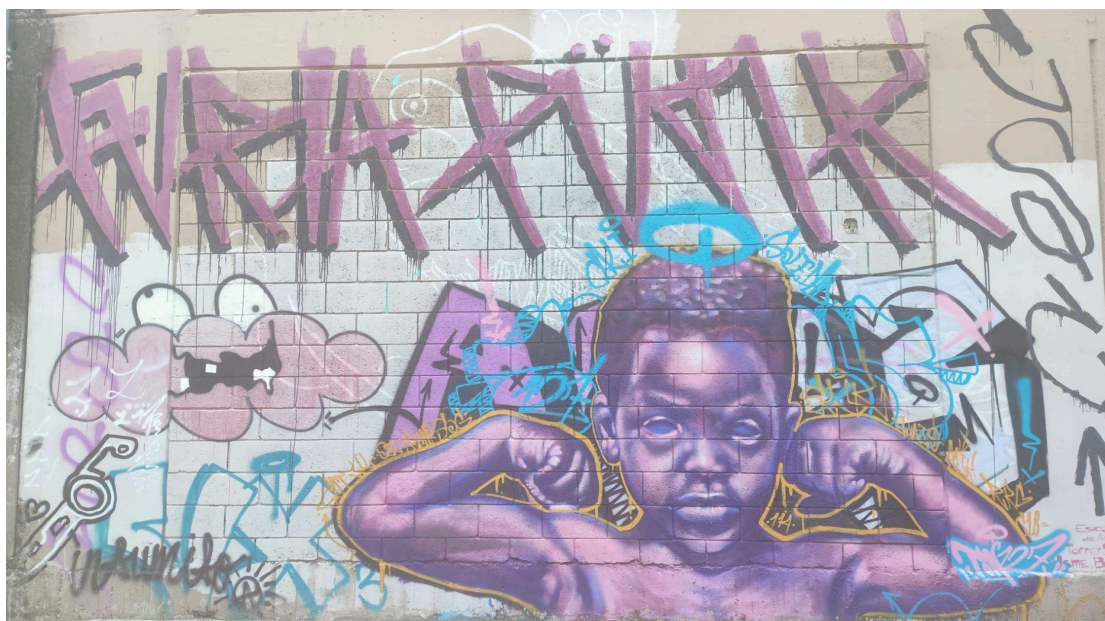
Fotografia XIII: Oriente Estéreo



Imagem de uma construção simples, com paredes amarelas e detalhes em vermelho, localizada em uma esquina urbana. Na fachada, lê-se "Oriente Estéreo 96.0 FM". À esquerda da entrada principal há uma grande pintura mural colorida, representando pessoas negras tocando instrumentos, dançando e sorrindo. Acima delas, frases escritas em espanhol dizem: "Este es un espacio de paz" e "La cultura es la cura". Há um céu parcialmente nublado ao fundo e, ao lado do prédio, vê-se uma torre de rádio ou comunicação. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Em sua escrita, Fallola apresenta-se, a partir do território em que nasceu, assim como muitas outras escritoras que compõem a coletânea, ela traz a memória viva de sua ancestralidade: o pacífico colombiano. No meu primeiro encontro com Fallola em um restaurante no El Caney, fui convidada a conhecer a Universidad del Valle, o lugar em que trabalha como psicóloga, pude então conhecer o campus de uma universidade pública na Colômbia e assim sorrir ao perceber que os muros grafitados traziam a lembrança da minha velha UFMT.

Fotografia VX: Furia Punk



A imagem mostra um muro grafitado. O destaque central é o retrato realista de uma criança negra com expressão séria, pintada em tons de roxo. A criança aparece com os braços dobrados, exibindo os músculos, em uma pose de força e resistência. Há um contorno dourado ao redor da figura. Acima da criança, em letras grandes e estilizadas na cor roxa com contornos pretos, está escrito "FURIA PUNK". Há também uma auréola azul pintada sobre a cabeça da criança. À esquerda, há um desenho de um personagem cartunescos com olhos grandes e dentes irregulares, lembrando um monstro ou nuvem com feições cômicas. Diversos rabiscos, tags e camadas de intervenções artísticas compõem o restante do muro, com cores como azul, rosa, amarelo e preto. No canto inferior direito, está escrito em vermelho: "Escuela de Artes Torre... Univalle". Fonte: Arquivo Pessoal. Universidad Del Valle, Cali, Colombia, 2024. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Pergunto-me também se escreveria sobre a generosidade com que Lina María Mosquera compartilhou o fato de escrever desde criança. Saí daquela conversa refletindo sobre a forma como nos vemos e nos inscrevemos no mundo por meio da escrita, mesmo sem a intenção de seguir uma carreira como escritoras. A escrevivência, me parece, nasce de uma necessidade intrínseca à própria vida. Em minhas conversas com as escritoras do livro, observei o modo como a presença da escrita é uma memória viva que aparece na infância ou na adolescência: cartas, canções, redações e poemas. Estava ali o desejo de expressão e/ou denúncia. Estava ali o desejo de vida.

Mas, afinal, quem pode ser escritora, se assim o desejar? Ginna Liceth Ramos Castillo, escritora que tem apostado na autopublicação, compartilhou os desafios de se inserir no mercado editorial, sobretudo por escrever a partir das questões que a mobilizam, ligadas à comunidade negra.

Liliana Riascos escreveu sobre saúde mental de mulheres negras. Confesso que seu texto me impactou de forma muito particular, por ser o primeiro a tematizar, em primeiro plano, a saúde e a educação de forma simultânea. Essas são áreas com as quais venho me confrontando como psicóloga, como paciente e como pesquisadora em Educação. Foi importante encontrá-la, ainda que virtualmente, e sentir que existiam essas preocupações que nos aproximavam.

Cada um desses encontros teve um significado valioso para mim, porque eu não estava apenas estudando um livro de literatura. Eu estava em uma conversa com as escritoras. Eu estava feliz, porque aquelas histórias tinham chegado até mim. Eu estava feliz, porque eu saí do Brasil e, nesse processo, pude ouvir histórias que tinham semelhanças com a minha. Eram mulheres que estavam se movimentando para que a vida pudesse ser mudada por meio da escrita e das palavras.

Lembro com muito afeto e carinho de encontrar Katherine Mosquera em San Antonio e sentir-me muito emocionada e mobilizada com o impacto de suas palavras. Ela, que escreveu *ARÓN*, reivindicava uma história que tivesse continuidade. Apesar da morte do seu protagonista, existe a comunidade. Existe a comunidade que canta, toca e celebra seus mortos, “recordando a todos que, a pesar del dolor, la belleza de la vida persiste incluso en la tristeza más profunda” (p. 131).

Talvez, em vez disso, eu fixasse esse capítulo nas experiências que, de algum modo, parecem sempre se impor sobre aquelas que em outro tempo estariam em um álbum de fotografias. Mas ainda escrevemos sobre dores para encontrarmos a voz dentro de nós. Essa necessidade de escrever para dar vazão à dor e buscar a própria voz é central no conto *Victoria* de Vanessa Castro Alves (2024). A personagem compartilha as violências sexuais vividas durante a infância e adolescência e o impacto duradouro desses traumas. Como (re)encontrar a voz que sempre tivemos, mas que segue silenciada pelo medo, a vergonha e a culpa? Victória nos apresenta as dificuldades enfrentadas para processar a dor e quebrar o silêncio familiar: “No sé cómo decirle a mamá, pero escribo esto porque tal vez es la única manera que tengo de hacer más llevaderos estos días. ¿Por dónde comienzo? Escribo” (Alves, 2024, p. 67).

Escrevemos sobre dores porque ainda seguimos com a necessidade perene a nossa própria vida de politizar a ferida. E como escreve Jota Mombaça (2021), para

estarmos juntas na quebra “e encontrar, entre os cacos de uma vidraça estilhaçada, um liame impossível, o indício de uma coletividade áspera e improvável” (p. 20). Assim, na tentativa de convocar outras mulheres a denúncia, Victoria nos conta:

Porque esto no es un tratado sobre cómo pasar la vida o qué hacer después de y no puedo mentir, siguen existiendo preguntas y pensamientos sin resolver, pero nunca más estoy dispuesta a callarme. Por eso, espero que mi historia llegue a las manos de quien deba llegar y motive a otra mujer a contar la suya, si lo quiere. Yo quiero hablar fuerte y claro, y también quiero escuchar a más mujeres, ahora quiero sanar más profundo y ayudar a sanar a otras (Alves, 2024, p. 80).

Enquanto elegia os temas a compor e preencher essa tese, eu sabia que escrever sobre aspectos tão íntimos de minha vida poderia vir a culminar numa hipervisibilidade e até mesmo na espetacularização do sofrimento aqui narrado. Trago comigo essa preocupação: como elaborar e sarar feridas coletivas, mas não cair na armadilha de reduzir essa produção à mera representação da dor?

A poeta tatiana nascimento (2020), em seu ensaio *Cuírlombismo literário: poesia negra LGBTQI+: desorbitando o paradigma da dor*, argumenta que a representação de nossas experiências de dor pode alimentar o apetite sádico do olhar branco cis-heteronormativo, que busca na dor negra e LGBTQI+ uma forma de exotificação e controle, disfarçada de compaixão, gratidão e aprendizado, ou seja, nos manter aprisionadas a estereótipos limitantes. Nessa acepção, a escritora propõe, uma leitura que abrace a nossa complexidade estética, a ancestralidade diaspórica e a potência afrofuturista, reconhecendo nossa capacidade de criar mundos novos e desafiar as imposições coloniais.

Diante disso, com esta tese, sigo buscando experimentar nas margens das formas acadêmicas tradicionais, fazendo o exercício de enunciação poética no intuito de borrar os limites entre criação e teoria, porque de onde viemos guardamos sempre a beleza das contradições que nos permitem resistir:

*De donde vengo yo
La cosa no es fácil, pero siempre igual sobrevivimos
Vengo yo
De tanto luchar siempre con la nuestra nos salimos
Vengo yo*

*De aquí se habla mal, pero todo está mucho mejor
Vengo yo
Tenemos la lluvia, el frío, el calor* (ChocQuibTown, 2010).

Na segunda semana em Cali, durante a apresentação da minha pesquisa no CEAF, recebi referências valiosas que guiaram a execução do meu projeto. Esse foi o momento em que tive o encontro com o livro *Voces de la Equidad*, que se tornou o foco central de minha investigação. A obra, escrita por mulheres negras que concluíram a Especialização em Escrita Criativa com Enfoque Afrodiaspórico na Universidad Icesi, fazia parte de um projeto desenvolvido pelo CEAF, a criação de uma plataforma de histórias audiovisuais, sonoras e escritas, que visava “reconstruir y recopilar un conjunto de narrativas e historias de líderes y lideresas afrodescendientes para potenciar su trabajo y amplificar sus voces” (Ossa, 2024).

Lizeth Sinisterra Ossa (2024), gerente do projeto *Voces de La Equidad*³⁸, que tive o prazer de conhecer durante minha pesquisa no CEAF, explica que a Especialização foi criada com o propósito de fortalecer as habilidades narrativas de 11 mulheres afrodescendentes. Tratava-se de promover a equidade de gênero a partir de uma perspectiva étnica através da literatura.

Após a intensa jornada de visitas a apartamentos para alugar e do processo de solicitação da cédula de extranjería na imigração, pude, enfim, iniciar a leitura da obra online. Alguns meses depois, recebi em minha casa um exemplar do livro, tratava-se da primeira tiragem impressa desde sua publicação.

O livro acompanhava uma carta assinada pela própria Lizeth Sinisterra Ossa e pelo diretor do CEAF, Youseth Ariza Araújo (2024), para eles, o livro como escrita de re-existência, amplifica a voz e os sentires-pensares de mulheres afrodescendentes, de maneira a conectar as vidas, trajetórias, experiências e caminhos coletivos.

Las páginas de este libro contienen narraciones acerca de las experiencias de poder, lucha y fuerza de jóvenes, mujeres y disidencias sexuales afrodescendientes que reafirman su agenciamento político y aporta formas propias para re-escribir la historia (Ossa; Araújo, 2024).

³⁸ Para conhecer mais sobre o projeto: <https://www.icesi.edu.co/sitios/sobre-el-proyecto.php> Acesso em 02 de maio de 2025.

Por meio dessa obra, encontrei e me conectei com a literatura de escritoras afrodescendentes na Colômbia. Eu buscava compreender de que forma essas escritas transitam por espaços de produção, circulação e partilha de saberes, ao mesmo tempo em que evidenciam tensões, desafios e formas de resistência.

Até aqui, escrevi algo sobre os espaços que me formaram e me compõem, e, em algum ponto desse caminho, encontrei outras histórias que passaram a me atravessar. Nesse sentido, quando me debrucei sobre a obra, não me detive a exaurir as possibilidades de olhares, aqui não me aprofundo em todos os relatos do livro e tampouco minhas impressões partem da suposição de uma experiência única ou homogênea. Penso que as narrativas aqui reunidas adensam a minha escrevivência, esse movimento de nutrir a vida com interrogações e poesia.

Voces de la equidad reúne autoras que, por meio de diferentes gêneros literários, tecem narrativas profundamente atravessadas pelo afeto. São textos que evocam memória, ancestralidade e território, exigindo do leitor não apenas atenção, mas também entrega. Demorei meses para concluir a primeira leitura do livro. Algumas passagens foram especialmente difíceis de ler, e continuam ressoando.

A leitura se impôs em seu próprio ritmo, pois exigia um tempo distinto do calendário, uma vez que me convidava a olhar para a minha própria história, para a história em que eu estava escrevendo. Ainda assim, a sensação de que o tempo destinado à análise era insuficiente me atormentava. Afinal, qual seria o tempo ideal para se ler um livro?

Em meio ao processo de adaptação aos meus primeiros meses na Colômbia, estive sob uma autocobrança constante: a necessidade de cumprir no tempo previsto todas as etapas do projeto submetido ao CNPq, e paralelamente finalizar a escrita do trabalho de tese. Afinal, eu não estava ali a passeio. Esse era o lembrete que havia aprendido na última década na universidade, eu não poderia existir fora da ruminação cotidiana do meu texto.

Aparentemente, minha postura poderia ser interpretada apenas como uma mera rigidez e inflexibilidade psíquica, quando isso me comunica o trabalho e o esforço exaustivo de assimilação a gramática da conformidade dogmática. O "deve ser" da forma e estrutura acadêmica parece que me ressoa num lugar similar ao "a Bíblia diz". A internalização da voz de Deus, do pai e do professor atuam como

forças que antecipam a ameaça diante do desvios na jornada acadêmica, na transgressão religiosa e na resistência à tradição familiar.

Afinal, quais definições de seriedade, responsabilidade e compromisso me aprisionam? E, em confluência, o quão inadmissível se tornou a ideia de que eu poderia estar a passeio? Por que desfrutar das pausas, me parecia uma transgressão, uma falha quase moral? Jota Mombaça (2021), nos convida a não buscar nos salvar da ansiedade, mas a engajá-la ativamente. Vivenciá-la, senti-la e escrever com ela, como faço neste exato momento, enquanto a ansiedade me consome e me pergunto se darei conta dos prazos.

Não escrevo, contudo, para tentar me salvar da ansiedade. Antes, escrevo para livrar a ansiedade de mim, liberá-la da circunscrição demasiado histórica, demasiado posicional da minha subjetividade, para só então liberar as sensibilidades que me atravessam do registro demasiado formal, demasiado normativo da patologia, fazendo delas poro e superfície de contágio para a ansiedade como intuição voltada para o limite do mundo (Mombaça, 2021, p. 49-50).

Em contraste com a lógica dominante que tende a enquadrar experiências dissidentes e racializadas como patologias, Jota Mombaça (2021) nos convida à libertação das nossas sensibilidades. De maneira oportuna, essas reflexões me levaram ao encontro do conto *La larga espera*, de Liliana Riascos, no livro já mencionado. Uma professora que pressionada por um ambiente escolar racista aguarda para ser internada num hospital psiquiátrico para docentes. Nas primeiras linhas, o texto me pareceu engraçado, com um tom quase absurdo, mas logo se revelou profundamente sintomático do adoecimento psíquico que atravessa a experiência de mulheres educadoras.

Nesse espaço de espera, ela conhece Negra, uma mulher mais velha com quem inicia uma conversa e ao ser questionada por qual motivo estaria no hospital nos deparamos com os seus pensamentos:

La verdad es que me hubiera gustado decirle que me pasaba todo el tiempo en planeaciones y reuniones sin sentido. Mis estudiantes eran los idiotas útiles de una sociedad racista, clasista y sexista, que los limitaba a interactuar únicamente desde la violencia. Nada ajeno a mis compañeros, que por cierto, me hacían la vida imposible. No

obstante, el miedo le ganó a mi impulso y solo le dije que venía a averiguar unas cuantas sesiones de psicología (Riascos, p. 100).

Observamos nesse fragmento, um espaço, em que a narradora, a partir do seu sofrimento, pensa e reflete sobre os estudantes, o modo como as estruturas sistêmicas de opressão limitam as possibilidades de interação dos estudantes para além da violência, todavia aparece o medo a impede de se expressar livremente, então ela somente diz que foi buscar ajuda psicológica. Quando eu leio a tensão da narradora em falar sobre os reais motivos que a traziam ali, eu me deparo com os medos e tensões que eu ainda sinto nos espaços em que transito, onde ainda é preciso avaliar o que de mim eu posso revelar ou dizer para que ao final não descubram que eu possa estar enlouquecendo.

Através desse diálogo, conhecemos mais sobre a vida de Negra, olhamos para as suas memórias, onde ela fala da experiência traumática do deslocamento forçado³⁹, sobre o peso do próprio nome e os estigmas associados à sua negritude no contexto escolar em sua infância:

El colegio era un calvario también. Sobrenombres, señalamientos y hasta golpes, eran el día a día de una niña que solo quería ser feliz y sentirse libre de portar un nombre como ese. Sin embargo, no fue así. Un mal día, y digo malo porque eso me ha marcado hasta hoy, llegó un profesor nuevo al colegio, era de artística. En ese tiempo tenía yo aproximadamente once años. Recuerdo que el profesor nos pidió un dibujo sobre nosotros mismos. Yo fui la única que se dibujó y coloreó con una crayola café y negra. Al ver esto, el profesor dijo que yo no era una niña normal... para él así no deberían ser los retratos de los niños. Que aquel color que representaba el de mi piel no debía ser café, sino piel durazno, como las palmas de mi mano. Yo quedé confundida, pues mi piel siempre ha sido de color café, no de un color como ese. Así que le dije que mi color de piel era café, no el que él con insistencia sugería, a lo que me responde que yo no era más que una ignorante al igual que todos los negros que habitaban el pueblo (Riascos, 2024, p. 108).

No trecho acima, Negra apresenta a escolarização como uma experiência de sacrifício, violência e exclusão. Às vezes, eu me pergunto, quais são as experiências escolares de meninas negras que não passaram por um processo de escolarização

³⁹ O deslocamento forçado na Colômbia é caracterizado como o processo em que indivíduos ou comunidades são compelidos a abandonar abrupta e involuntariamente seus lares e territórios devido a contextos de violência, ameaças e conflitos armados, resultando em desarraigo geográfico, social e cultural.

traumático? Quantas possibilidades de vida são anuladas, quando não nos permitem explorar o mundo, a partir da própria pele? A negação da identidade da personagem gera um questionamento sobre a sua própria realidade e uma desconexão entre o que ela percebia e a norma imposta: “Yo quedé confundida”. Ao desenhar-se com os tons reais de sua pele, afirmava-se, a partir da sua identidade e percepção de mundo. No entanto, essa autoimagem é deslegitimada por um professor que insiste que “los retratos de los niños” não deveriam ser daquela cor. Ao afirmar que o correto seria “piel durazno”, ele não apenas corrige a cor, mas corrige a existência de Negra.

A escola sustenta o racismo não apenas de maneira institucional com currículos e conteúdos que excluem referências racializadas, mas também por meio de seus agentes pedagógicos: professores e professoras que operam violências muitas vezes naturalizadas como “correção” ou “exigência acadêmica”.

A minha escolarização me privou de espaços para nomear e refletir sobre meu pertencimento racial, uma ausência que, paradoxalmente, não anulou a centralidade da questão em minha vida. Nesse contexto de silenciamento institucional, a escrita de Liliana Riascos, assim como de outras escritoras que compõem a coletânea se destacam por trazer o cotidiano como campo de conhecimento, a partir da narração desses fatos, as experiências adentram o campo do saber, um saber que extrapola a construção da própria identidade no contexto escolar, mas um saber sobre a comunidade escolar e as suas dinâmicas de atuação no que se refere ao relacionamento com corpos negros.

Em minha infância, lembro de rasurar muitas folhas de caderno escrevendo meu nome completo, local e data de nascimento, ali, eu buscava contar uma história sobre mim, mas a verdade é que na infância, eu sabia pouco sobre o que significava meus sobrenomes ou nascer onde eu nasci e viver em Mato Grosso.

Creio que talvez por isso, me chama atenção a recorrência dos deslocamentos intelectuais e subjetivos trazidos pela condição da migração. Ainda em *Voces de la equidad*, a escritora Ginna Liceth Ramos Castillo (2024) nos apresenta Alika, uma jovem negra que se muda da costa pacífica para Popayán para estudar Direito. A narrativa mergulha nas vivências de Alika na universidade, a partir da exploração do racismo no ambiente acadêmico e a força do amor. Alika vê essa mudança como uma oportunidade, que a mobiliza a perseguir seus sonhos:

Crecí siendo una mujer negra, pero obtuve un privilegio, pude emigrar de mi pueblo natal, donde no había muchas posibilidades para el futuro, y llegué a Popayán, la capital del Cauca, para iniciar mis estudios en la universidad. Desde muy niña soñé con ser abogada, así que mis padres hicieron un esfuerzo inmenso por ayudarme a cumplir mi sueño; lo que no sabíamos, era que no sería fácil (Castillo, 2024, p. 223).

O deslocamento de Alika para Popayán transcende a mera mudança geográfica; é um mergulho em um novo universo intelectual e subjetivo. Ao ingressar na universidade, ela se depara com um ambiente acadêmico que, paradoxalmente, deveria ser um espaço de abertura e aprendizado, mas que se revela abertamente racista.

Alika vive a hostilidade do ambiente acadêmico, de maneira que sente minada sua percepção como indivíduo capaz de conhecimento. A constante necessidade de se defender, de provar sua valia em um espaço que sistematicamente a desvaloriza, gera uma autocrítica paralisante.

Assim como Alika, que questiona sua capacidade intelectual, quantas de nós passamos por um processo similar, onde temos a sensação de ausência, as faltas da nossa própria formação escolar, as dificuldades com a escrita, a forma e os textos acadêmicos e conseqüentemente a dificuldade em nos reconhecermos como sujeitos de conhecimento?

O exercício de escrita dessa tese parte da premissa que o conhecimento não reside apenas em esferas abstratas, separadas da nossa vivência, está no corpo e na carne. No entanto, muitas vezes nos sentimos fora dos limites da compreensão dos saberes acadêmicos. É nesse ponto que a liderança feminina negra se impõe como um potente contraponto: essas mulheres lideram suas comunidades não apesar de, mas precisamente por causa do conhecimento que carregam em seus corpos, um saber geracional construído na oralidade. A exemplo, avó de Alika surge como uma referência de saber e afeto:

Yo, una joven negra, migrante, pobre, proveniente de un pueblo costero, esta Alika, que llegó a Popayán, podía demostrar de qué estaba hecha y que la violencia que se manifiesta por el color de mi piel no sería un motivo para no lograr mis sueños. En esos instantes recordaba la frase de mi abuela, la mayora Elena Hinestroza, una

sabedora de toda la ancestralidad y cultura negra, que también sufrió los infortunios de la sociedad por la violencia unida al racismo estructural y la discriminación racial que la obligaron a dejar su territorio.

–Mija, a nosotras las mujeres negras nos toca esforzarnos el doble para conseguir nuestras cositas, por eso estudie y sea la mejor. Y cuando se sienta abatida, cuando el racismo de esta sociedad me la agobie, tómese una agüita de pronto alivio, con canela y limoncillo, ya usted verá, mija, que me le alivia el corazoncito. Después sonría, tómese un vichecito y sale por sus sueños. –Me aconsejaba mi abuela. Sus palabras, cual marimba, retumbaban en mi memoria (Castillo, 2024, p. 228).

Elena Hinestroza é uma avó com nome e sobrenome, uma *mayora*, no livro *Voces de la equidad*, as *mayoras* aparecem como figuras femininas de sabedoria, respeito e influência nas comunidades afrocolombianas, possuem saberes ancestrais, que auxiliam na promoção da saúde e no bem estar da comunidade, oferecem cuidados físicos, emocionais e espirituais e trabalham na resolução de conflitos e preservação da cultura da comunidade.

No relato *Yurumanguireña*, de Fallolla Ibargüen nos apresenta uma parteira experiente da região do rio Yurumanguí, em Buenaventura, cuja voz narrativa compartilha os truques e conhecimentos que permitiram trazer a vida ao mundo. Esses saberes, outrora fundamentais para a sobrevivência e continuidade do povo têm sido paulatinamente relegados ao esquecimento em detrimento do saber biomédico:

Las mujeres solo escuchan a los doctores y reniegan de los saberes. Estas jóvenes ya no quieren aprender nada de la partería en la ciudad. Cuando nos vayamos se van a quedar sin todo lo que sabemos, aunque el orden natural es que primero mueran los viejos, con tanta guerra hoy en día ya ni se sabe quién se irá primero.

La que quiera, yo le enseño a partear al derecho o al revés. Nada más es que me digan, yo les enseño como curo un espanto y un mal de ojo, sólo es buscar las yerbas para solucionar los pesares. Amansa guapos, sábila, manzanilla, todo lo que da la tierra es para dar una solución. Pero en la modernidad ya nadie quiere tocar ninguna yerba, miran con rareza cuando se les dice que ojo con el cuajo, algunas mujeres paridas en el campo al caminar en la ciudad cambian el tema cuando les preguntan de dónde vienen, yo sin dudar tanto digo “orgullosamente yurumanguireña”. (Ibargüen, 2024, p. 33).

A recusa dos saberes ancestrais pelas novas gerações, ecoando a lamentação da *mayora*, paradoxalmente acentua a urgência e a potência da retomada desses mesmos saberes no contexto do deslocamento forçado. Em uma Colômbia marcada por essa violência cultural persistente, o desenraizamento imposto pelo deslocamento forçado não apenas fragmenta territórios físicos, mas também ameaça a continuidade dos conhecimentos tradicionais.

O deslocamento forçado, se entrelaça com outras formas de deslocamento no texto, desde a migração em busca de oportunidades até os deslocamentos subjetivos e emocionais vivenciados pelas personagens narradas no livro. Vale destacar que essa forma específica de migração, como ocorre no contexto colombiano, difere significativamente da migração econômica, comumente observada no Nordeste brasileiro. Enquanto esta é, em geral, motivada por questões socioeconômicas, o caso colombiano é marcado pela expulsão violenta de comunidades em razão do conflito armado e de graves violações dos direitos humanos.

Enquanto escrevo esse texto, leio uma coluna de solidariedade em relação às famílias vítimas de violência em Buenaventura, a cidade portuária mais importante de Colômbia, e infelizmente, um dos centros do conflito armado e da violência que afeta profundamente a comunidade afrodescendente do Pacífico colombiano. Aurora Vergara Figueroa e Deyner Alexis Caicedo Camacho (2025) no texto *El último gol de 'Vlacho'* iniciam o texto falando sobre o assassinato de um jogador de futebol de 24 anos e fazem a denúncia a violências nas ruas de Buenaventura. O texto nos conta que, segundo as autoridades, mais de 50 homicídios marcaram o primeiro trimestre de 2025 em Buenaventura, impulsionados pelo fim da trégua entre as organizações criminosas da região.⁴⁰

Na esteira das denúncias levantadas por analistas sociais, o conto de Liliana Riascos (2024), assim como as das demais escritoras do texto, transforma a literatura em um ato político, expondo com *cruenza* as violências do conflito armado colombiano. Em um dos momentos mais impactantes, a personagem Negra, ainda encurralada pela espera na fila, desdobra sua história diante da narradora protagonista:

⁴⁰ Disponível em: <https://elpais.com/america-colombia/2025-04-03/el-ultimo-gol-de-vlacho.html>
Acesso em abril de 2025.

–Lo que pasa es que a mi la vida me ha golpeado mucho. Yo soy de un territorio del Pacífico colombiano, Yurumanguí se llama. Es un río que disque pertenece a Buenaventura, pero usted sabrá que allá no llegan muchas cosas. No hay recursos como pa’ tener a los muchachos en buenas condiciones de vida y estudios, tampoco hay mucho trabajo, y por esa y otras razones la gente tiene que desplazarse de allá a Buenaventura a rebuscarse.

–¿Cuáles son las otras razones? –pregunté.

–Usted sabe— me contestó—. La violencia es pan de cada día en esos territorios. Guerrilla, paramilitares, la disputa por el control de la zona hacía que todos los días mataran a uno. Así estuviera metido o no en el cuento. A los líderes sociales les iba peor. Una vez encontraron el cuerpo de Prudencio Ponceña, uno de los líderes más reconocidos. Estaba despedazado en el mar. Lo habían picado solo porque dijo que no se iba a ir del pueblo. Él fue uno de los pocos que se enfrentó a esa gente, pues usted ya sabe cómo es que terminan cuando pasa eso. A Prudencio solo le pudieron encontrar su cadera y sus manos. Lo reconocieron por un tatuaje que tenía en una de ellas (Riascos, 2024, p. 101).

A fala de Negra revela que o deslocamento forçado não é apenas um movimento geográfico, mas uma ferida existencial. O território não é apenas espaço físico, mas um tecido de ancestralidade e pertencimento. Afinal, como recomeçar, a partir desse lugar?

O conto *La maldición de la casa siete*, de Sonia Alexandra Quiñones Mina (2024), também aborda esse fenômeno. A narrativa acompanha uma família negra que se muda para a casa número sete, local onde se manifesta uma antiga maldição ancestral, após um traumático deslocamento causado pela violência e a injustiça racial obrigando a família a deixar sua casa.

Dejamos atrás nuestra antigua casa. En Bonilla Aragón quedaron los recuerdos de una casa siempre llena de parientes que llegaban a esta ciudad huyendo de la guerra, buscando mejorar condiciones de vida y con el optimismo de las nuevas oportunidades. Ahí se quedaron grabadas las melodías de los vallenatos que entonaba mi padre “Ay, mi vida se me está acabando, ay, mi vida me has abandonado”; las tardes de domingo en la que él me mostraba la mejor técnica para sacarles las espinas al pescado y un sinfín de recuerdos que con el pasar del tiempo se fueron difuminando (Quiñones Mina, 2024, p. 49).

Diante do desarranjo imposto pela mudança, a protagonista busca compreender o novo ambiente marcado pela presença da maldição e pelas tensões

familiares, a curiosidade pela biblioteca da casa, embora inacessível, revela um desejo de encontrar conhecimento e poder, uma recusa em aceitar sua posição: “Confiaba en qué si descubría los secretos que guardan los libros, me darían el don de dominar las palabras y las personas me escucharían como a Natividad” (p. 55), este que era o seu tio.

A protagonista se via diante a uma biblioteca de livros, os quais somente tinha acesso em seus sonhos. E nos meus sonhos de criança, lembro de fazer coleção dos livros didáticos que encontrava em meu caminho, os livros didáticos eram os únicos, os quais eu podia ter acesso, porque em minha cultura familiar, não tínhamos o costume de ter ou comprar livros em casa. Os livros didáticos ficavam guardados em caixas de papelão nos cantos, de vez em quando eu revisitava, tinha o desejo de ter uma biblioteca de livros mesmo sem ter espaço para uma biblioteca.

De alguma maneira, eu sabia que ter livros era importante, quase tanto quanto lê-los. A única referência familiar de leitura que eu tinha era a da Bíblia. Com a Bíblia fechada, muitas vezes meu pai fechava os olhos e a abria, como se buscasse naquelas páginas algo que aplacasse a dor de nossas necessidades. E necessidades tínhamos muitas. Sonhos também.

Meu pai sonhava em alimentar o mundo. Como cozinheiro profissional, estava acostumado a cozinhas industriais, tinha a receita para aplacar a fome de uma multidão. Mas foi com minha mãe que aprendi, de fato, a cozinhar. Quando questionava o meu pai sobre o porquê não cozinhas em casa, ele respondia que não sabia cozinhar em pequenas proporções. Minha mãe me nutria nas miudezas.

Antes de ensinar a cozinhar, minha mãe já me dava pequenas instruções, enquanto realizava outras tarefas domésticas, ela me orientava a olhar o leite no fogão: quando o leite subia na panela, era a hora de apagar a chama. Era preciso estar atenta. Qualquer distração poderia fazer com que o leite sujasse todo o fogão. A experiência de cozinhar parecia mágica. O temor em relação ao fogo, mas ao mesmo tempo a sensação de ver algo se transformar diante dos meus olhos.

Laura Quintero Sarmiento (2024), em seu relato *Cuando las mujeres negras aman*, celebra a capacidade das mulheres negras de apoiarem-se mutuamente. Um exemplo disso manifesta-se nas memórias de Amparo, que evoca a sua relação com a avó Isabelina na cozinha, preparando tamales de piangua, um prato tradicional do

Pacífico colombiano. Neste contexto, a cozinha transcende a um lugar de felicidade, afeto e conexão familiar. Amparo expressa este sentimento ao dizer: "Lo que yo les quiero decir es que mi abuela me enseñó que la cocina tiene el poder de crear lazos y conectarnos con nuestras raíces" (p. 14). Este trecho marca como a cozinha pode ser um espaço de fortalecimento de identidade e transmissão de tradições culturais.

Em minha infância, eu costumava estudar e fazer atividades escolares na mesa da cozinha. Em uma das casas que moramos, era a única mesa que tínhamos, assim me acostumei a dividir a mesa e a cozinha com minha mãe, enquanto estudava, minha mãe estava em volta do fogão. O que esses momentos me comunicam para além de uma ausência relacionada a uma tradição familiar em que não havia leitura, é que nossas arquiteturas de afeto são capazes de conciliar, de partilhar e recriar espaços.

Hoje, pouco antes de regressar ao Brasil, escrevo da mesa da cozinha. Já não o faço por falta de outro espaço, mas sim porque me encontro fascinada com a vista da janela. E aqui, na cozinha, guardo um ensinamento que aprendi na canção de Nidia Góngora: "Recuerda, todo en vida!"

9 y disfrutar todo en vida ⁴¹

*No disimula sus cicatrices.
Se esciende, brilla
no se rinden.
Va a entregar un legado,
sabe que las negras que viven en dos siglos nunca mueren.
Luz Colombia Murillo*

Um mapa que aponta deslocamentos, essa foi a proposição inicial desta tese. E aqui estou eu, deslocada, sem saber ao certo para onde voltarei, porque o deslocamento que nos impulsiona ao movimento não é sempre uma posição de conforto. Criar uma escrevivência também implica em não conclusões, em dúvidas, em ficções para o fim do mundo, na radicalidade da imaginação, das fantasias e dos sonhos.

Acredito que a concretização do objetivo desta pesquisa tenha sido a criação de um mapa de contradições, de frestas e de sobrevivências. Um texto na busca da fuga do poder masculino, mas que ainda gravita em torno dele. Um texto na busca do fim mundo como o conhecemos, enquanto me esforço para sobreviver nesse mundo. Um texto na fuga de Deus com “D” maiúsculo institucionalizado, enquanto busco reconectar com minha fé. Um texto para criar rupturas com a ciência hegemônica, enquanto indago o meu próprio lugar na universidade. Um texto sobre a potência da escrita de mulheres negras, enquanto questiono e duvido da minha própria escrita.

Escrevo esse capítulo no primeiro semestre de 2025, há quatro anos o meu pai falecia e, por muitas vezes, sinto que nos esquecemos de termos vivido uma pandemia. A Covid-19 surgiu como uma atualização de violências estruturais que sempre marcaram o Brasil. Populações racializadas e periféricas foram as mais afetadas e vimos outra vez a indiferença e desprezo por nossas vidas. Não era somente um vírus, mas um projeto de morte que já estava em curso, ou seja, o mundo já estava em ruínas para muitas pessoas muito antes da pandemia.

⁴¹ Referência à música *Todo en Vida* de Nidia Góngora.

Aprendi e aprendo na relação, nos encontros, no cotidiano, com os vínculos. O que a minha pele e a minha carne me informam é: movimento. E nesse movimento, percebo que habito espaços que, embora marcados por lógicas coloniais, também carregam brechas e fissuras. Desvios. Mesmo quando a família foi território do exercício da normatividade, nela também reúno cuidado, histórias e afetações que me sustentam. Mesmo quando a universidade nos empurra em direção ao universalizante, é nela que sigo perseguindo uma escrita que escuta os afetos e o corpo, este que abriga memórias e que desafia o rigor excludente das epistemologias dominantes.

Mesmo quando a rua se impunha como perigo, era nela que eu encontrava espaço para a contemplação, para os registros e para as esperas. Mesmo quando o transporte coletivo se colocava como um limite, ainda era a partir da rua que eu podia inventar novas ficções para a liberdade, caminhar, ver a lua numa tarde de setembro, dialogar com os textos nos muros da cidade. Assim, mesmo quando a cidade parecia submetida a um projeto de endurecimento, que convertia cada canto em concreto ou em território funcional ao agronegócio, ela ainda resistia. Ainda se fazia lugar de respiro, onde as dinâmicas do cotidiano escapavam às normas rígidas do meu contexto religioso, familiar e acadêmico.

Escrevi em meu diário há mais de uma década: “Não sei se escrevo bem, se escrevo mal, sei que agora escrevo e não sei se existiria caso eu não conseguisse escrever (...) só sei que agora escrevo”, o que trago hoje é a construção de uma escrita que aparece como possibilidade de afirmação da vida, uma inscrição na existência por intermédio das palavras:

[...] porque yo toco este mundo con palabras
porque en las palabras estoy yo

¿o no?
¿no soy yo? (Lara, p. 44, 2020)

A poeta colombiana Maria Gomez Lara (2020) nesse poema me convida a pensar nossa presença e existência por meio das palavras. Sua indagação: afinal, estaria eu nas palavras ou as palavras não são eu? Me faz pensar na interdependência entre os sujeitos, na ideia de que necessitamos uns dos outros e da linguagem para

que possamos existir. Em continuidade, o poema *UNA CICATRIZ*, nos indaga sobre como nomeamos nossas estratégias de sobrevivência, como damos forma às feridas que nos atravessam e, ao mesmo tempo, nos constituem. A cicatriz, então, aparece como marca da ferida, mas também de existência: aquilo que fica.

[...] de qué están hechas las heridas
cuántas veces me rompieron
cómo hice para curarme
y para tejer cicatrices

dónde quedó esa huella
si no puedo borrarla
si está siempre guiándome
si yo soy la silueta de esa herida
si camino a su paso

dónde quedó esa huella
que me hizo ser quien soy

cómo me cosí esa cicatriz (Lara, p. 52, 2020).

Neste trabalho, apresentei feridas coloniais que moldaram minha subjetividade sob o signo da violência racial: o sistema de apagamento e negação sistemática da possibilidade de construção de uma identidade negra afirmativa, o anulamento das possibilidades de autoconhecimento e pertencimento, a autoatribuição da culpa pelas desigualdades que, na realidade, estruturam o próprio sistema racial.

Feridas que não nasceram comigo, mas foram introjetadas por uma ordem colonial racista que persiste no presente, reproduzindo a desumanização como norma. Como fiz para curar-me e tecer cicatrizes? Por um nós. Se por um lado, existiu, a autodestruição, o isolamento e a fragmentação. Por outro lado, existia a escrita de nós, a escrevivência, em que podia atravessar as encruzilhadas e dar forma ao que por tanto tempo foi silenciado: feridas que não são só minhas, mas históricas e coletivas. Feridas que ainda estão em processo de cicatrização, remendadas pouco a pouco pela fala, pela partilha, pela escuta e pelo cuidado que só a comunidade sustenta. Coser uma escrevivência só é possível porque existe um **nós** que sustenta, que lembra, que cura.

Existe algo que tenho observado sobre o exercício de tecer uma escrevivência: o convite, a expansão, nenhuma de nós desejamos ser únicas, estamos empenhadas na criação e na construção de espaços coletivos, onde seja possível falarmos, sermos escutadas, abrigar, comer e partilhar.

A companhia silenciosa das histórias em quadrinhos e dos poemas, o caderno onde copiava poesias, as cartas de amor, as redações escolares, os diários que guardavam as minhas verdades. Eu me movia entre os silêncios e os silenciamentos. Por ser silenciosa, a escrita dos diários era onde eu podia falar em voz alta, ter um espaço de enunciação.

Eu levava um pequeno caderno na mochila para a escola e, às vezes, até para a igreja, porém a maior parte dos registros ocorria em casa. Ali, eu questionava a Deus na escrita, ali eu interrogo as normas, questiono a vida. E esses questionamentos, foram embriões para fazer rupturas. Quando eu produzo a materialidade dos meus pensamentos e desejos por meio da escrita, eu me movo na vida.

A escrita me dava passagem e abria frestas. Produzia um contra arquivo sobre os espaços institucionais. Nos diários, eu ousava fazer o exercício de nomear o que doía, desejar o que eu não podia, desobedecer o que me ensinavam como certo. Era ali que eu aprendia que escrever era uma saída para sobrevivência, mas também de viver de um jeito mais inteiro. A escrita me levou a todos os cantos por onde caminhei. Cada lugar em que estive foi, de algum modo, antecedido por ela: a primeira viagem de avião, o primeiro pôr do sol visto da areia da praia, a primeira namorada etc. Porque antes de viver, eu escrevia, eu sonhava... Porque, antes, havia palavras.

E as palavras, não necessariamente, estavam escritas a priori, eram aquelas que estavam presas na garganta, mas apareciam nas orações, nas conversas íntimas com amigas e amigos e nas salas brancas dos terapeutas em que passei. A psicoterapia também foi um espaço de negociação das minhas palavras, uma estratégia para que eu pudesse reclamar um lugar para mim e conseguir me articular no meu contexto familiar e abandonar a igreja.

A igreja aparece aqui como um espaço que me ensinava que há um tempo certo para tudo: para falar, para calar, para se levantar e para se sentar. Antes mesmo de ir à escola, era a igreja que me apresentava, por meio da arquitetura do espaço, a

ideia de que o mundo é dividido, há lugares previamente marcados, organizados por idade, gênero e estado civil.

Foi ali que aprendi que existe uma maneira adequada de se portar, de se vestir, de estar no mundo. E o mundo está dividido entre aqueles que sabem se portar de maneira adequada e aqueles que vão ao inferno. Para além das ações pontuais de entrega de cestas básicas, motivadas pela caridade, posso dizer que a igreja não desempenhava nenhum papel em questionar ou remediar de maneira efetiva o sofrimento advindo das nossas vidas empobrecidas, mas ela nos oferecia um lugar em que poderíamos ser e pertencer na comunidade, ofertava sentidos e significados para a vida, ofertava a esperança e o sonho de uma vida eterna e sem dor. E precisamos de sonhos...

De certo modo, a igreja me habilitou a transitar por espaços institucionalizados sem maiores conflitos. Porque, embora eu já tivesse rompido com minha crença religiosa e fosse, em determinado ponto, insubmissa às doutrinas daquele lugar, havia algo daquela estrutura que permanecia, algo que também está presente em outras instituições. Ainda há, em muitos espaços, um tempo certo para tudo: para falar, para calar, para se levantar e se sentar. E eu era boa nisso: em ser disciplinada, em obedecer às regras, em cumprir prazos.

Havia uma vontade imensa de fazer algo da minha vida que fosse radicalmente diferente do que eu via no lugar em que cresci. Havia, genuinamente, uma crença, alimentada também por meus pais, de que estudar poderia me apresentar a possibilidade de uma outra vida, assim como, a igreja tinha um determinado saber como forma de salvação, a universidade mantinha a mesma promessa. Em suas formas hierárquicas, em suas normas, aquelas ditas e não ditas, a universidade tinha características que eu já conhecia e que me faziam adaptar-me bem ali. Algo que me fazia ser uma aluna com um coeficiente de rendimento muito acima da média, mesmo quando eu não possuía a infraestrutura, o background e os recursos materiais necessários.

Parte do que hoje nomeiam como responsabilidade, pontualidade e disciplina, eu aprendi sob outros nomes: obediência, sacrifício e renúncia. E não é incomum que nos espaços acadêmicos, seja presente o discurso cristão meritocrático de que a aprendizagem verdadeiramente só poderia ocorrer mediante a dor e ao sofrimento.

No decorrer da minha trajetória na universidade, percebi que muitos dos espaços que forjaram as referências intelectuais que elegi não estavam institucionalizados como projetos pedagógicos de curso, currículos, planos de ensino ou grupos de pesquisa. Essas referências nasceram, sobretudo, das relações que construí a partir daquele lugar, relações marcadas por um desejo comum de pensar e construir saberes a partir de perspectivas negras. Foram nessas trocas que se criaram outros espaços de conhecimento, onde líamos textos, partilhávamos compreensões, dúvidas e questões. Mas é importante dizer: muito disso só aconteceu nos momentos finais da minha passagem pela graduação.

Se as relações foram fundamentais para a minha formação intelectual, é igualmente necessário lembrar das relações que contribuíram para a materialidade da existência em todos os aspectos. Ter amigas e amigos, ser vista, construir vínculos de afeto, dividir momentos de lazer, descanso e riso, nada disso era distração, pelo contrário: esses espaços são cruciais para a manutenção da vida. Com minhas amigadas, partilhei refeições, companhia, cervejas, caronas, abrigo emocional, livros e leituras.

Meus amigos também foram minha rede de sobrevivência e amor, foram tão imprescindíveis quanto o apoio financeiro do meu pai, o cuidado doméstico constante da minha mãe e o suporte emocional de ambos, para que eu pudesse estudar. Talvez o fato de ser mulher, em um contexto em que os papéis de gênero estavam rigidamente definidos, também tenha me protegido, ao menos em parte, da exigência familiar por um trabalho que contribuísse significativamente com a subsistência da casa.

Da mesma forma, todos os auxílios universitários e bolsas de pesquisa, que, na prática, funcionam como bolsas de subsistência, e não propriamente para o desenvolvimento de pesquisas, ainda que precários, não podem deixar de ser reconhecidos como condição mínima para a permanência e continuidade material da minha vida acadêmica.

A migração também se apresentou como uma estratégia familiar de sobrevivência, um modo de resistir, de criar saídas onde faltavam caminhos. E também se inscreve na minha história quando me mudo para a cidade de São Carlos. Não se tratou apenas de sair da casa dos meus pais: foi um rompimento com as

negociações afetivas que eu mantinha com a cidade de Rondonópolis. Migrar, para mim, foi necessário, porque eu precisava experimentar que novos vínculos podiam ser construídos, que outras formas de pertencimento poderiam existir.

Nos trânsitos possibilitados pela minha vinculação acadêmica, chego à cidade de Cali, é daqui que escrevo este último capítulo, olhando pela janela, imensamente agradecida pelos encontros que a literatura tem me proporcionado, os encontros com as pessoas, com as palavras que nomeiam, ferem e curam.

Considero que estamos chegando ao fim dessa tese e confesso que assumir uma posição de autoria é estar em tensão, no confronto com as limitações advindas do meu próprio processo de formação e as imposições das formas acadêmicas. Mas, eu estive em busca de apresentar um ponto de vista, trazer um conhecimento encarnado que nos auxilia na crítica ao campo educacional, partindo de um desejo profundo de romper com o mundo tal como está dado, com sua hostilidade excludente, tanto nos espaços quanto nas subjetividades moldadas pelos currículos e pelas estruturas escolares e acadêmicas.

Escrevo essa tese com a mesma alegria de quando tive minha crônica publicada no blog da professora de português, com a mesma alegria de levar um livro do Drummond para casa, de pedalar na Avenida Rosa Bororo em Rondonópolis, de receber amigas no meu apartamento em São Carlos, de ler Audre Lorde na minha cama e de cozinhar uma receita nova como quem faz magia.

Escrevo, sobretudo, com a certeza de que é pelas palavras que criamos universos. Sinto que existe algo de espiritual e ancestral quando alguém aprende a ler e a escrever, porque podemos inventar mundos a partir do verbo, porque podemos inventar outros modos de existir, de nos inscrevermos no mundo, de recusa ao não-ser.

É por isso que sigo no desejo de desfrutar tudo em vida, como canta Nidia Góngora, porque desfrutar é também abrir frestas no cotidiano para o que não foi aniquilado, para o que insiste em pulsar, mesmo quando o mundo tenta nos apagar. É o gesto de reivindicar presença, onde tantas vezes nos fizeram caber apenas pela ausência. Seguimos criando sons, imagens, memórias, sonhos e palavras para desafiar o impossível.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.
- ARAÚJO, Youseth Ariza; SINISTERRA OSSA, Lizeth. *Celebrando Comunidad*. Cali: Centro de Estudios Afrodiaspóricos (CEAF), Universidad Icesi, 2024.
- BÁRCENAS, Flor. Pássaros nas unhas. In: SINISTERRA OSSA, Lizeth (Org.). *Voces de la equidad*. Cali: Universidad Icesi, 2024. p. 85-98.
- BORGES, Rosane. Escrivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. In: *ESCREVIVÊNCIA: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2005.
- CASTRO ÁLVAREZ, Vanessa. Victoria. In: SINISTERRA OSSA, Lizeth (Org.). *Voces de la equidad*. Cali: Universidad Icesi, 2024. p. 63-84.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo Editorial, 2019.
- DANNEMANN, Ângela. Vivências da absorção e da expressão. In: *ESCREVIVÊNCIA: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia errante: derrames líricos (e outros nem tanto, ou nada)*. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. In: *ESCREVIVÊNCIA: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. v. 1, p. 26-46, 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed, Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade*. Belo Horizonte: Scripta, v. 13, n. 25, 2009.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2014.

- FELISBERTO, Fernanda. Escrivivência como rota de escrita acadêmica. In: *ESCREVIVÊNCIA: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. p. 164–181, 2020.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. São Paulo: Forma Certa, 2019.
Disponível em:
<https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>.
Acesso em: mar. 2025.
- FEDERAL, Senado. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia: Relatório Final. Brasília: Senado Federal, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista ciências sociais hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.
- hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- hooks, bell. Intelectuais negras. *Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995.
- hooks, bell. Mulheres negras: moldando uma teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 16, p. 193–210, abr. 2015.
- JAMILA, Abayomi. Os corpos que se foram e os sonhos que continuam aqui: chorar a perda e celebrar a vida de quem amamos. In: MOURA, Iago et al. (Orgs.). *Cutucando o cu do cânone: insubmissões teóricas e desobediências epistêmicas*. 1. ed. Salvador, BA: Devires, 2022.
- JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.
- LARA, María Gomez. *El lugar de las palabras*. Editorial Pre-Textos, 2020.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. São Paulo: Autêntica, 2019.
- MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, n. 26, p. 63–81, 2003.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Editora Cobogó, 2021.
- MOSQUERA, Katherine. Arón. In: SINISTERRA OSSA, Lizeth (Org.). *Voces de la equidad*. Cali: Universidad Icesi, 2024. p. 121–134.
- NASCIMENTO, tatiana. Literary cuírlombism: black lgbtqi poetry exorbitating the paradigm of pain. *Caribbean Review of Gender Studies*, n. 14, p. 211–232, 2020.
Disponível em:
https://sta.uwi.edu/crgs/december2020/documents/CRGS_14_Pgs211-232_TNascimento_black%20lgbtqi%20poetry-FINAL.pdf. Acesso em: 1 maio 2025.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2021.

QUIÑONES MINA, Sonia Alexandra. A maldição da casa sete. In: SINISTERRA OSSA, Lizeth (Org.). *Voces de la equidad*. Cali: Universidad Icesi, 2024. p. 41-62.

QUINTERO SARMIENTO, Laura. Quando as mulheres negras amam. In: SINISTERRA OSSA, Lizeth (Org.). *Voces de la equidad*. Cali: Universidad Icesi, 2024. p. 245-260.

RAMOS CASTILLO, Ginna Liceth. Alike. In: SINISTERRA OSSA, Lizeth (Org.). *Voces de la equidad*. Cali: Universidad Icesi, 2024. p. 223-244.

RIASCOS, Liliana. A longa espera. In: SINISTERRA OSSA, Lizeth (Org.). *Voces de la equidad*. Cali: Universidad Icesi, 2024. p. 99-120. *lo*: Editora Perspectiva, 2021.

SANTOS, Gersiney; SANTOS, Daiane Silva. Epistemologias de reexistência: um diálogo teórico-metodológico entre interseccionalidade e aquilombagem crítica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27, p. e270028, 2022.

SANTOS, Daiane Silva. *Olhares para uma Literatura Afro-brasileira: Memórias de Infância e Educação nos Contos de 'Olhos D'água'*. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2021.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*, 4ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Rosimeire Barboza da; SANTOS, Gersiney. Aquilombar, verbo intransitivo: experimentações dialogadas entre Clóvis Moura e Beatriz Nascimento em aquilombagem crítica. *Confluênze – Rivista di Studi Iberoamericani*, v. 14, n. 2, p. 351-380, 2022.

SINISTERRA OSSA, Lizeth (Org.). *Voces de la equidad*. Cali: Universidad Icesi, 2024. Disponível em: <https://www.icesi.edu.co/editorial/voces/> Acesso em junho de 2025.

SOBRAL, Cristiane. Banzo. In: SOBRAL, Cristiane. 2011. Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com/2011/01/banzo-poesia-de-cristiane-sobral.htm> l. Acesso em: 30 abr. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.